



UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO - FUNDAJ
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, CULTURAS E IDENTIDADES - PPGEI

JOSÉ ARTHUR DA SILVA SANTOS

**A ESCUTA SENSÍVEL DE ADOLESCENTES NO PROGRAMA *PODE FALAR*
ATRAVESSADA PELA PERSPECTIVA DOCENTE**

Linha 2 - Desenvolvimento e Processos Educativos e
Culturais da Infância e da juventude

RECIFE

2023

JOSÉ ARTHUR DA SILVA SANTOS

**A ESCUTA SENSÍVEL DE ADOLESCENTES NO PROGRAMA *PODE*
*FALAR ATRAVESSADA PELA PERSPECTIVA DOCENTE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Fundação Joaquim Nabuco como um dos requisitos parciais para obtenção do título de mestre em Educação, Culturas e Identidades.

RECIFE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237e

Santos, José Arthur da Silva

A escuta sensível de adolescentes no programa pode falar atravessada pela perspectiva docente / José Arthur da Silva Santos. - 2023.
104 f. : il.

Orientador: Hugo Monteiro .

Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, Recife, 2023.

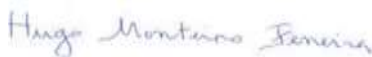
1. Adolescentes. 2. Docentes. 3. Escuta Sensível. 4. Pode Falar. I. , Hugo Monteiro, orient. II. Título

CDD 370

JOSÉ ARTHUR DA SILVA SANTOS

A ESCUTA SENSÍVEL DE ADOLESCENTES NO PROGRAMA *PODE FALAR* ATRAVESSADA PELA PERSPECTIVA DOCENTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Fundação Joaquim Nabuco como um dos requisitos parciais para obtenção do título de mestre em Educação, Culturas e Identidades.



Prof.º Dr.º Hugo Monteiro Ferreira (Orientador)
UFRPE – FUNDAJ



Prof.º Dr.º Humberto da Silva Miranda
(Examinadora Titular Interna)
UFRPE – FUNDAJ



Prof.ª Dr.ª Nanci Helena Rebouças Franco
(Examinador Titular Externo)
UFBA

Prof. Dr. (Examinador Suplente Interno)



Fonte: desenho feito pelo autor e nomeado de Benzimento de lavanda, para lembrar da calma necessária ao processo de escrivência, 2023.

“O que as pessoas mais desejam é alguém que as escute de maneira calma e tranquila. Em silêncio. Sem dar conselhos. Sem que digam: ‘Se eu fosse você...’ A gente ama não é a pessoa que fala bonito. É a pessoa que escuta bonito. A fala só é bonita quando ela nasce de uma longa e silenciosa escuta. É na escuta que o amor começa. E é na não-escuta que ele termina. Não aprendi isso nos livros. Aprendi prestando atenção. Todos reunidos alegremente no restaurante: pai, mãe, filhos, falatório alegre. Na cabeceira, a avó, com sua cabeça branca. Silenciosa. Como se não existisse. Não é por não ter o que dizer que não falava. Não falava por não ter quem quisesse ouvir. O silêncio dos velhos. No tempo de Freud as pessoas procuravam os terapeutas para se curarem da dor das repressões sexuais. Aprendi que hoje as pessoas procuram os terapeutas por causa da dor de não haver quem as escute. Não pedem para ser curadas de alguma doença. Pedem para ser escutadas. Querem a cura para a dor da solidão”.

(Rubem Alves, O Amor que ascende a Lua)



AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo a Deus, pelo seu amor e cuidado. Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente.

Agradeço a minha família que também faz parte desse sonho, as minhas mães, Noêmia e Antônia, e aos meus pais, Benedito e o Artur.

Agradeço também a minha querida irmã Karinne, e ao meu irmão Jeferson, amo vocês.

Agradeço de coração ao meu professor e orientador, Hugo Monteiro Ferreira, por todos os ensinamentos, paciência e cuidado. Tem a minha eterna gratidão e meu carinho e meu respeito por toda a vida. Obrigado, você me ensinou a doçura da vida.

Deixo aqui a minha eterna gratidão, e agradecimento aos membros do GETIJ, pelos ensinamentos e a força.

Agradeço ao Pode Falar (UNICEF), pela oportunidade de aprender com esses adolescentes e jovens de todo o Brasil.

Agradeço à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), e à Fundação Joaquim Nabuco e ao Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação, Culturas e Identidades, pela oportunidade e conhecimentos adquiridos durante todo este período.

Agradeço a todos os professores que passaram, ajudando a andar por o caminho desafiador da educação. À todos vocês, minha eterna gratidão. Muito obrigado, mesmo!

E finalizo agradecendo com muita simplicidade e através do Ho'oponopono a todos os seres antes, durante e depois de mim que fizeram e fazem deste trabalho ser uma escrita viva. Sinto muito. Me perdoe. Te amo. Sou grato.

Fonte: desenho feito pelo autor e nomeado de Florescimento, para lembrar da do que estar por vir, inclusive, após leitura deste trabalho, 2023.



RESUMO

O programa Pode Falar surge como um espaço em que adolescentes e jovens podem informar sua demanda, de forma anônima, passar por uma triagem automatizada e ter uma resposta imediata, a depender da complexidade de sua questão, com indicação de materiais de apoio, informações e serviços. O objetivo geral deste trabalho é compreender a importância da escuta sensível no Programa Pode Falar, a partir da perspectiva de atendentes-docentes. Estes últimos, sujeitos da pesquisa, incentivados por meio da minha participação como profissional da educação e atendente do próprio programa. Os objetivos específicos são: identificar as principais queixas advindas de adolescentes atendidos no e pelo Pode Falar; analisar como os seus atendentes atuam no atendimento de adolescentes que procuram ajuda; estabelecer uma relação entre o atendimento no Pode Falar e a escuta sensível de professores de adolescentes. O objeto de estudo dessa pesquisa surgiu do meu primeiro contato com parte daquilo que pretendo pesquisar: a escuta. Os caminhos metodológicos abraçam a abordagem qualitativa, perpassando a revisão de literatura e pesquisa participante. Segundo Brandão e Borges (2007), a pesquisa participante abrange o compromisso social, político e ideológico do investigador com a comunidade, com suas causas sociais. É um momento de trabalho de educação popular realizado *junto com e a* serviço de comunidades, grupos e movimentos sociais. A questão problematizadora cerne que mobiliza a pesquisa provém das seguintes perguntas: qual a importância da escuta sensível de atendentes-docentes do Programa Pode Falar em relação às principais queixas dos/as adolescentes atendidos? Levantando, com isso, a seguinte hipótese: o espaço educacional, embora seja com base na fala e escuta esse proceder, às vezes, se resume a conhecimentos didáticos, anulando as adolescências em sua integralidade e outras necessidades do que possa ser dito e, consequentemente, escutado de forma sensível e benéfica (sem julgamentos ou teor avaliativo). A justificativa social encontra acolhimento na cartilha da Fiocruz: os impactos da pandemia de COVID-19 – na saúde mental – podem apresentar desde reações normais e esperadas de estresse agudo, por conta das adaptações à nova rotina, até agravos mais profundos no sofrimento psíquico. Tendo em vista as estatísticas que apontam o aumento dos casos de tentativas de suicídios após eventos extremos, identifica-se como fundamental o desenvolvimento de estratégias de prevenção, acompanhamento e posvenção, visando o bem-estar da população. Sendo a teia de saberes criada através das linhas dos seguintes autores referências: Barbier, Rogers e Freire. As análises das entrevistas de três atendentes-docentes e quatro docentes contribuíram para as considerações finais: trazendo os indicadores da pré escuta sensível, ou seja, elementos cruciais para conseguir ouvir

sensivelmente representam os achados: empatia, reciprocidade, sensibilidade, confiança, diálogo e ausência de julgamento. Sendo representados pelas águas (cachoeira). E, os indicadores da pós escuta sensível sendo: intuição, transformação, encorajamento, sensibilidade e aprendizado. Sendo representados pelo elemento fogo (ciranda de fogo). Como descoberta, percebeu-se que a categoria sensibilidade é comum tanto na pré como na pós escuta sensível. Vamos, então, exercitar a sensibilidade.

Palavras-chave: Adolescentes; Docentes; Escuta Sensível; Pode Falar.

ABSTRACT

The Pode Falar program emerges as a space where adolescents and young people can anonymously inform their demand, undergo an automated screening and receive an immediate response, depending on the complexity of their question, with indication of support materials, information and services. The general objective of this work is to understand the importance of sensitive listening in the Pode Falar Program, from the perspective of teaching assistants. The latter, research subjects, encouraged through my participation as an education professional and attendant at Pode Falar itself. The specific objectives are: to identify the main complaints arising from adolescents assisted in and by Pode Falar; to analyze how Pode Falar attendants act in the care of adolescents who seek help; to establish a relationship between the service at Pode Falar and the sensitive listening of teachers of adolescents. the object of study of this research, emerged from my first contact with part of what I intend to research in 2022: listening. The methodological paths embrace the qualitative approach, permeating the literature review and participant research. According to Brandão and Borges (2007), participant research encompasses the researcher's social, political and ideological commitment to the community, with its social causes. Yes, a moment of popular education work carried out together with and at the service of communities, groups and social movements. The core problematizing question that mobilizes the research comes from the following questions: what is the importance of sensitive listening by the Pode Falar program's attendants in relation to the main complaints of the adolescents assisted? Raising, with this, the following hypothesis: that the educational space, although based on speech and listening, sometimes boils down to didactic knowledge, annulling adolescence in its entirety and other needs of what can be said and, consequently, listened to in a sensitive and beneficial way (without judgments or evaluative content). The social justification finds acceptance in the Fiocruz booklet: the impacts of the COVID-19 pandemic – on mental health – can range from normal and expected reactions of acute stress, due to adaptations to the new routine, to deeper injuries in psychological distress. Bearing in mind the statistics that point to an increase in cases of suicide attempts after extreme events, the development of prevention, follow-up and postvention strategies is identified as fundamental, aiming at the well-being of the population. Being the web of knowledge created through the lines of the following authors references: Barbier, Carl Rogers and Paulo Freire. The analyzes of the interviews with three teaching assistants and four professors would contribute to the final considerations: bringing the indicators of sensitive pre-listening, that is, crucial elements to be able to listen sensitively represent the findings: empathy, reciprocity, sensitivity, trust, dialogue

and absence of judgment. Being represented by the waters (waterfall). And, the indicators of the sensitive post-listening being: intuition, transformation, encouragement, sensitivity and learning. Being represented by the fire element (fire ring). As a discovery, it was noticed that the sensitivity category is common both in pre and post sensitive listening. So let's exercise sensitivity.

Keywords: Adolescents; teachers; Sensitive Listening; He can talk.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO-MEMORIAL	11
2 OBJETIVOS	23
2.1 OBJETIVO GERAL.....	23
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	23
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	24
3.1 ABORDAGEM	24
3.2 MÉTODO	25
3.3 TÉCNICAS.....	27
3.4 INSTRUMENTOS	29
3.5 LOCUS	29
3.6 SUJEITOS DA PESQUISA	30
3.7 PASSOS DA PESQUISA.....	30
4 CAMINHOS TEÓRICOS	35
4.1 A ESCUTA SENSÍVEL	35
4.2 A ESCOLA.....	45
4.3 ADOLESCÊNCIAS: CONCEITUAÇÕES ATRAVÉS DA ESCUTA SENSÍVEL	51
4.4 ADOLESCÊNCIAS: COSTURANDO OS CONCEITOS DA OMS, CF/88 E DO ECA.....	52
4.5 OS ATENDENTES-DOCENTES: QUEM EXERCE A ESCUTA	55
4.6 PODE FALAR: UM ESPAÇO DE ESCUTA ÀS ADOLESCÊNCIAS.....	57
5 ANÁLISE EM MOVIMENTO	62
5.1 INFINITAS POSSIBILIDADES	63
6 CONSIDERAÇÕES INFINDAS	81
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICE A	87
APÊNDICE B	90
APÊNDICE C	94
APÊNDICE D	96
APÊNDICE E	98
APÊNDICE F	100
APÊNDICE G	102
APÊNDICE H	103

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pataxó reproduz som de pássaro	36
Figura 2 – Escola como lugar de paz e escuta.....	45
Figura 3 – Página inicial do site.	57
Figura 4 – Distribuição por Gênero dos atendimentos de 2021.	58
Figura 5 – Total de atendimentos finalizados por mês em 2021.....	58
Figura 6 – Quantidade de usuários por estado e idade em 2021.	59
Figura 7 – Fluxo de atendimento Pode Falar.....	59
Figura 8 – Tirinha do Quino	69
Figura 9 – Cachoeira dos indicadores da pré-escuta sensível	71
Figura 10 – Indicadores da pós escuta sensível.....	78

1 INTRODUÇÃO-MEMORIAL

Eu Vou Conseguir

*Eu achei que fosse só
 Uma fase ruim qualquer
 Mas não era
 Tomou conta de mim
 Tudo foi perdendo a cor
 O alimento, o sabor
 Assim como eu perdi
 E me perdi
 Eu já nem sei mais respirar
 Confesso que eu não tô bem
 Alguém aí pode me ouvir?
 Não quero desistir
 Não é fraqueza em mim, é só cansaço
 Mas eu sobrevivi aos meus piores dias, sim
 Eu tenho força em mim
 E eu posso acreditar que
 eu vou conseguir
 Juro que não é mentira
 Frescura, preguiça ou coisa assim
 Ouvir isso é ruim
 Não queria sentir dor
 Mas até me dá pavor
 Essa pressão pra me sentir feliz
 Eu já nem sei mais respirar
 Confesso que eu não tô bem
 Alguém aí pode me ouvir?
 Não quero desistir
 Não é fraqueza em mim, é só cansaço
 Mas eu sobrevivi aos meus piores dias, sim
 Eu tenho força em mim
 E eu posso acreditar que eu vou conseguir
 Acreditar que eu vou conseguir.
 (Kell Smith).*



Fonte: desenho feito pelo autor e nomeado de Proteção das mulheres em minha vida, para lembrar das várias maternagens do caminho (mãe, avó, amigas), 2023.

A introdução começa com a música acima, que toca minha história, compartilhada nas próximas linhas como uma introdução-memorial. Para que a pesquisa possa fazer sentido ao outro, começou a fazer sentido em mim. Tocar e deixar ser tocado pela pesquisa, talvez seja este o processo primeiro de escutar. "Alguém aí pode me ouvir? Os versos da canção expressam os momentos de dores e o desejo do coração de menino; uma criança que, presa aos episódios de violência e intimidação, clamava por socorro – alguém que me tirasse daqueles momentos ou que pudesse me escutar" (O pesquisador).



Fonte: desenho feito pelo autor e nomeado de Vem Brincar, Arthur, para chamar a infância em mim como a criança interior que muitas vezes nos estende à mão, 2023.

O desenho que abre o diálogo da introdução-memorial foi pintado à mão e representa a conexão com minha infância: eu, menino Arthur. De cidade pequena, de interior, de gratidão por saberes que ainda iriam chegar e gratidão pelos saberes da minha terra. Por isso, os capítulos são nomeados, refletindo a ideia de trajetória, caminhos e movimentos; justamente, para lembrar sempre de onde eu vim.

O início do ano letivo para muitas crianças e adolescentes se torna um momento mágico de muita alegria, entusiasmo, euforia e/ou de grande ansiedade. Assim, a escola acaba se tornando um espaço para muitas vivências, partilhas e aprendizagens. Além de todas essas maravilhas, o espaço escolar pode, muitas vezes, se tornar um cenário marcado por muitos conflitos que, não obstante, podem marcar toda uma vida.

Vítima desses conflitos¹ dentro do espaço escolar, e que abalaram, consequentemente, a minha saúde mental e socioemocional, os mesmos foram vivenciados ao longo dos anos iniciais e finais no meu ensino fundamental, nos anos 90. O cenário foi a Escola Municipal Francisco Manoel de Oliveira, localizada no Centro do Povoado de Lagoa Redonda, no Município de Porto da Folha, Sergipe. Naquela escola tão pequena, com apenas quatro salas, um pátio, uma secretaria, uma cozinha, dois banheiros – sendo um banheiro para as meninas e outro para os meninos, ali estava eu: José Arthur da Silva Santos, criança negra, tímida e feliz por estar iniciando o ano letivo e'm uma nova escola; alegria que, depois de uns meses, se tornaria sentimentos de tristeza, dor, medo e desespero. Filho de Benedito José dos Santos, um agricultor, e de Noêmia da Silva Santos, uma vendedora. Naquele ano, estava iniciando o 4º B do ensino fundamental, em uma turma com mais ou menos 35 alunos, no turno vespertino.

O que eu vivenciei, hoje se traduz entre as principais queixas e motivos de procura de atendimento psicológico para crianças. Assim como foi apresentado por Maturano, Torner e Elias (2005), os autores haviam há algum tempo compilado alguns importantes achados de pesquisa sobre as queixas de crianças no atendimento de saúde mental, tais como: o fato de as queixas sobre a escola serem o principal motivo da procura pelo atendimento psicológico e o fato de que em meio à população infantil com problemas escolares, há a prevalência de altas taxas de problemas emocionais e comportamentais, além do predomínio entre os meninos.

Para Bullock (2002), a violência nas escolas é um problema que tende a aumentar sempre que não é intervencionado por técnicos ou não são utilizadas estratégias adequadas para promover o fim da questão. De acordo com Abramovay e Rua (2003), a violência escolar é um fenômeno antigo e um problema social que pode ocorrer, conforme já classificado pela ciência e adotado pelo senso comum, como indisciplina, delinquência, problemas de relação professor-aluno ou mesmo aluno-aluno. Concordo com Ferreira (2022, p. 62), quando afirma que a violência que habita na escola é “[...] complexa, multifacetada; seus motivos, suas causas, suas razões não são simples nem fáceis de identificar e tratar, mas, como todo fenômeno complexo, se não enfrentada, se não trabalhada, pode ser algo devastador”.

O espaço escolar que outrora eu sentia desejo em participar, não fazia mais sentido. Havia se transformado em espaço de medo, insegurança e dor, no qual a falta da escuta, empatia do diálogo e acolhimento não existia, os efeitos de todo esse mal traziam consequências marcantes para a minha saúde socioemocional e\ou mental, isso tudo sendo uma criança, estudante dos primeiros anos do ensino fundamental. Aquela pequena escola já não era mais “só um espaço de aprendizagem, mas de traumas”, assim como nos ensina Ferreira (2022, p.

¹ Violência escolar, intimidação sistemática – *bullying*.

56). O autor ainda nos alerta que é urgente que aprendamos a ler sinais não verbais, a ouvir silêncios, a perceber comportamentos, a abrir espaço para o diálogo e, também, de amorosidade dentro de nossas casas, em nossas escolas, entre nós (FERREIRA, 2022, p. 119).

E qual seria o meu objeto de pesquisa? Conforme os relatos que trouxe e aqueles que ainda pretendo trazer ao longo deste trabalho, fica evidenciado que desde cedo eu tive contato com meu objeto de pesquisa, qual seja: a escuta ou a ausência dela. Não me era tão consciente o fato de que haviam me faltado escuta, empatia e acolhimento nos meus tempos de infância.

Em meio a momentos de estudos, pesquisas e evolução acadêmica², o tema ressurgiu em mim, não apenas como conteúdo de formação para ser um atendente do Pode Falar, e sim como elemento profundo de minha subjetividade. Hoje, agradeço a experiência vivida na disciplina de Abordagens Metodológicas, conduzida pela professora Cibele Maria Lima Rodrigues, pois foi nesse momento que pude perceber o quanto do que eu já fazia no Pode Falar, resgatava a mim mesmo, ia ao encontro do menino Arthur.

Por ser uma criança tímida, frágil, sensível, e apresentar alguns traços femininos, acabei me tornando alvo da violência escolar. Os meus primeiros episódios como vítima começaram nos primeiros anos das séries iniciais do EF, entre o 1º e o 5º ano. Precisamente no 4º ano, como já mencionado. Tudo aconteceu em um belo dia, quando, durante a aula, levantei a mão para responder o que foi solicitado pela professora. Assim como qualquer criança, eu não esperava e nem imaginava que aquele dia ficaria marcado para sempre na minha vida. Digo isso pois, hoje, adulto, vejo o quanto as ações daquele episódio refletiram durante toda a vida, tanto na educação básica, quanto na superior. Tudo iniciou quando, durante a aula de matemática, escutei a seguinte frase ao responder uma pergunta da professora: “*Viadinho, que voz de mulherzinha*”, foi o que eu ouvi depois de uma simples participação em uma aula de matemática.

Tal fato me fez passar o resto do ano sentado, sem querer participar das aulas, envergonhado e entristecido com aqueles risos e intimidações que ocorriam por parte de determinados colegas ao longo daquele ano. No exato momento, passei a entender que eu não tinha ninguém para me ouvir, ou me ajudar a compreender o que eu estava sentindo – em consequência, surgiu o sentimento de inferioridade: tornando-me uma pessoa enclausurada em mim mesmo. E de onde me parecia poder vir a derradeira expressão de acolhimento, foi infelizmente de onde acabei por ouvir: “*Por acaso você é viadinho?*”, perguntara a minha professora.

² Formação no Núcleo do Cuidado Humano e a minha participação com atendente do Pode Falar.

Aquilo me assombrava, doía, eu ficava sem chão e sem força para poder enfrentar toda aquela situação de risadas e dedos apontados para a minha direção. Por mais que eu tivesse jeito, voz de “mulherzinha”, ou até mesmo fosse “viadinho” (linguagem usada por eles), eu realmente não entendia o que estava acontecendo, eu era uma criança que queria ser acolhida. E, mesmo que eu apresentasse tudo o que eles diziam, eu não queria que ninguém soubesse, muito menos daquela forma.

E aí, inicia uma longa jornada. Os piores momentos eram nos intervalos e na saída da escola. No intervalo, os apelidos de “mulherzinha” aumentavam, já que nesses momentos eu buscava reforço nos grupos das meninas, que eu tinha como apoio. Isso tudo era mais um motivo para que os fatos de *bullying* ocorressem contra mim. Eu só queria ajuda, ser abraçado, ouvido e que aqueles momentos acabassem, e que tudo voltasse ao “normal”. Buscava por alguém que me ajudasse a entender tudo aquilo que eu estava sentindo. Isso tudo mexia com a minha autoestima, sentia-me desvinculado ou impotente por acreditar ser diferente dos outros meninos.

Assim como muitas crianças vítimas de violência escolar, eu sempre ficava em silêncio. Ferreira (2022) comenta sobre tal enredo: “[...] o silêncio que protege, mas que, ao mesmo tempo, perpetua o sofrimento caso a violência não cesse”. Me sentindo isolado de tudo e de todos, só para não ser visto pelos meus detratores, os sintomas físicos e emocionais chegavam até mim. O meu corpo estava materializando a cada dia tudo aquilo que eu vivia em silêncio, expressando o que eu não conseguia expor verbalmente – através das dores de cabeça, do frio na barriga –, o meu coração acelerava fortemente sempre que pensava na hora de ir para a escola, sem falar nos dias que precisei mentir, dizendo que estava doente só para não chegar no portão daquela escola. O meu corpo transmitia mensagens que nem sempre os adultos (pais, professores, coordenadores) conseguiam enxergar. Conforme Ferreira (2022, p. 95) comenta sobre a linguagem não-verbal do corpo, talvez aqueles adultos não prestassem atenção ou não tivessem interesse, mas as mensagens estavam postas, ditas e apresentadas de forma explícita e implícita.

Eu sou um homem gay negro e apesar de ter esses dois elementos como condição subjetiva integrada, sou obrigado a constatar pelas minhas experiências vivenciais e minha observação participante no programa de escuta a adolescentes, que sofrer *bullying* por motivação racista e ser vítima da mesma violência escolar por motivações homofóbicas me puseram e ainda põe crianças e adolescentes em um cenário de consequências diferentes. Muito provavelmente se eu tivesse sofrido ataques à minha expressão étnico-racial, eu poderia ter sido encorajado a argumentar por meio de um orgulho construtivo. Infelizmente, por ter sido alvo

de homofobia, não encontrava amparo nem com os professores e até mesmo passava pela rejeição dentro do lar. Partia de minha própria mãe, frases tais como: “não quero filho viado dentro de casa”. E assim, sem a confiança necessária, não podia contar sobre o *bullying* para a diretora da escola, que certamente repassaria o assunto para minha mãe.

Sendo assim, o medo e o desespero de falar tudo para a minha mãe era constante. E com isso, aumentavam os sintomas e a vontade de não voltar nunca mais àquela escola. Lembro-me de como eu vivia assustado só de pensar que os meus pais poderiam saber o que estava acontecendo. Eu sentia a falta do acolhimento de ambos: escola e família. Todavia, como os pais são os últimos a saberem, ou fingem não saberem, eu não tinha coragem para falar, isso aumentava ainda mais a minha aflição. Então, eu ficava na minha, calado, sofrendo. Era assim que eu levava a minha vida durante esse período. Presente na sala, mas invisível para todos. Encontrava-me, então, sem coragem para questionar ou tirar minhas dúvidas, pois só em pensar em abrir a boca, eu lembrava dos fatos anteriores e dava medo e desespero de ser confrontado novamente por todos.

Sempre durante a hora da saída, o meu coração acelerava, eu suava frio, e, como sempre, buscava nos grupos de apoio para me dar força (grupos das meninas), e, ali fora, estava a plateia esperando sua vítima (eu). Na época, eu não tinha como ponderar o seguinte fato: muito provavelmente eram eles e elas, assim como eu, todos vítimas de algum tipo de violência, tornando-nos reprodutores sociais (BOURDIEU; PASSERON, 1982). Poderiam ser vítimas diretas de outros tipos de violências, como a intrafamiliar ou outros episódios de *bullying*, assim como podemos considerar aspectos do amplo processo de inculturação social como uma profunda violência institucional, que faz internalizar aspectos controladores e esmagadores da subjetividade, sendo o machismo um deles, para exemplificar. Portanto, fundamentado em Bourdieu e Passeron (1982), revisitados por Valle (2022), hoje eu poderia olhar para aqueles meninos e meninas de minha plateia dos horrores e dizer a eles: vocês também foram vítimas do processo de reprodução social.

Eu buscava não ser incomodado, queria ser invisível, mudava o caminho de chegar em casa, isso tudo para não ser visto. O medo de ser agredido fisicamente e verbalmente permeava sobre a minha mente. Lembro que, durante esse período, não houve nenhuma agressão física, até porque se tivesse, eu não teria forças para reagir, tornei-me uma pessoa passiva diante de tantas agressões psicológicas. O silêncio tomou conta de mim, o que acabou fortalecendo ainda mais o poder que os detratores tinham sobre mim.

Toda aquela situação gerava consequências na minha construção intrapsíquica, assim como afetava meu desempenho escolar: deixava-me triste e com deficiência de aprendizagem.

E o fato de viver em um distrito de cidade pequena no Sertão de Sergipe, praticamente me condenava a sensação de está sem saída, sem opções: eram poucas escolas, em um ambiente restrito, onde todos se conheciam. “Certamente mudar de escola não ia adiantar muita coisa”, pensava eu. Aprisionado em meus próprios medos, outros danos foram se sucedendo em meu desenvolvimento: medo de falar em público e de relacionar-me com os outros.

Em tudo permaneci mais recluso e menos comunicativo na escola. Pequena liberdade eu só tinha nos grupos de apoio das meninas. Ao deixar o interior do Sergipe, fui para a segunda maior cidade de Alagoas: Arapiraca. Já estava no Ensino Médio, precisava me matricular e não encontrei escola com o segundo grau regular e, por força do acaso (baseado em Freud posso dizer que, certamente, não era acaso), deparei-me unicamente com disponibilidade de vaga em uma unidade educacional que ofertava o ensino médio integrado ao antigo curso normal. Portanto, já no final da adolescência eu estava preparando o caminho do meu resgate biográfico: tornar-me-ia habilitado desde cedo a ser professor do ensino fundamental.

As questões sobre minha sexualidade voltaram a pesar quando busquei a formação em Sistemas Elétricos para me afastar da Educação. Mas, inevitavelmente, seduzido pela minha curiosidade para com as ciências, por meio da Química, lá estava eu cursando uma licenciatura na Universidade Federal de Alagoas. Lembro-me que por sincronicidades da vida, enquanto eu vivia um momento de descobertas e ampliação de horizontes, o mesmo ocorria com as universidades nas sucessões dos governos Lula e Dilma. Seduzido pelo fazer da Química, fui arrastado novamente para o habitus da docência, em uma sequência que não tive mais como deter: estágio nas escolas de Arapiraca, aprovação em concurso para professor municipal de séries iniciais no Sertão de Alagoas (na cidade de Cacimbinhas-AL), especialização em Ensino de Ciências, mestrando em Educação, Culturas e identidades no Recife.

A sala de aula da rede pública municipal confrontou-me inesperadamente com tudo aquilo que tinha me impactado no passado mais remoto lá no Sertão de Sergipe: eu precisava agora ser o sujeito condutor dos processos de ensino-aprendizagem e, ao mesmo tempo, o tutor e mediador das questões socioemocionais que transbordavam dentro de uma pequena escola urbana de interior, em meio ao contexto de uma comunidade vulnerável. Os conflitos e violências que marcaram aquele bairro, o da Cohab, em Cacimbinhas, marcavam também o ambiente da Escola Municipal Odilon Pereira Lima. Presenciei a falta de empatia, a manifestação verbal ofensiva (xingamentos), os atos de agressão física entre os alunos, entre outras características que evidenciavam um espaço sem dialogicidade.

Observar e ouvir aquelas crianças, agora como professor, me punha em conexão com minha 4ª série, 15 anos antes. O espiral da reprodução tinha me alcançado, diante das mesmas

práticas dos alunos da década de 90, agora nos idos de 2016, eu simplesmente repetia os comportamentos dos meus antigos professores. Onde estavam as manifestações de um novo ser-fazer pedagógico que tanto discutimos na licenciatura? Pois é como proposto por Amatuzy (1990), o ouvir não é uma atividade reflexiva, pelo contrário, nos põe fora de nós mesmos. Não fui engolido para dentro de mim mesmo; fui sim arrebatado para a própria práxis docente do século XXI. No que ela se diferenciava do fazer do magistério da minha época de criança?

Tais questionamentos foram constituindo a motivação da presente pesquisa, enquanto transcorria meu curso de mestrado em Educação, Culturas e Identidades. Em paralelo ao curso, passei a participar como voluntário no Núcleo do Cuidado Humano (UFRPE). Nesse ínterim, passei pela primeira formação de atendentes do “Pode Falar”, programa desenvolvido pelo UNICEF-Brasil e outras instituições, em 2021. O programa surgiu da constatação de que o isolamento social imposto pela pandemia agravou a saúde mental e o bem estar dos jovens e adolescentes em 2020. Nesse contexto tenho contato direto com uma realidade e um quadro epistemológico concernente às minhas aflições como professor: a realidade do grave quadro de adoecimento mental e problemas socioemocionais dos adolescentes no país; o quadro epistemológico, um saber-fazer que se alinhava às demandas vistas por mim em sala de aula. Aqui se concatenam dois importantes elementos da pesquisa: **o locus e o objeto** - o programa Pode Falar e a escuta -.

Em um desenho conceitual tradicional de escola, trata-se de um lugar de funcionalidade voltada para as demandas do mercado de trabalho, quer seja de formação e preparação para atingir um posto de trabalho. Desenvolveu-se depois outro desenho, esse agora ampliado. Nesse novo desenho eu vejo a escola como um espaço fundamental para o acolhimento e indispensável a prática da escuta. Consigo, hoje, enxergar a escola enquanto lugar de diálogo e, sobretudo, de cuidado. Daí surge a **justificativa pessoal**, a minha história.

Antes de prosseguir, cabe-me melhor explicar o contexto do programa Pode Falar. O atendimento acontece de forma individual e funciona em regime de plantão com a ajuda de profissionais qualificados destinados a atender adolescentes e jovens entre 13 e 24 anos. Além da escuta realizada por esses profissionais, os adolescentes e jovens têm acesso a materiais sobre saúde mental, podem fazer um teste para avaliar o nível de ansiedade e conhecem histórias de outros jovens que passaram por dificuldades e conseguiram seguir em frente. Podemos dizer que o Pode Falar é um dos primeiros socorros à saúde mental de adolescentes e jovens, desenvolvido de forma virtual por meio de uma visão transdisciplinar. Sem julgar, medir e comparar. Hoje, ainda continuo como atendente do programa, desenvolvendo a prática da escuta, experienciando as mais diversas vivências de adolescentes e jovens do todo o Brasil.

Portanto, temos no programa um saber-fazer que me parece plausível como alternativa para uma nova práxis pedagógica na educação regular. E os conceitos principais são cuidado, acolhimento e escuta, os quais começo a discorrer nos próximos parágrafos.

Skliar (2019) percebe no cuidado um movimento circular: como uma pedra atirada na água, toda vez que tentamos definir o lugar do dilema, ele se abre em mais círculos que, a cada instante, impedem uma concretude precisa. O cuidado com o outro abarca essa complexidade: pensar o outro por si mesmo e considerar as relações envolvidas de alteridade em um aspecto ético. Assim, a problemática do cuidado do outro indica um não conhecimento disciplinar fixado, mas uma transcendência que envolve o acolhimento. Quando a escuta acolhe, é possível, inclusive, erguer a bandeira da inclusão das diferenças. E, não, não é dar voz: é escutá-la ali, onde já se fazia presente.

Primeiramente, é importante destacar que o sentido de escutar vai além do ouvir e inclui o silêncio e o tempo para processar. Sclavi (2016 apud MOURA; GIANNELLA, 2016, p. 2) apresenta o termo escuta ativa a conceituando como uma “[...] modalidade de observação atenta de cada elemento incluído na relação (si mesmo, o outro, o contexto, o particular e a forma), incluindo explicitamente a reflexividade como parte do processo”. Na literatura ainda se faz mais comum o termo escuta sensível. Segundo Barbier (2002, p. 1), a escuta sensível tem influência rogeriana, se apoia na empatia, “[...] o ouvinte-sensível não julga, não mede, não compara”. Então, o que faz o ouvinte-sensível? Ele compreende. A escuta sensível é, antes de tudo, uma presença meditativa. O autor ainda apresenta a escuta sensível na área de saúde considerando três questões expressas a seguir, onde traz a reflexão de uma ponte análoga para a educação.

- A questão da *Direção*. “Da cura, ou pelo menos do alívio do sofrimento” (BARBIER, 2002, p. 5). Em reflexão à educação: da compreensão, e porque não dizer do alívio do sofrimento que possa estar vivenciando o(a) adolescente(s)
- Da dimensão da *Significação*. “Qual significado da enfermidade para o doente, qual é o significado de sua vida, quando ela se esvair?” (BARBIER, 2002, p. 5). Em paralelo à educação: qual o significado do Pode Falar para o(a) adolescente(s), o que é a escola segundo sua perspectiva? Sua vida e o aprender nesse espaço tem algum sentido para ele (a)? Se há, como se configura possíveis espaços de escuta na educação?
- Da perspectiva da *Sensação*. “Qual é a relação do doente com o seu próprio corpo, como vive ele o sofrimento?” (BARBIER, 2002, p. 5). Pelo horizonte educativo, reflete-se: qual é a relação do(a) adolescente(s) consigo mesmo(a), para a posteriori, refletirmos, juntos (as), sua relação com outrem.

O verbo escutar precisa com urgência ser destacado na educação. A artesanaria de escutar é a poésis autêntica do ser educador(a), e, inclusive, escutar é uma arte como fomenta Barbier:

A escuta sensível começa por não interpretar, por suspender todo julgamento. Ela procura compreender, por “empatia”, o sentido que existente em uma prática ou situação, segundo o “algo mais” rogeriano. Escuta sensível aceita **surpreender-se pelo desconhecido** que, incessantemente, anima a vida. Por isso, ela questiona as ciências humanas e continua lúcida sobre suas fronteiras e zonas de incertezas. Neste caso, ela é mais **uma arte** que uma ciência, pois toda ciência procura circunscrever seu universo e a impor seus modelos de referência, *até que se prove o contrário*. É como a arte de um escultor sobre a pedra, que para fazer aparecer a forma, deve antes passar pelo trabalho do *vazio* e retirar todo o excesso para que a forma surja. (BARBIER, 2002, p. 3).

Para Arantes (2012, p. 91), a escuta já foi pensada nas antigas práticas gregas do cuidado de si, sendo necessária uma experiência e uma habilidade para escutar.

Escutar é uma alegria, é se deixar afetar pelos ruídos e barulhos do mundo, pelo estalar dos dedos em noite fria ao redor da fogueira e pelos sentidos que se aguçam à proximidade dos corpos com suas cores, cheiros, texturas, rugosidades e asperezas, adivinhando, no avermelhado da cor, no zumbido das abelhas e no perfume que exala a madurez da fruta, ainda no pé.

Em seguida, nessa caminhada, lá estava eu: sendo escutado pela banca. Trago o leitor (a) para mais próximo desse momento com a minha fala introdutória:

Introduzir é pegar fôlego
E saber conversar com o vento
Me vi hora menino Arthur ora aluno do mestrado
Lembrei de quando vivenciei bullying
E também de quando empinava pipa para fazer voar as dores
Os bons ventos me trouxeram o Pode Falar
E com ele, o orientador Hugo
A poesia também veio com ele
Em suas palavras é preciso a ler sinais não verbais, ouvir silêncios, perceber
comportamentos, abrir espaço para o diálogo, a amorosidade
Nas nossas casas, escolas e entre nós,
O Pode falar resgata e cura as feridas do menino Arthur
E torna o eu sou possível de aqui estar
Dialogando com Rogers, Freire e Barbier
Dialogando com vocês e meu interior
É pesquisa e trajetória de vida

Daí, pesquisa participante

Quando menino aprendi a dar um nó que prende a rabiola e é difícil de desmanchar
Assim desenho o fenômeno da violência
Um nó complexo difícil de desmanchar
A possibilidade desse desenlace acreditamos ser possível com acolhimento e escuta
Para Barbier a escuta sensível rogeriana se apoia na empatia
E com ela vamos nos direcionando
Feito barco a vela
Navegando na importância dessa escuta nos atendentes-docentes do Pode falar
A propósito: já pensou nas queixas que os adolescentes os possibilitam escutar?
Aqui vou trazer alguns raios
Para encadear
Entre idas e vindas
O vento me trouxe para defender no mês das fogueiras
Uma defesa que incendeia
Acreditando o preconceito queimar
São todos convidados/as a conhecer um pouco do Pode Falar
Sabendo que as portas
Ou melhor os ouvidos
Estão abertos
Para você sempre entrar.

E, assim, por meio dessas experiências e pela troca de conhecimento mediante o mestrado, veio a necessidade de aprofundar e aproximação, ainda mais, sobre a importância da escuta, levando em consideração a perspectiva de atendentes-docentes de adolescentes no Pode Falar. A justificativa social encontra acolhimento na cartilha da Fiocruz:

Os impactos da pandemia de COVID-19 na saúde mental podem apresentar desde reações normais e esperadas de estresse agudo por conta das adaptações à nova rotina, até agravos mais profundos no sofrimento psíquico. Tendo em vista as estatísticas que apontam o aumento dos casos de tentativas e suicídios após eventos extremos, identifica-se como fundamental o desenvolvimento de estratégias de prevenção, acompanhamento e posvenção, visando o bem-estar da população (FIOCRUZ, 2020, p. 2).

A justificativa acadêmica é contemplada conforme Organização Mundial da Saúde (OMS) pontua, sobre a necessidade de ampliação de pesquisas no Sul Global, assim como a compreensão que saúde mental é uma complexa rede de multifatores pluridisciplinares:

Há necessidade de mais pesquisas sobre os aspectos biológicos e psicossociais da saúde mental, a fim de melhorar a compreensão das perturbações mentais e de desenvolver intervenções mais eficazes. Tais pesquisas devem ser levadas a cabo numa ampla base internacional, visando a compreensão das variações de uma para outra comunidade e um maior conhecimento dos fatores que influenciam a origem, evolução e resultado das perturbações mentais. É urgente o fortalecimento da capacidade de investigação nos países em desenvolvimento (WHO/OMS, 2001, p. 19).

Faz-se perceptível, segundo Benetti *et al.* (2007) que a maioria dos estudos que mergulham em debates com a temática da saúde mental e a adolescência/juventude, são da área da Psicologia, Psicanálise, Medicina e Saúde Coletiva. A Educação precisa entrar significativamente nesta ciranda dialógica! Nesse sentido, as questões cernes que mobilizam a nossa pesquisa são: **qual a importância da escuta sensível de atendentes-docentes do Programa Pode Falar em relação às principais queixas dos(as) adolescentes por ele atendidos?** Concomitantemente, qual a relação existente entre o atendimento dos atendentes-docentes de adolescentes no Pode Falar e, por fim, qual é a escuta sensível de docentes de adolescentes na escola? Proponho, então, como objeto de pesquisa, um estudo sobre a importância da escuta sensível de adolescentes, considerando a perspectiva de atendentes-docentes.

Portanto, no capítulo 2 será desenvolvido os seguintes tópicos: aspectos metodológicos; abordagem; método; técnicas; instrumento; sujeitos da pesquisa e passos da pesquisa. Já no capítulo 3, os seguintes tópicos serão investigados: a escuta sensível; os adolescentes que ouvimos; os atendentes-docentes; o Pode Falar como espaço de escuta e os professores na escola que ouvem. No capítulo 4 somos apresentados em, através da escuta nas entrevistas, ouvir pela escrita: uma escrita fiel ao que foi escutado para trazer ao leitor a proximidade da realidade do universo de escuta do Pode Falar. Para analisar foi preciso se desnudar: não julgando nenhuma temática. Assim, convidamos o(a) leitor(a) para também ler com sensibilidade.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a importância da escuta sensível no Programa Pode Falar, a partir da perspectiva de atendentes-docentes.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as principais queixas advindas de adolescentes atendidos no/pelo Programa Pode Falar.
- Analisar como os/as atendentes do Programa Pode Falar atuam no atendimento de adolescentes que procuram ajuda.
- Estabelecer uma relação entre o atendimento no Pode Falar e a escuta sensível de professores e professoras de adolescentes

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nas palavras de João Cabral de Melo Neto, um galo sozinho não tece a manhã, ele precisa sempre de outros galos. Assim, buscamos a metodologia: o como fazer acontecer? Quais outros galos são necessários para tecer a manhã? E, esse encontro se debruçou sobre as palavras. Não em números, mas em categorias. Quais os fios comuns presentes nas falas dos participantes: as palavras ditas e não ditas. Logo, não desmerecendo os números, mas buscando a harmonia com o que se pretende alcançar, eis o qualitativo se fazer urgente.

Vale ressaltar também que haja dito ‘fala’ dos participantes e tendo como construto primordial a escuta. Fez-se cabível para além do questionário, que potencializa o foco do que deseja ser escutado, a própria entrevista. Logo, questionário e entrevista. Escrita e fala (fala, inclusive, é um direito), foram assim acolhidos com potencial de alcance dos objetivos deste trabalho, daí compõe o nosso caminho metodológico.

3.1 ABORDAGEM

A abordagem qualitativa é o eixo norteador deste trabalho. A adoção da pesquisa qualitativa, conforme Minayo (2001), parte do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado. Essa espécie de abordagem está condicionada, segundo a autora, a dar ênfase à teoria fundamentada, aos processos de descrição, indução e de estudos pessoais. Neste intuito, afirmam que a abordagem qualitativa encaminha para que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é simplório, que tudo pode construir direcionamentos que nos permitam estabelecer uma compreensão mais concreta do nosso objeto de estudo.

Os documentos que são utilizados para e durante a pesquisa dependem integralmente do objeto de estudo, ou seja, do problema que se busca entender e responder (KRIPKA *et al.*, 2015). Nesta direção, o pesquisador ou pesquisadora deve assumir a responsabilidade de buscar, encontrar, selecionar, analisar e entender os documentos de base que apoiam os seus estudos, bem como problematizá-los. Segundo Manzini (2003), os processos de estruturação dos instrumentos e métodos de coleta de dados envolvidos na pesquisa são integralmente ligados às necessidades de planejamento das questões, as quais contemplam os objetivos pretendidos, assim como a adaptação sistemática da sequência de perguntas, a elaboração objetiva de roteiros, e até a adequação desses a fim de evitar brechas para a má interpretação.

Bansal e Corley (2012) classificam a pesquisa qualitativa a partir de três aspectos centrais: é indutiva, dissertativa e não possui um roteiro pré-definido. O processo de pesquisa

qualitativa envolve questões e procedimentos que emergem, via dados tipicamente do ambiente do participante, à análise dos dados indutivamente construídos – das especificidades até temas gerais deste universo –, cabendo ao pesquisador interpretar o significado dos dados (CRESWELL, 2010).

Outra característica importante da metodologia qualitativa consiste na heterodoxia no momento da análise dos dados. A variedade de material obtido qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva. A maior dificuldade da disciplina de métodos e técnicas de pesquisa está na dificuldade de ensinar como se analisa os dados – isto é, como se atribui a eles significados –, sendo mais fácil ensinar a coletá-los ou a realizar trabalho de campo. A intuição mencionada não é um dom, mas uma resultante da formação teórica e dos exercícios práticos do pesquisador. A revisão de literatura é uma parte vital do processo de investigação, dado que envolve localizar, analisar, sintetizar e interpretar a investigação prévia (revistas científicas, livros, atlas de congressos, resumos etc.) relacionada a sua área de estudo; é, então, uma análise bibliográfica pormenorizada, referente aos trabalhos já publicados sobre o tema. A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza, segundo Severino (2007), a partir do:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p. 122).

A revisão de literatura é indispensável não somente para definir bem o problema, mas para obter uma ideia precisa sobre o estado atual dos conhecimentos sobre um dado tema, as suas lacunas e a contribuição da investigação para o desenvolvimento do conhecimento.

3.2 MÉTODO

A metodologia da pesquisa observação-participante, segundo Brandão e Borges (2007), abrange o compromisso social, político e ideológico do investigador com a comunidade, com suas causas sociais; é um momento de trabalho de educação popular realizado junto com e a serviço de comunidades, grupos e movimentos sociais. O ponto de origem da pesquisa participante deve estar situado em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica. Deve-se partir da realidade concreta da vida

cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações.

Os processos, as estruturas, as organizações e os diferentes sujeitos sociais devem ser contextualizados em sua dimensão histórica. A relação sujeito-objeto, entre investigador-educador e os grupos populares deve ser progressivamente convertida em uma relação do tipo sujeito-sujeito. Deve-se partir sempre da busca de unidade entre a teoria e a prática, construir e reconstruir a teoria a partir de uma sequência de práticas refletidas criticamente. A pesquisa participante deve ser pensada como um momento dinâmico de um processo de ação social comunitária. As questões e os desafios surgidos ao longo de ações sociais definem a necessidade e o estilo de procedimentos de pesquisa participante. A participação popular comunitária deve se dar, preferencialmente, através de todo o processo de investigação-educação-ação.

O ideal será que, em momentos posteriores, exista uma participação culturalmente diferenciada, social, politicamente equivalente e igualada, mesmo que entre pessoas e grupos provenientes de tradições diferentes quanto aos conteúdos e aos processos de criação social de conhecimentos. Deve-se reconhecer e aprender a lidar com o caráter político e ideológico de toda e qualquer atividade científica e pedagógica. Não existe neutralidade científica em pesquisa alguma e menos ainda em investigações vinculadas a projetos de ação social. A investigação, a educação e a ação social convertem-se em momentos metodológicos de um único processo dirigido à transformação social.

Os conhecimentos de uma pesquisa participante devem ser produzidos, lidos e integrados como uma forma alternativa emancipatória do saber popular. Há, assim, um duplo sentido da ideia de totalidade nas propostas originais das pesquisas participantes: aspiram ser algo historicamente próximo às novas ideias holísticas e transdisciplinares dos novos paradigmas e seus preceitos de totalizações complexas. Não reconhecemos hoje em dia uma tendência única. Uma única teoria, um único método. A pesquisa participante integra os propósitos: a) respondem de maneira direta às finalidades práticas e sociais a que se destinam. b) Pretendem ser instrumentos pedagógicos e dialógicos de aprendizado partilhado. c) As abordagens de pesquisa de vocação aspiram participar de processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber mais partilhado, mais abrangente e mais sensível às origens populares do conhecimento popular. d) As alternativas participativas se reconhecem vinculadas de algum modo com a educação popular. e) As alternativas participativas, através da pesquisa, abrem-se de maneira múltipla e fecunda a outros campos de ação social. Um dos mais enfatizados hoje em dia é o das pesquisas e ações ambientalistas.

Brandão e Borges (2007) afirmam que a pesquisa participante tem como estrutura os seguintes pontos: deve contemplar “[...] a realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações”; deve contextualizar, em sua dimensão histórica, as estruturas, os processos, as organizações e os sujeitos sociais, convertendo a visão de sujeito-objeto em uma relação do tipo sujeito-sujeito. Todos os pressupostos de caráter político e ideológico devem ser analisados para que não interfiram na pesquisa. Apesar de não ser possível atingir uma total neutralidade, não se pode ir a campo com pressupostos definitivos. O diálogo não é um discurso doutrinário. O processo é dirigido à transformação social, à transformação de conhecimentos, sentimentos e motivações populares.

3.3 TÉCNICAS

Ninguém está livre do efeito de imposição que as perguntas ingenuamente egocêntricas ou, simplesmente, desatentas podem exercer e, sobretudo, livre do efeito contrário que as respostas, assim extorquidas, correm o risco de produzir no analista, sempre disposto a levar a sério, na sua interpretação, um artefato que ele mesmo produziu sem o saber. Toda interrogação se encontra entre dois limites nunca atingidos: a total coincidência entre o pesquisador e o pesquisado, onde nada poderia ser dito, porque, nada sendo questionado, tudo seria natural; a divergência total onde a compreensão e a confiança se tornariam impossíveis.

A proximidade social e a familiaridade asseguram, efetivamente, duas das condições principais de uma comunicação não violenta. Todavia, todos os procedimentos e subterfúgios que podemos imaginar, para reduzir a distância, tem seus limites. O pesquisador não tem qualquer possibilidade de estar verdadeiramente à altura de seu objeto, a não ser que ele possua a respeito um imenso saber, adquirido talvez ao longo de uma vida de pesquisa e, também, mais diretamente, durante entrevistas anteriores com o próprio pesquisador ou com os informantes.

Nesta relação de troca (entrevistado que se autoanalisa), cada um engana um pouco o outro ao enganar a si próprio: o pesquisador se prende à autenticidade do testemunho da pesquisada, porque acredita ter tido êxito na descoberta de uma palavra bruta, densa, inviolada, que outros não souberam ver ou suscitar; a pesquisa finge ser o personagem que é o esperado nesse encontro, a imigrante, assegurando, deste modo, sem ter que reivindicar abertamente, o reconhecimento do valor literário de sua palavra, ao mesmo tempo, testemunha sincera de divisão interior e procura de salvação pela forma estilística.

Para Bourdieu, (2007) é somente pela via da construção que se evita que as pré-construções e os efeitos dos mecanismos sociais atuantes, inclusive nas operações científicas,

obstruam essa provocação essencial dos fenômenos sociais, para que sejam expressos pelos pesquisados da forma mais livre possível. Nessa perspectiva, só se pode chegar ao discurso explícito à custa de uma metodologia de trabalho que vise revelar – em detrimento da coleta de opiniões mais espontâneas e, frequentemente, autoenganadas, com as quais se satisfazem os pesquisadores apressados e inexperientes – aos próprios pesquisados e, como recompensa, ao pesquisador reflexivo. “[...] as coisas enterradas nas pessoas que as vivem e que ao mesmo tempo não as conhecem e, num outro sentido, conhecem-nas melhor do que ninguém” (BOURDIEU, 2007). Para o autor, a entrevista pode ser considerada como uma forma de exercício espiritual, visando a obter, pelo esquecimento de si, uma verdadeira conversação do olhar que lançamos sobre os outros nas circunstâncias de vida. A disposição acolhedora que inclina a fazer seus os problemas do pesquisado, a aptidão a aceitá-lo e a compreendê-lo tal como ele é, na sua necessidade singular, é uma espécie de amor intelectual: um olhar que consente com a necessidade.

A pessoa interrogada aproveita a ocasião – que lhe tinha sido dada – a ser interrogada sobre ela mesma. Sobre os riscos da escrita: a transcrição muito literal (pontuação, lugar de uma vírgula, podem comandar todo o sentido de uma frase) já é uma verdadeira tradução ou até uma interpretação. Assim, transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever, como a passagem do escrito para a oralidade que o teatro faz, a passagem do oral ao escrito impõe, com a mudança de base, infidelidades que são, sem dúvida, a condição de uma verdadeira felicidade.

Bourdieu denomina de autoanálise provocada e acompanhada: um trabalho de explicitação simultaneamente gratificante e doloroso, em que o pesquisado enuncia com intensidade expressiva as experiências e reflexões que já cultivava, mas que nunca teve a ocasião de explicitá-las ou atualizá-las devido às tendências de reservar-se (individual) ou deixar-se reprimir (social). Neste caso, as perguntas do questionário – “sempre abertas e múltiplas e frequentemente reduzidas a uma atenção silenciosa” (BOURDIEU, 2007) – devem ser formuladas e concebidas como sugestões ou roteiros para o início e a condução da situação de comunicação excepcional, livre dos constrangimentos que pesam sobre a maior parte das relações de troca no cotidiano.

A estratégia de intervenção na entrevista, que o autor chama de forma de maiêutica, é uma das medidas profiláticas contra os efeitos das estruturas na relação (social) de pesquisa. Por exemplo, ao invés de extorquir (idem) as declarações dos entrevistados, por meio de sondagens ingênuas, “[...] cujas perguntas forçadas e artificiais produzem coisas fictícias que elas acreditam registrar” (BOURDIEU, 2007), ela produz a consciência nos entrevistados de que as suas verdadeiras opiniões estão por debaixo dos resíduos culturais, difundidos tanto na

mídia quanto nas representações sociais utilizadas e valorizadas em um dado espaço social. Nessa trajetória, abraçamos enquanto técnica a observação exploratória, bem como a análise de dados interpretativa, também aqui incluída.

3.4 INSTRUMENTOS

Os instrumentos são expressos por dois roteiros de entrevista semiestruturada, sendo cada um deles composto por quatro blocos de cinco questões cada. Um para os atendentes-docentes, do Pode Falar, e outro para os professores. A criação dos referidos roteiros é baseada nas palavras-chave e objetivos específicos. Sendo que os atendentes-docentes que irão participar justamente com os docentes da educação básica ou superior, participam como voluntários no programa Pode Falar, e atuam em sala de aula. Outro critério relevante consta dos (as) professores (as) terem o mesmo nível de instrução. Sendo, por exemplo, atendentes-docentes representados por professores da educação básica, do sexo feminino logo, implica que os professores também são.

Nesse cenário, a proposta metodológica inicial é realizar um questionário virtual, por meio de um formulário explicativo da pesquisa, e, também, como norteador do perfil inicial dos atendentes-docentes e possíveis participantes. Após, será realizada uma entrevista semiestruturada para expandir o cenário da pesquisa e somar com as falas dos adolescentes que foram escutados pelos atendentes e docentes. O Pode Falar, por ter muitos atendentes distribuídos por todo o Brasil, a entrevista será realizada *on-line*, por meio da plataforma de videoconferências do Google, pertencente ao Workspace, chamada *Google Meet*, que permite a realização de reuniões. Ela será gravada mediante a permissão dos entrevistados por meio do termo de consentimento, onde o material será utilizado para análise. O mesmo processo será realizado com os docentes selecionados para entrevista.

3.5 LOCUS

O Programa Pode falar foi lançado no dia 14 de fevereiro, dia da Internet Segura, através do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). É um canal virtual de ajuda em saúde mental e bem-estar adolescentes e jovens de 13 a 24 anos. Criado em parceria com diversas organizações da sociedade civil e empresas com experiência na área, funcionando de maneira anônima e gratuita por meio de um chatbot, o qual pode ser acessado através do site do programa ou pelo WhatsApp e pelo direct do Instagram. Lançado em 2012, após uma enquete realizada em setembro de 2020 com adolescentes, principalmente entre 15 e 19 anos, onde o

UNICEF constatou que 72% dos respondentes sentiram necessidade de pedir ajuda em relação ao bem-estar físico e mental durante a quarentena. Entre os participantes da enquête: 41% não recorreu a ninguém, 46% afirmaram que estava mais pessimista do que antes da pandemia, e 80% disse haver tido sentimentos negativos nos últimos dias, como depressão, ansiedade e preocupação.

A escola é atravessada por escutas vivenciadas no Pode Falar e relatadas pelos atendentes docentes. No sentido da imagem da escola desenhada pelas falas dos adolescentes e, buscando um lugar para a alteridade no processo de escuta dessas histórias, Skliar discorre:

Como se o educar significasse uma conversa acerca da relação entre o mundo e as vidas, com nossas próprias palavras, afetando-nos para poder escutar outras interpretações da existência, de outras formas de vida, outras palavras. Eis aqui uma chave sensível e essencial no gesto de educar: poder contar novas histórias, quaisquer que sejam, com as palavras que sejam, para dar lugar à alteridade. E essa alteridade só pode sobrevir sob certa forma de conversa, que nada tem a ver com a hipocrisia nem com a arrogância do dar a voz aos que cremos que não a tem. Essa alteridade provém de receber as verdades que outros nos oferecem; de uma linguagem amorosa, sim, porém não banal, são complexa e rodeada de inquietações: um amor que, nascido na relação com o outro, se estende para além e busca com desespero que o mundo também nos ame. (SKLIAR, 2019, p. 74).

Para Skliar (2019, p. 34), as escolas são ou poderiam ser um parêntese na vertigem de uma certa ideia do mundo, ou seja, como um devir irremediável de consumo, êxito e autoajuda. Há uma contradição bem perceptível: pede-se às escolas que sejam o lugar da formação por excelência, todavia, o que é subsidiado para tal acontecimento? Um mundo anorexo, violento e com violações diversas. A escola existe para não deixar os outros jogados à sua própria sorte, para que o mundo não se acabe e para que os novos façam outras coisas com o mundo anterior.

3.6 SUJEITOS DA PESQUISA

Vale ressaltar que a escolha pelos sujeitos da pesquisa, isto é, os atendentes-docentes e docentes que atuam na área da educação, surgiu por meio do meu envolvimento e formação como profissional também área da educação e como atendente do próprio Pode Falar. A escolha pelos atendentes-docentes, se deu também pelo fato de que esses profissionais passaram por formações, atuam no programa há um certo tempo, por já estarem envolvidos ou pelo interesse pela temática que o próprio programa apresenta, a escuta de adolescentes e jovens.

3.7 PASSOS DA PESQUISA

O conceito de metodologia de pesquisa, segundo Minayo e Deslandes (2009), engloba o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, ocupando um lugar central no interior das teorias e está referida a elas. E, no que diz respeito à pesquisa qualitativa, esta responde a questões mais específicas. A pesquisa “[...] é um trabalho artesanal que não prescinde da criatividade” (MINAYO; DESLANDES, 2009, p. 25-26). As autoras, inclusive, retratam o ciclo de pesquisa sendo uma espiral que se inicia com uma pergunta e termina com uma resposta que, por sua vez, dá início a outra pergunta. Como também retrata Morin (2000) quando traz, como um dos operadores da complexidade, o operador da recursividade. Isto é, a causa provoca um efeito que resulta em uma nova causa, como um movimento espiral. Assim, o ciclo da pesquisa não se fecha, pois toda pesquisa produz conhecimento e gera novas perguntas.

No intuito de suscitar maiores provocações teóricas, Minayo (2001) ressalta que esse método é aconselhado para estudos históricos, crenças, representações sociais, ou de outros produtos constituídos pela temporalidade humana. Para Minayo, a poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas e insuspeitadas do inconsciente coletivo, do cotidiano e do destino humano. A ciência é apenas uma forma de expressão desta, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva, sendo a cientificidade das ciências sociais a ideia reguladora de alta abstração e não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos.

As ciências sociais não dispõem de teorias explicativas que lhes permitam abstrair do real para depois buscar nele, de modo metodologicamente controlado, a prova adequada. As ciências sociais não podem estabelecer leis universais porque os fenômenos sociais são historicamente condicionados e culturalmente determinados. As ciências sociais não podem produzir previsões fiáveis porque os seres humanos modificam o seu comportamento em função do conhecimento que sobre ele adquire; os fenômenos sociais são de natureza subjetiva e como tal não se deixam se captar pela objetividade do comportamento. As ciências sociais não são objetivas porque o cientista social não pode libertar-se, no ato da observação, dos valores que informam a sua prática em geral e, portanto, também a sua prática de cientista. E o que fazer com esses obstáculos? O autor aponta duas vertentes, uma diz que os obstáculos são superáveis e a outra que são intransponíveis. Valorizando a nossa pesquisa social, cabe salientar que o conhecimento pós-moderno não é determinístico nem descritivista.

É um conhecimento sobre as condições de possibilidade! Boaventura (2008) afirma que todo conhecimento é autoconhecimento, pois hoje sabemos ou suspeitamos que as novas trajetórias de vida pessoais e coletivas (enquanto comunidades científicas) e os valores, as crenças e os prejuízos que transportam são a prova íntima do nosso conhecimento, sem o qual

as nossas investigações laboratoriais ou de arquivo, os nossos cálculos ou trabalhos de campo constituem um emaranhado de diligências absurdas sem fio nem pavio. No entanto, este saber, suspeitado ou insuspeitado, corre hoje subterraneamente, clandestinamente, nos não-ditos dos nossos trabalhos científicos! Daí, (re)subjetivado, o conhecimento científico ensina a viver e traduz-se em um saber prático.

A ciência moderna era a ciência de valorizar a matemática, de quantificar, ela construiu-se contra o senso comum, o considerando superficial, ilusório, falso. Ela vê como um salto do conhecimento do senso comum para o científico. A ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum por reconhecer nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo. Isto é, todo conhecimento científico visa constituir-se num novo senso comum (BOAVENTURA, 2008). Ele ainda questiona o que é dado do conhecimento científico para o senso comum. Daí a importância de pensar nos benefícios das nossas pesquisas! Elas vão muito mais do que alimentar dados! Complementando com outro autor, Hall (2006) afirma, por sua vez, que o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, qualquer conhecimento é aproximado, é construído.

Assim, o nosso objeto de estudo se associa à consciência histórica. Vale ressaltar que não pensamos puramente a metodologia como técnicas e instrumentos, mas conteúdos, pensamentos e existência. A teoria e a metodologia caminham juntas! Nem endeusamos e nem desprezamos as técnicas. Quando endeusamos, produzimos um formalismo árido e, quando desprezamos, nos levamos ao empirismo. Comungamos com Feyerabend (1989), que o progresso da ciência tem mais a ver com a violação de regras do que sua obediência. Sejam os criativos na escrita desta nossa dissertação!

Vamos, com isso falar propriamente da cada passo dado: Manoel de Barros descobre e nos indica: “Começaram de mim a abrir roseiras bravas.” Em compêndio para uso dos pássaros. O título do poema: caminhada. Gilberto Gil em Drão já proferia “Dura caminhada; Pela estrada escura”. Por isso, logo aviso, as palavras seguintes falam sobre momentos da caminhada que ora faz menção a delicadeza, outros a coragem, e noutros, medo. Ainda bem que, não exatamente nessa ordem, mas sempre cíclico, ou seja, a coragem voltaria se não estivesse presente naquele momento. Não por romantismo. É pela força do que se faz com amor mesmo: transcende. Volto com Gilberto Gil, “o amor é como um grão; Morre e nasce trigo. Vive e morre pão.”. Dizia assim sempre que pulsava algo passo que doía pisar no chão. Que a caminhada era dura, apesar dos pássaros, borboletas, e tantas outras belezas a auxiliar, mas sim, teve momentos de passos que causaram calos. Para as próximas palavras, caminhemos sobre elas mais devagar:

Os primeiros passos era cursar as disciplinas obrigatórias e eletivas do curso de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades. Caminhar nestes primeiros passos sintetizo em: aprender e também desaprender, pois com essa vivência pude questionar mais o que antes chamava certeza e passou a ser dúvida, questionamento. “O que é mesmo a adolescência? Sociologia das infâncias? Como eu me faço debater sobre as ações afirmativas?”. Foram passos que me tiraram o chão para depois me apresentar outros caminhos, outras formas de caminhar.

Os segundos passos têm como marco a apresentação do projeto na disciplina obrigatórias e obrigatória do curso de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, do professor Humberto e Emanuelle. Ao apresentar ganhei um presente: sugestões valiosas que fizeram refletir ainda mais sobre o tema estudado. Os terceiros passos expressam a formação do Pode Falar. Sendo que nada é por acaso, aqui pude enriquecer com a preparação para as entrevistas. Foi um preparo, uma, como nomeado, formação.

Os quartos passos me trazem com emoção a memória afetiva da participação como atendente do próprio Pode Falar. Aqui eu posso dizer que antes só ouvia, agora passava a escutar. E, não era só escutar como fim em si mesmo. Porém, escutar sensivelmente, como um processo contínuo. Aprendi a escutar. Na realidade, acredito que sempre estamos aprendendo a escutar e aperfeiçoarmos desse sentido.

Os quintos passos caminham com pesquisa e referencial bibliográfico. Aqui me debrucei no computador, em livros, inclusive do próprio orientador, e comecei a ler, ler e ler... Foi o momento em que mais me isolei. Não porque queria ficar só. Mas porque precisava me escutar. Sim, para escutar o outro bem também é preciso se escutar, ouvir sua intuição. E, nesses passos referidos, a minha voz interior dizia: escuta tua voz enquanto lê.

Os sextos passos retratam da criação do questionário para o formulário. A criação não é um passo único. É um passo que se repete de forma diferente na caminhada. Não há como vivenciar a nascerça de uma dissertação sem perpassar várias e várias vezes pelo ato de criar. E, sim, pela sua própria força, ele dá medo. Mas, a caminhada segue com medo mesmo. Os sétimos passos apontam para a distribuição dos formulários nos grupos do atendentes-docentes do Pode Falar e nos grupos dos professores(as) da rede pública (educação básica e superior), para acolher voluntários para participarem da pesquisa. Aqui, eu pensava quem seriam os voluntários, confesso que pensei, se haveriam. Lembro daquelas pesquisas em que as pessoas pedem nossa ajuda para responder um formulário e nós passamos tão apressados que mal olhamos para ela. Sim, falta tempo. Tempo para parar, tempo para responder. É preciso tempo para pesquisar como já dito por Sônia Kramer. Mas, há quem tem esse tempo. E, viva por isso!

Os oitavos passos foram o período de seleção dos voluntários(as). O que parece fácil nos intriga com um frio na barriga. Ou até mesmo no corpo todo eu diria. Mas, toda caminhada foi acompanhada pelo professor Hugo, ora pensava estar sozinho, mas sempre que caía, ou ficava lá olhando para o chão, ele (o orientador) vinha me sacudir. Um sacudimento que me despertava, acordava, que me fazia prosseguir. Os nonos passos demarcam a criação do formulário para as entrevistas semiestruturadas. O que dizer de passos que criam? Parecem belos e profundos e assim o são. Mas vem o medo: e, se a criatividade não vim? E se as perguntas do formulário não derem conta? Novamente a criação me assombrava, mas também me refazia e fazia a própria pesquisa.

Os décimos passos: já sabia eu andar? Bem, sozinho, não. Todavia, andar junto. Com os atendentes-docentes do Pode Falar e as professoras da educação básica e superior. Era chegada a delicada hora da entrevista. Entrevistar as referidas pessoas foi uma surpresa. A confirmação da necessidade de Programas como este e a urgência em se escutar, ou diria, a carência mesmo. É preciso escutar mais em nossa sociedade, vivemos, posso ousar dizer, em tempos de escuta em barbárie. Os décimos primeiros passos se referem à própria apresentação da pesquisa no GETIJ. Com coragem e afeto, em cada apresentação havia um preparo, cada escuta da mesma expressava uma sugestão e continuidade do processo. Os décimos segundos se refere ao momento da minha qualificação. Hora de apresentar um pouco mais da minha trajetória. Os décimos terceiros passos marcam o nascimento de uma nova jornada. Novos apontamentos que nos direcionam para novas pesquisas, novos estudos e questionamentos em torno dessa temática, A ESCUTA.

Não forma sentidos apenas a delicadeza, a coragem e o medo. Foi percebido o destaque desses sentimentos que ora vinham e ora deixavam de estar presentes, mas retornavam em outro momento. Como uma dança, esses sentimentos dançavam em mim, sendo a diferença qual deles condizia a dança. Assim, segue um cronograma de cada passo indicando também a emoção que dele mais se nutriu.

Quadro 1 – Cronograma afetivo da pesquisa.

PERÍODO	PASSO DADO NA CAMINHADA	EMOÇÃO SENTIDA
Primeiro semestre de 2020	1º passo	Delicadeza
Primeiro semestre de 2020	2º passo	Delicadeza
Segundo semestre 2020	3º passo	Delicadeza
Segundo semestre 2020	4º passo	Coragem
Maio 2021	5º passo	Medo
Abril 2021	6º passo	Medo
Novembro 2021	7º passo	Delicadeza
Julho 2022	8º passo	Coragem
Outubro 2022	9º passo	Medo
Fim de semestre 2022	10º passo	Delicadeza
Maio 2023	11º passo	Coragem

Junho 2024	12º passo	Medo
Agosto 2024	13º passo	Coragem

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Fechando o ciclo com a coragem, pois, como afirmado por Paulo freire: "A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem."

4 CAMINHOS TEÓRICOS

4.1 A ESCUTA SENSÍVEL



Da calma e do silêncio
Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.
Quando meu olhar
se perder no nada,
por favor,
não me despertem,
quero reter,
no adentro da íris,
a menor sombra,
do ínfimo movimento.
Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor,
não me forcem.
Caminhar para quê?
Deixem-me quedar,
deixem-me quieta,
na aparente inércia.
Nem todo viandante
anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra.
(Conceição Evaristo).

Fonte: desenho feito pelo autor e nomeado abraçando o baobá, para homenagear pessoas que abraçaram este trabalho comigo, em especial minha mãe, a participante Karinne e o professor Hugo, 2023.

Um destaque é quem está comigo abraçando o baobá: minha mãe, a participante da pesquisa com codinome Karinne (todo sujeito participante importa, mas há alguém que toca

inexplicavelmente) e o professor Hugo. Por detrás do baobá há continuidade e outros braços dados, são sujeitos que talvez não apareçam logo de cara, mas que está como um todo representando que não estamos sós. O desenho presente nesta página representa uma ciranda de mestres em torno do baobá. Notemos que os mestres são: criança-menino negro, adolescente-menina branca, idosa analfabeta, homem do mato, intitulado camponês. São também com esses mestres da vida que alcançamos as reflexões problematizadoras que avançamos em continuidade. Para abrir este debate ainda, convido Rubem Alves, trecho de Escutatória:

Escutar é complicado e sutil. Diz o Alberto Caeiro que “não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores. É preciso também não ter filosofia nenhuma”. Filosofia é um monte de ideias, dentro da cabeça, sobre como são as coisas. Aí a gente que não é cego abre os olhos. Diante de nós, fora da cabeça, nos campos e matas, estão as árvores e as flores. Ver é colocar dentro da cabeça aquilo que existe fora. O cego não vê porque as janelas dele estão fechadas. O que está fora não consegue entrar. A gente não é cego. As árvores e as flores entram. Mas - coitadinhas delas - entram e caem num mar de ideias. São misturadas nas palavras da filosofia que mora em nós. Perdem a sua simplicidade de existir. Ficam outras coisas. Então, o que vemos não são as árvores e as flores. Para se ver é preciso que a cabeça esteja vazia.

Expandido a reflexão poética mencionada, sobrevoando estas palavras, tem-se a imagem abaixo de um indígena Pataxó, que representa a importância do ouvir. Através do ouvir e reproduzir a escuta de forma atenta e sensível de som de pássaros é possível se comunicar com parentes e caçar.

Figura 1 – Pataxó reproduz som de pássaro



Fonte: YouTube (2022).

Quando eu escuto o outro, aprendo a falar com ele. Para Paulo Freire, “[...] a escuta é a disponibilidade permanente, por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala dos outros, ao gesto do outro, às diferenças do outro” (2011, p. 61). Por princípios, não poderia pesquisar o sensível e a sensibilidade na prática docente e terapêutica, que não fosse transpassado pelo mesmo sentido no fazer da pesquisa. Portanto, ao refletir sobre a escuta sensível, me comprometo a acolher também o participante. Conforme Bourdieu (2007), nada de extorquir

do entrevistado. Os sujeitos desta pesquisa atendentes-docentes e professoras(es) foram aceitos, compreendidos e não analisados, nem elxs, nem sua práxis. Assim sendo, me ponho transdisciplinarmente e transversalmente como aquele que aprendeu a escutar, tanto como docente, como pesquisador e como atendente do Pode Falar.

Numa analogia freiriana entre educador-escuta, pensemos: pesquisador-escuta. Da mesma forma que um professor com escuta preconceituosa e fala autoritária (de cima para baixo) prejudicará o aprendizado, o pesquisador com escuta ausente, oposta à ideia da perspectiva do ser integral, prejudicará a pesquisa e comprometerá, ele mesmo, as falas dos participantes. Isto é, o professor autoritário se diz dono da verdade. Assim o é o pesquisador autoritário. E, a escuta sensível, cuidadosa, é o inverso da escuta autoritária já mencionada e criticada por Freire. A verdadeira escuta não diminui, em mim, nada. A capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Vinculado ao capítulo anterior, a escuta cuidadosa seria, antes de mais nada, uma escuta enquanto ato democrático. Pesquisar/escutar não é só ciência e técnica, mas amorosidade, cuidado, dialogicidade, respeito, humildade, abertura ao novo, disponibilidade à mudança. Não se pode escutar sem aceitar e respeitar a diferença.

Os indivíduos possuem dentro de si vastos recursos para a autocompreensão e para modificação de seus autoconceitos, de suas atitudes e de seu comportamento autônomo. Esses recursos podem ser ativados se houver um clima passível de definição, de atitudes psicológicas facilitadoras. Há três condições que devem estar presentes para que se crie um clima facilitador de crescimento. Estas condições se aplicam indiferentemente à relação terapeuta e paciente, pais e filhos, líder e grupo, administrador e equipe, professores e adolescentes; se aplicam, na realidade, a qualquer situação na qual o objetivo seja o desenvolvimento da pessoa.

Quanto mais autêntico for o pesquisador (de forma análoga para o terapeuta, professor etc.), for ele mesmo na relação com o outro, quanto mais puder remover as barreiras profissionais ou pessoais, maior a probabilidade de que o(a) adolescente (no caso da pesquisa) mude e cresça de um modo construtivo. Isto significa que o pesquisador está vivendo abertamente os sentimentos e as atitudes que fluem naquele momento. O termo “transparente” expressa bem a essência dessa condição: o(a) terapeuta se faz transparente para o(a) adolescente. Este(a) último(a) pode ver claramente o que o pesquisador é na relação: o(a) adolescente não se defronta com qualquer resistência por parte do pesquisador. Portanto, dá-se uma grande correspondência, ou congruência, entre o que está sendo vivido em nível profundo, o que está presente na consciência e o que está sendo expresso pelo(a) discente.

A segunda atitude importante na criação de um clima que facilite a mudança é a aceitação, o interesse ou a consideração – “aceitação incondicional”. Quando o pesquisador está tendo uma atitude positiva, aceitadora, em relação ao que quer que o(a) adolescente “seja” naquele momento, a probabilidade de ocorrer um movimento terapêutico ou uma mudança aumenta. O pesquisador deseja que o(a) aluno(a) expresse o sentimento que está ocorrendo no momento, qualquer que ele seja – confusão, ressentimento, medo, raiva, coragem, amor ou orgulho. Este interesse por parte do pesquisador não é possessivo: o terapeuta tem uma consideração integral e não condicional pelo(a) adolescente.

O terceiro aspecto facilitador da relação é a compreensão empática. Ou seja, o pesquisador capta com precisão os sentimentos e significados pessoais que o(a) adolescente está vivendo e comunica essa compreensão ao mesmo. Quando está em sua melhor forma, o pesquisador pode entrar tão profundamente no mundo interno do adolescente que se torna capaz de esclarecer não só o significado daquilo que o(a) discente está consciente como também do que se encontra abaixo do nível da consciência. Este tipo de escuta ativa e sensível é extremamente raro em nossas vidas. Pensamos estar ouvindo, mas raramente ouvimos e compreendemos verdadeiramente, com real empatia. No entanto, esse modo tão especial de ouvir é uma das forças motrizes mais poderosas que conheço.

De que modo este clima que acabo de descrever leva à mudança? Resumidamente, eu diria que se as pessoas são aceitas e consideradas, elas tendem a desenvolver uma atitude de maior consideração em relação a si mesmas. Quando as pessoas são ouvidas de modo empático, isto lhes possibilita ouvir mais cuidadosamente o fluxo de suas experiências internas. Todavia, à medida que uma pessoa compreende e considera o seu eu, este se torna mais congruente com suas próprias experiências.

Assim, nossa experiência ensina-nos que, quando essas condições existem, ocorre inevitavelmente um processo de alteração. As percepções rígidas de si mesmo e dos outros, por parte do(a) adolescente, distendem-se e abrem-se à realidade. As formas rígidas com que ele construía a significação da sua experiência são analisadas, e ele se descobre questionando muitos dos “fatos” da sua vida, descobrindo que são “fatos” unicamente porque ele assim os considerou. Descobre sentimentos de que não tinha consciência e experimenta-os, muitas vezes, de uma maneira viva, durante a relação pesquisador-pesquisado. Aprende, desse modo, a estar mais aberto à sua experiência – tanto no que lhe é interior como exterior. Ele aprende a ser mais a sua experiência, a ser os seus sentimentos, tanto os sentimentos que considerava temíveis como os que qualificava como mais aceitáveis; torna-se, então, uma pessoa mais flexível, mais modificável, mais capaz de aprender.

Podemos dizer que em cada organismo, não importa em que nível, há um fluxo subjacente de movimento em direção à realização construtiva das possibilidades que lhe são inerentes. Há também nos seres humanos uma tendência natural a um desenvolvimento mais completo e mais complexo. Quer falemos de uma flor ou de um carvalho, de uma minhoca ou de um belo pássaro, de uma maçã ou de uma pessoa, creio que estaremos certos ao reconhecermos que a vida é um processo ativo, e não passivo. Pouco importa que o estímulo venha de dentro ou de fora, ou que o ambiente seja favorável ou desfavorável. Em qualquer uma dessas condições, os comportamentos de um organismo estarão voltados para a sua manutenção, seu crescimento e sua reprodução. Essa é a própria natureza do processo a que chamamos vida. Esta tendência está em ação em todas as ocasiões. Na verdade, somente a presença ou ausência desse processo direcional total permite-nos dizer se um dado organismo está vivo ou morto.

No entanto, pode-se confiar que a tendência realizadora que está presente nessas pessoas é a luta em que se empenham para crescer e ser, utilizando-se dos recursos que acreditam ser os disponíveis. Para as pessoas saudáveis, os resultados podem parecer bizarros e inúteis, mas são uma tentativa desesperada da vida para existir. Esta tendência construtiva e poderosa é o alicerce da abordagem centrada na pessoa. Até hoje os físicos têm focalizado principalmente a “entropia”, a tendência para a deterioração ou para a desordem. Eles sabem muito sobre ela. Quando estudam sistemas fechados, podem lhes dar descrições matemáticas precisas, sabem que a ordem tende a degenerar em acaso, em um processo onde cada estágio se torna menos organizado que o anterior.

Do mesmo modo, conhecemos bem a deterioração na vida orgânica. O sistema – seja ele uma planta, um animal ou um homem – degenera-se com o passar do tempo, passando por graus de organização funcional ou ordem cada vez menores, até o momento em que a decadência atinge um estado de êxtase. De certa maneira, nisso se resume todo um aspecto da Medicina – no estudo do mal funcionamento, da degeneração de um órgão ou de todo o organismo. A compreensão do complexo processo da morte física é cada vez maior. Assim, sabe-se muito sobre a tendência universal de todo sistema a se degenerar em direção a um estado cada vez mais desordenado, mais caótico. O funcionamento deste sistema é como uma rua de mão única: o mundo é visto como uma grande máquina, que vai reduzindo a marcha e se desgastando.

Todavia, a tendência formativa, muito mais importante, e que pode ser igualmente observada em qualquer nível do universo, é muito menos reconhecida e ressaltada. Afinal de contas, toda forma que vemos ou conhecemos surge de uma outra mais simples, menos

complexa. Este fenômeno é, no mínimo, tão significativo quanto a entropia. Poderíamos dar exemplos extraídos tanto da vida orgânica quanto da inorgânica, porém mencionarei apenas alguns deles.

Há indícios de que cada galáxia, cada planeta, inclusive o nosso, se formou a partir de um turbilhão menos organizado de partículas. Muitos desses objetos estelares são formativos. Na atmosfera de nosso sistema solar, núcleos de hidrogênio se chocam para formar moléculas de hélio, mais complexas em sua estrutura. Supõe-se que em outros corpos celestes, até mesmo moléculas mais pesadas, são formadas através de tais interações. Penso que quando os elementos mais simples da atmosfera da Terra, que já existiam antes da vida começar – o hidrogênio, o oxigênio e o nitrogênio, sob a forma de água e de amônia – são infundidos por cargas elétricas ou por radiação, começam a se formar moléculas mais pesadas, seguidas dos aminoácidos mais complexos. Parece que somos apenas um passo além da formação do vírus e de organismos vivos ainda mais complexos.

Está em andamento um processo criativo e não desintegrativo. A formação de cristais é um outro exemplo fascinante. Em cada caso, de uma matéria fluída menos ordenada e menos simétrica, emerge a forma cristalina, surpreendentemente única, simetricamente ordenada e quase sempre bela. Todos nós nos maravilhamos com a perfeição e a complexidade de um floco de neve e, no entanto, ele se originou de um vapor informe. Quando examinamos uma célula viva, descobrimos que ela forma quase sempre colônias mais complexas, como os recifes de coral; quando a célula se transforma em um organismo de muitas células, com funções especializadas, a ordem é ainda maior. Não é preciso descrever todo o processo gradual da evolução orgânica, pois já temos conhecimento da complexidade cada vez maior dos organismos. Nem sempre são bem-sucedidos em sua adaptação a um ambiente em contínua mudança, mas a tendência à complexidade é sempre evidente.

Qual é o papel desempenhado por nossa consciência nessa função formativa? Acredito que pequeno, porém muito importante. A capacidade de prestar atenção consciente parece ser uma das mais recentes etapas evolutivas da espécie humana. Essa capacidade pode ser caracterizada como um pequeníssimo pico de consciência, de capacidade de simbolização, no topo de uma vasta pirâmide de funcionamento não consciente do organismo. Talvez uma analogia melhor, mais reveladora da contínua mudança que aí se processa, seja imaginar esta pirâmide como uma fonte de forma piramidal. Seu ápice é intermitentemente iluminado pela luz vacilante da consciência, mas o fluxo constante da vida prossegue do mesmo modo na escuridão, de modo consciente ou inconsciente. Tudo indica que o organismo humano vem progredindo em direção a um desenvolvimento cada vez mais pleno da consciência, é neste

nível que surgem inovações e talvez até mesmo novas direções para a espécie humana; é aqui que a relação recíproca entre causa e efeito é mais evidente, que as escolhas são feitas, que as formas espontâneas são criadas, e talvez é aqui que estejamos diante da mais desenvolvida das funções humanas.

Alguns estudiosos afirmam que a escolha orgânica – a escolha não-verbal, subconsciente, do modo de ser – é guiada pelo fluxo evolutivo. Concordo com essa afirmação e vou até mais além: ressaltaria que, na prática psicoterapêutica, aprendemos algo sobre as condições psicológicas que propiciam o aumento desta capacidade tão importante que é a consciência de si. Havendo maior autoconsciência, torna-se possível uma escolha mais bem fundamentada, uma escolha livre de introjeções, consciente, mais em sintonia com o fluxo evolutivo. Essa pessoa está potencialmente mais consciente, não só dos estímulos como também das ideias e sonhos, do fluxo de sentimentos, emoções e reações fisiológicas advindas do seu interior. Quanto maior essa consciência, mais a pessoa flutuará segura em uma direção e a um fluxo evolutivo.

Dizer que alguém está funcionando dessa maneira não significa afirmar que ela esteja consciente de tudo o que se passa em seu interior. Convém lembrarmos da centopeia, cujos movimentos ficaram paralisados no momento em que tomou consciência de cada uma de suas pernas. Pelo contrário, essa pessoa está livre para viver subjetivamente um sentimento, assim como para ter consciência dele. O indivíduo poderia sentir amor, sofrer, ter medo, ou apenas viver subjetivamente essas experiências, ou então poderia abstrair essa subjetividade e formular conscientemente “estou sofrendo”, “estou com medo”, “estou realmente amando”. O importante é que quando uma pessoa está funcionando plenamente, não há barreiras, inibições que impeçam a vivência integral do que quer que esteja presente no organismo. Esta pessoa está se movimentando em direção à inteireza, à integração, à vida unificada. A consciência está participando dessa tendência formativa, mais ampla e criativa.

Como uma hipótese, afirmo que a maior barreira à comunicação interpessoal é a nossa tendência muito natural para julgar, avaliar, aprovar ou desaprovar as afirmações de outra pessoa ou de outro grupo, mas existirá uma forma de resolver esse problema, de evitar essa barreira? Tenho a impressão de que estamos realizando progressos impressionantes nessa direção e gostaria de apresentá-los da forma mais simples possível. A comunicação real efetua-se e a tendência para a apreciação é evitada, quando ouvimos com compreensão, mas o que isso quer dizer? Ou seja, que se procura ver a ideia e a atitude expressas pela outra pessoa do seu ponto de vista, sentir como ela reage, apreender o seu quadro de referência em relação àquilo sobre o que está falando.

É o agente mais eficaz que conhecemos para modificar a estrutura da personalidade básica de um indivíduo, para melhorar as suas relações e a sua comunicação com os outros. Se sou capaz de escutar o que ele pode me dizer, de compreender como isso lhe parece, de ver o que isso significa para ele, de sentir a sua reação emocional perante tal coisa, estou libertando nele poderosas forças de transformação. Se sou realmente capaz de compreender como ele odeia o seu pai, ou a universidade, ou os comunistas, de captar o sabor do seu modo de demência, ou do seu terror da bomba atômica, ou da Rússia, isso representará para ele uma grande ajuda na transformação desse ódio e medo e no estabelecimento de relações realistas e harmoniosas com muitas pessoas e situações perante as quais experimentava ódio ou medo. Sabemos pelas nossas investigações que uma compreensão empática desse tipo – compreensão *com* uma pessoa, não *sobre* uma pessoa, é um modo de contato eficaz que pode provocar importantes alterações na personalidade. O conceito de escuta sensível se insere no paradigma da pesquisa-ação apresentado por Barbier que a vê como

[...] um “escutar/ver” que toma de empréstimo muito amplamente a abordagem rogeriana em Ciências Humanas, mas pende para o lado da atitude mediativa do sentido oriental do termo. A escuta sensível apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para “compreender do interior” as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos (“ou a existencialidade interna”, na minha linguagem) (BARBIER, 2007, p. 94).

A escuta se insere no campo da complexidade. O ato de escutar exige humildade de quem ouve: saber, não com a cabeça, mas com o coração, que é possível que o outro veja um mundo que nós não vemos. Ela perpassa três tipos de escuta que devem ser utilizadas em qualquer situação educativa: a escuta científico-clínica, a escuta poético-existencial e a escuta espiritual-filosófica, segundo Barbier (1993). A primeira delas integra a metodologia utilizada na pesquisa-ação – aquela que articula a produção de conhecimentos com a ação educativa, ou seja, por um lado investiga, constrói conhecimentos sobre a realidade a ser estudada e, por outro lado, realiza, simultaneamente, um processo educativo para o enfrentamento dessa mesma realidade.

A escuta científico-clínica possui o objetivo de investigar a relação sujeito/objeto, permitindo a troca entre o objetivo e o subjetivo, entre intrapessoal e interpessoal. A escuta poético-existencial considera os acasos que são resultantes das ações das minorias e o que há de específico no grupo ou em um indivíduo. Um exemplo dessa escuta é a instauração de valores que são essenciais para entender as diferenças existentes no eu, no outro e no mundo. A escuta espiritual-filosófica é fundamental para o estabelecimento de valores do indivíduo. Esta,

quando utilizada, leva à escuta dos valores que conduzem o indivíduo a ação individual ou em grupo. É a interação entre o eu material e o eu espiritual, entregue entre o outro e o eu, o outro e o mundo, levando em conta suas necessidades, mas sempre buscando o seu bem estar, do grupo e do mundo. Sendo a escuta sensível inserida nos três tipos de escuta, a científico-clínica, a poético-existencial e a espiritual-filosófica, há uma transversalidade que atravessa essas três escutas. Compreendendo a escuta no âmbito educacional e na abordagem transversal, segundo Barbier, escutar tem o sentido de

[...] sair de si e partir do outro, de suas práticas, de suas dimensões, de seus produtos e, no final das contas, de seu próprio universo, simbólico e imaginário. [...] escutar é da ordem daquilo que denominamos experiencial, antes que experimental (2007, p. 18).

A escuta sensível supõe também empatia, que é um processo em movimento. Isso denota o penetrar no mundo perceptual do outro e sentir-se completamente à vontade dentro dele. Nesse caminho, a sensibilidade se faz necessária. Para escutar é preciso sentir, sentir com todo corpo (biopsicossocial). A empatia é o ponto de partida para que a escuta sensível seja o equilíbrio entre o eu e a experiência do sujeito. Conforme Barbier (2007, p. 94), a escuta sensível apoia-se na empatia: o pesquisador deve sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para compreender do interior as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos, de metas, e, porque não dizer, da ética da pesquisa, afinal, como ter ética sem escuta?

Além da sensibilidade e empatia, Barbier (2007) parte do princípio de que a escuta sensível reconhece a aceitação integral do outro. O ouvinte não julga, não mede, não compara, nos termos do autor. A escuta sensível é, então, uma compreensão baseada pela empatia e aceitação, possibilitada pela sensibilidade e que, apesar da escuta, não é isolada, porém realizada com todos os demais sentidos.

A pessoa só existe pela atualização de um corpo, de uma imaginação, de uma razão, de uma afetividade em interação permanente. A audição, o tato, o gosto, a visão e o olfato precisam ser desenvolvidos na escuta sensível (BARBIER, 1993, p. 212).

Escutar é uma forma de meditar, pois é preciso estar em si, no aqui e no agora, para perceber o “menor” gesto, na mais simples atividade da vida cotidiana. Esta é uma forma elaborada do sentimento de ligação, uma empatia generalizada em relação a tudo o que se vive e tudo o que existe (BARBIER, 1993, p. 205). Para Barbier, existem vários tipos de sensibilidade, podemos destacar:

- Sensibilidade sensitiva: é ancorada, especialmente, nas relações perceptivas da pessoa, no mundo.
- Sensibilidade afetiva: desfazem emoções diante das situações que abalam as estruturas formadas.
- Sensibilidade intuitiva: encontra a parte ligada ainda não consciente do ser-no-mundo e se expressa em particular por um sentido da criação simbólica e mito-poética.

De tal forma, se faz perceptível o avanço e movimento da sensibilidade no contexto da escuta sensível. A sensibilidade é um facilitador da escuta sensível. A tríade reciprocidade, intercâmbio e de diálogo, inclusive, é gerada com base da escuta sensível. O diálogo é justamente o acolhimento das representações da escuta sensível; escutar é estar aberto às diferenças do outro, é uma forma de retirar os preconceitos daquilo que vamos receber de narrativas das histórias de vida no processo metodológico.

A escuta sensível promove criar situações com liberdade, criticidade e autonomia. Nesse sentido, o trabalho pedagógico do professor assume uma dimensão realmente preponderante em especial na relação com o aluno. A sensibilidade é uma flama devida, que é atividade da intuição, e não resumidamente do pensamento; está vinculada à emoção, sentimento e sensação. No caminho, a sensação sente a emoção, internamente, como uma alquimia, que, por sua vez, provoca sentimento, como uma elaboração, que canta. A escuta é esse ato sublime, mas simultaneamente radical: o pesquisador suspende as próprias representações para realizá-las. É, também, um momento de confiança. A sensibilidade é a abertura para efetivação da escuta sensível. O olhar terno. A sensibilidade no ambiente escolar amplia os sentidos tanto do professor quanto dos alunos. O professor, que tem sensibilidade avançada, é o facilitador do processo de ensino-aprendizagem, afinal, a escuta sensível procura oferecer sentido ao sujeito e nunca impor sentido, pois pede a compreensão do sujeito como um todo.

Assim, considera-se a sensibilidade como um indicador da escuta sensível em uma perspectiva de promoção de uma educação de qualidade. A escuta do outro significa também a escuta desse outro em mim, visto que também me escuto, escuto minhas implicações. Em suma, a escuta sensível, tal como Barbier (1997) a define, requer empatia, abertura e aceitação do outro em sua inteireza, numa perspectiva de relação horizontal, em que não exista nem aquele que sabe e aquele que não sabe, mas apenas aqueles dotados de saberes diferentes advindos de experiências e vivências peculiares.

Cerqueira (2006) reflete que as condições tanto no processo de ensino-aprendizagem quanto nas relações do professor e aluno são melhoradas conforme o exercício da escuta sensível. É preciso aprender como ocorre este diálogo que confere entre o saber e o conhecer,

uma dialética entre ensinar e aprender. É importante, nesta conjuntura, entender que o saber está inserido nas experiências e vivências do nosso cotidiano de tal forma que nos constituímos enquanto sujeitos epistêmicos, embora nem sempre nossas experiências sejam bem-sucedidas. É preciso entender o que acontece com a aprendizagem, ou melhor, como ela acontece quais os atravessamentos que influenciam nesse processo. Tais atravessamentos são variáveis e também externos ao espaço da sala de aula, de tal forma que a aprendizagem pode estar em conexão com relações íntimas e externas ao ambiente escolar, lembrando que o aluno e o professor é o mesmo corpo em espaços diferentes e trazem lembranças, sentimentos e acontecimentos de onde vieram.

4.2 A ESCOLA

Figura 2 – Escola como lugar de paz e escuta.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Fonte: desenho feito pelo autor e nomeado Mulheres pretas ocupam a escola, para saudar cada pessoa negra, especialmente as mulheres, que alcançam o processo de dissertar, 2023.

A escola foi institucionalizada no ápice da revolução industrial, sendo que as concepções de aprendizagem se basearam nas correntes inatistas e empiristas. A corrente inatista compreende que o indivíduo é pré-determinado pela biologia, sendo assim, o ambiente

não interfere no seu desenvolvimento. Uma ressalva é que as grandes experiências humanas, como o amor, a liberdade, a felicidade e a tecnologia atravessam a simbolização e também o senso comum, o mito, a religião, a ciência e a filosofia. Logo, o professor que estimula o aluno a ter acesso à cultura e também a refletir, imaginar, criar, atribuir valor e desenvolver consciência, vai trabalhar com a produção de sentido no contexto histórico e coletivo.

Trabalhar com a produção de sentido no espaço escolar é fazer com que o trabalho pedagógico da escola conquiste sua autonomia e possibilite toda a comunidade escolar para se ter uma participação efetiva, bem como a construção de um projeto político pedagógico que pressupõe competência, seriedade, comprometimento, rigor e sentido.

Boff (1997) realiza uma metáfora da condição humana: cada um tem dentro de si uma águia e sente-se portador de um projeto infinito, há movimentos na política e na educação que pretendem nos resumir a galinhas confinadas nos limites de um terreiro. Boff pergunta como vamos dar asa à águia, ganhar altura, integrar também a galinha e sermos heróis da nossa própria saga, um dos objetivos da educação, incorporando o desenvolvimento como sujeito capaz de atuar no processo em que aprende e de ser parte ativa nos processos da subjetivação, estando vinculado à sua vida cotidiana, ou seja, leva-nos a enxergar um aluno como sujeito ativo de sua aprendizagem aquele que tem a ousadia de fala e escuta.

A escola é uma instituição social e histórica e caminha sob os aspectos espaciais e temporais. Todavia, a referida instituição não é fixa, parada no tempo. Escola é movimento, embora traga resquícios, infelizmente, do determinismo e sem considerações aos condicionantes geracionais. É preciso entender que a escola envolve processos de gerações. Ainda ousar definir escola como Paulo Freire: o lugar onde se faz amigos. Apesar de a mesma também ser local de adoecimentos emocionais, especialmente porque a escola no Ocidente se nutre do discurso do racionalismo positivista, sendo, muitas vezes, tradicionalista e não dialógica. Nas palavras de Ferreira (2022, p. 56) “Para muitas crianças e adolescentes, a escola não é só um espaço de aprendizagem, mas de traumas”.

Quando os alunos são obrigados a realizar atividades excessivas, ou sofrem devido às diferenças identitárias, a escola passa de um local protetor, como preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e passa a ser um ambiente ameaçador. Nesse viés, a escola, em diversas vezes, opta pelo tecnicismo em apenas focar em competir e preparar crianças e adolescentes para ocupar um espaço no mercado de trabalho. Essa crença não é de hoje, mas do final do século XIX. Trata-se de uma ilusão de que o avanço pleno representa o progresso genuíno, baseado na formação para o mercado de trabalho. Para esse preparo, se faz mister: “[...] horários exaustivos, regras tecnicistas, quantificações de conteúdo, agendas superlotadas,

aquilo que o pesquisador David Elkind chama de processo para gerar crianças estressadas” (FERREIRA, 2002, p. 57). O inverso de uma escola democrática.

Com essa pressão social, as crianças e os adolescentes eram engolidos em suas vivências, obrigados a se comportarem como adultos. É válido destacar que o excesso de atividades escolares e as programações pedagógicas, na intenção de formar pequenos adultos, condiz ainda com o menorismo.

Em seu livro *O Ministério das Crianças* adverte: brincar faz bem à saúde, Eduardo de Sá explica que ser criança é um estado da alma e que, mesmo quando crescemos, podemos manter a infância que nos habitou e que tivemos. O problema, todavia, e se a escola em que estudamos, na qual passamos a maior parte de nossas horas, assim como sempre ocorre com crianças e adolescentes, desde a chamada revolução escolar burguesa, opta por não reconhecer que somos imperfeitos e falhos (FERREIRA, 2022, p. 58).

Brayner (2008) reforça que houve um tempo em que a passagem pela escola representava a promessa de inserção profissional:

Daí porque qualquer experiência escolar que invista minimamente no respeito aos alunos, na escuta de sua palavra, no atendimento de suas urgentes necessidades sociais, culturais, identitárias é logo vista como um caminho desejável e a ser perseguido, encontrando imediata recepção nos meios que, por razões muito diversas, são sensíveis aos problemas de uma sociedade particularmente complexa e às voltas com crescentes problemas de exclusão e desigualdade. (BRAYNER, 2008, p. 103-104).

Não quero, contudo, colocar a escola como culpada, vilã. Mas é preciso afirmar que há uma escola disciplinar e violenta. É essa escola que precisamos reconstruir. A escola não pode continuar com a mística da responsabilidade de transferir conhecimentos, de tal forma que o contexto, as emoções, os sentimentos e as identidades fiquem de fora. Neste mesmo sentido, nos diz Ferreira (2022) que “[...] um projeto inovador onde vários saberes são considerados e ensinados no cotidiano da vida”. A poesia abaixo retrata as pedagogias freirianas que acredito abraçar uma escola que contemple a escuta em sua prática pedagógica:

Não trago um roteiro acabado, mas que pode ser recriado; Pela realidade a ser trabalhada, o que é muito válido; Criando uma infinidade de possibilidades do que fazer; Tirando Freire do bolso e sendo referência pra valer; A PEDAGOGIA DA ACOLHIDA tem cheiro da escola tão sonhada; Acolher é um gesto de amor e alteridade; De tolerância com o diferente e de respeito à diversidade; Se traduz também como uma pedagogia da amorosidade. A acolhida é a dialetização da afetividade e racionalidade. Do ponto de vista pedagógico, acolher é respeitar o conhecimento dos outros: popular, acadêmico-científico, místico-religioso; É saber que ninguém está com o melhor biscoito; É proporcionar o diálogo de saberes. E, ainda acrescento nessa ciranda a PEDAGOGIA DA PERGUNTA; Como vai ser a aula? Do que ela fala? Qual dor ela ataca e trata? Na prática, o exercício de perguntar incomoda, não acalma; É correnteza que passa em nossa alma; E ensina que não temos certezas fixas; Outra coisa importante a ser dita que mais parece daqui uma dobradiça

é a PEDAGOGIA DO TEMA GERADOR; Se avexe não seu doutor, que continuamos falando de amor; É o momento da continuidade da reflexão; Do que nasce da pedagogia da pergunta; É o diálogo que vem do coração; E proporciona conhecer a percepção; Da realidade em que estamos inseridos; Amplia nossa visão do que temos vivido; E amplia também com o mundo e com os outros, a nossa relação. Agora vou falar da PEDAGOGIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO; Ora é conhecendo o contexto que é possível pensar a sua transformação; O processo da pedagogia da contextualização possibilita uma postura de abertura e humildade; Algo que não tem idade para florir; É a casa dos temas geradores, onde estão situados e datados; Agora não fique danado; Que vamos refletir; E é no coletivo; Para isso chega a PEDAGOGIA DA REFLEXÃO; Refletir é pensar de forma crítica sobre alguma realidade ou algum objeto; Refletem as avós e até compartilham com seus netos; Afinal a reflexão não é um ato introspectivo; Mas um diálogo conectivo; Entre ideias e pessoas, como preferia Paulo Freire; Cheiro no cangote dele; Que ainda presenteia com a PEDAGOGIA DA INVESTIGAÇÃO TEMÁTICA; Primeiro pensa sobre o tema; O que vai levar à ação transformadora sobre a realidade refletida; Mas o caminho não é só de ida; Aqui é o momento de investigar outra vez a temática; Tendo em vista da construção de alternativas; Para sua superação crítica. Vamos falar de sistematização; Pois é a PEDAGOGIA DIALÉTICA que exige que o processo seja permanentemente sistematizado Que o diálogo em torno do objeto do conhecimento por todos possa ser acessado; Por isso que precisa ser publicizado, escrito, publicado; O registro das atividades precisa se tornar um hábito; É o tempo de aprofundar a teoria e a prática, evoluir na teorização; Alcançar a PEDAGOGIA DA PRÁXIS; O que ³implica na ação-reflexão-ação; Um processo de descoberta coletiva do mundo; É o caminho dialético da ‘palavramundo’ para a ‘palavração’; E ainda precisamos dialogar com os outros sobre os nossos saberes; Viver a PEDAGOGIA DO DIÁLOGO; Dialogue sobre suas anotações com alguém; Seja freiriano ou não; Isso criou uma sensação de avanço; E seguimos os estudos e reflexões elaborando; É preciso recordar que não produzimos nada sozinhos; por isso Gratidão a todos, todas e todEs; Agradecer é reconhecer o esforço de cada um; Que dentro de seus limites e inacabamentos se dispõe a partilhar a vida; Por isso viva; Viva a PEDAGOGIA DA GRATIDÃO; Obrigada a quem caminha junto, lado a lado, mão na mão.

É com essa escrita em ciranda, cujas palavras passeiam em espiral, que pensamos desconstruir a escola disciplinar. Há uma íntima relação entre disciplinaridade e violência, que consideram as crianças como adultos em miniatura. O papel da escola disciplinar, segundo Ferreira (2022), é de impor regras adversas à natureza humana, sendo assim, adoecedoras. De tal forma, a violência na escola é um fenômeno complexo e multifacetado, e, se não trabalhada, é algo devastador. Não podemos ser inocentes ao ponto de pensar ser um caminho isolado: escola-criança, haja vista que o entorno também importa: comunidade, família, em suma, o seu redor também “inter-fere” e é “inter-ferido”. Nesse aspecto, Ferreira (2022, p. 129) aponta que “[...] a ausência de escuta acolhedora é um problema sério para as relações humanas, um impedimento para quem precisa de ajuda.”. Durante séculos as emoções foram negligenciadas:

O fato de, quase sempre, não termos consciência de que as emoções e os sentimentos são fundamentais na educação e no desenvolvimento de nossas crianças e adolescentes tem a ver com aquilo que chamo de negligência das emoções. Negligenciar as emoções é não cuidar delas, acreditando que não são relevantes e que, muitas vezes, “atrapalham a vida” (FERREIRA, p. 131, 2022).

³ Poesia elaborada por Daniella Lima Silva, composta em março de 2022, cedida para o autor.

Para aprofundar a compreensão, retrato um quadro construído por Daniel Goleman e adaptado por Ferreira (2002, p. 132-133).

Quadro 2 – As emoções e suas famílias.

Emoções	Família das Emoções
Ira	Fúria, revolta, ressentimento, exasperação, indignação, vexame, acrimônia, animosidade, aborrecimento, irritabilidade, hostilidade e, talvez, no extremo, ódio e violência patológicos.
Tristeza	Sufrimento, mágoa, desânimo, desalento, melancolia, autopiedade, solidão, desamparo e, quando patológica, severa depressão.
Medo	Ansiedade, apreensão, nervosismo, preocupação, consternação, cautela, escrúpulo, inquietação, pavor, susto, terror e, como psicopatologia, fobia e pânico.
Prazer	Felicidade, alegria, alívio, contentamento, deleite, diversão, orgulho, prazer sensual, emoção, arrebatamento, gratificação, satisfação, bom humor, euforia, êxtase e, no extremo, mania.
Amor	Aceitação, amizade, confiança, afinidade, dedicação, adoração, paixão, ágape.
Surpresa	Choque, espanto, pasmo, maravilha.
Nojo	Desprezo, desdém, antipatia, aversão, repugnância, repulsa.
Vergonha	Culpa, vexame, mágoa, remorso, humilhação, arrependimento, mortificação e contrição.

Fonte: Ferreira (2022).

As escolas precisam reconhecer, conforme Ferreira (2022), como são cruciais as emoções, não podendo considerá-las de maneira tradicional, tecnicista ou mecânica. Chega de negligenciar as emoções. Brayner (2008, p. 103) salienta que uma das críticas mais ferrenhas à escola contemporânea é justamente a incapacidade de tratar, dentro de seu ambiente, a escuta. “Seu aspecto autoritário, onde os jovens não são ouvidos nem respeitados em suas solicitações”. É preciso estarmos atentos que a escola vai além da sala de aula, é também um lugar político. De tal forma, perguntamos: a sala de aula é um lugar de cidadania?

A escola formadora de nossas elites continua, de certa forma, fazendo aquilo que sempre fez: oferecendo boa formação (para um certo tipo de “elite”, bem entendido!). E sempre alerta para os desvios dos inovadores em matéria educativa, sem deixar, claro, de usufruir as novas tecnologias colocadas à disposição do mercado educativo. (BRAYNER, p. 139, 2008).

Como não falar em educação popular no espaço escolar? Bem, enquanto campo de conhecimento, choca continuamente com o sistema societário que ainda vigora: eurocêntrico, hegemônico, capitalista e, porque não dizer, monocultural em muitos aspectos que discutiremos, ou, pelo menos, tentaremos desconstruir um pouco mais. As classes populares têm muito a nos ensinar, com seus processos de luta, bem como com sua resistência. A educação

popular ecoa no cenário da teoria marxista, de autores latino-americanos, como Martí e Mariátegui e, notadamente, Paulo Freire, com o método de alfabetização de jovens e adultos e a formulação da “Pedagogia do Oprimido”; as matrizes da Teologia da Libertação; do sindicalismo; a indigenista; dos movimentos rurais e comunitários; da revolução; das artes e outras vitórias na direção de uma concepção “ético-política”.

Nessa perspectiva, não se tratava somente de fazer para o povo, nem de entendê-la como educação escolar do povo, métodos e técnicas, cultura popular, saber das comunidades, educação de jovens e adultos ou educação permanente (BRANDÃO, 2002). É no interior do “Movimento de Educação Popular” que acontece no interior do “movimento político e sociocultural mais amplo”, que vai sendo formulada a “concepção de Educação Popular” e esse mesmo movimento também se constituía como formador, porque propiciava, na dinâmica política e organizativa dos diferentes movimentos sociais, a vivência concreta de outro modo de relações sociais e de compreensão da realidade. A educação também é uma forma de poder e transformação, ela pode, nesse contexto, fortalecer os excluídos ou o contrário.

O pensamento freiriano contribui incansavelmente com o pensamento decolonial, no sentido de perceber uma pedagogia a partir da partir da dominação vivida e da resistência empreendida pelos oprimidos, o que Fanon chamaria de condenados da terra. No entanto, Freire não apenas pensou a partir do lugar do oprimido, ele vivenciou este lugar. Freire (1996) diz que o seu olhar é o dos excluídos e, em diálogo com Sérgio Guimarães, no livro *A África ensinando a gente*, Freire afirmava sentir-se intimamente latino-americano, brasileiro, recifense. “Esse local é o Recife, com cuja memória eu ando pelo mundo. Carrego comigo as marcas da minha cidade” (FREIRE, 2011, p. 43-44).

Apesar de animador, sabemos que não é fácil. Freire (1994, p. 35) alertava que a libertação da opressão é “um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos”. Na medida em que não abandona a ideia da liberdade como vocação ontológica, podemos perguntar: quando será, portanto que Freire entende, ocorrer ou ser possível a libertação plena? Justamente quando a luta é dos oprimidos, que conhece a opressão na pele, enquanto missão humanista, e, por esperança, vitoriosa.

Logo, a pedagogia do oprimido não pode ser construída por opressores, mas pelas mãos que sangram. Porque não dizer, um mecanismo de (re)humanização. Freire (1994) expressa que um dos mecanismos da opressão é a desconfiança em relação ao saber do povo, a negação dos saberes populares. É uma educação com olhos decoloniais, não estrangeiros. Ela não quer educar com o que vem de fora. Nesse sentido, até então havia destacado como justificativa

pessoal, o fato de que o Arthur menino, um dos meus próprios “eus”, era a criança/adolescente não acolhida pela ausência de escuta. E agora reafirmo que a insurgência pedagógica-terapêutica que se presta a ouvir o discente, antes mesmo de instruí-lo para o mercado, também deve estar na própria trajetória do atendente de um programa como o Pode Falar, assim como na prática docente em sala de aula. Brandão (2002, p. 33) apresenta quatro características da educação popular latino-americana, que urge desde os anos 60 e nos auxiliam a responder as perguntas supramencionadas. Não com a prepotência de respostas prontas, haja vista a complexidade das mesmas, mas com a ousadia de reflexões promissoras.

1 – A educação popular propõe uma teoria renovadora de relações homem – sociedade – cultura – educação e uma pedagogia que pretende fundar, a partir destas relações, uma educação libertadora.

2 – A educação popular realiza-se inicialmente no domínio específico da educação de adultos das classes populares, definindo-se, aos poucos, como um trabalho político de libertação popular e de conscientização dos movimentos populares.

3 – A educação popular afasta-se de ser apenas uma atividade de escolarização popular (o autor dá como exemplos a alfabetização e a pós-alfabetização) para ser toda e qualquer prática sistemática de intercâmbio de saber, partindo das próprias práticas sociais populares.

4 – A educação popular é um trabalho político de mediação a serviço de projetos, sujeitos e movimentos populares de classe, visando à construção de uma nova hegemonia no interior da sociedade capitalista dependente.

Com esses pontos, avançamos para e com o(a) adolescente.

4.3 ADOLESCÊNCIAS: CONCEITUAÇÕES ATRAVÉS DA ESCUTA SENSÍVEL

A palavra adolescência vem do latim *adolescere*, que significa crescer e diz respeito a um período complexo e dinâmico, tanto do ponto de vista físico quanto emocional, na vida do ser humano. O ECA caracteriza este último pela faixa etária entre 12 e 18 anos. Por sua vez, a Organização Mundial de Saúde, no plano internacional, também define adolescência, pelo referencial cronológico, como uma fase da vida que vai dos 10 aos 19 anos, abarcando, dessa forma, a puberdade, que é um fenômeno universal e tem um ritmo que varia de maneira singular para cada um. Destaca-se, porém, que as definições cronológicas esbarram na realidade cultural e temporal; faz-se crucial diferenciar puberdade de adolescência, pois correspondem a dois fenômenos específicos, ou seja, enquanto o primeiro engloba mudanças biológicas inevitáveis, a adolescência refere-se aos componentes psicológicos e sociais que estão diretamente relacionados aos processos de mudança física gerados neste período (OSÓRIO, 1996).

“Adolescência” é um termo que emergiu no fim do século XIII, fazendo menção à segunda idade do homem, sendo a primeira a infância. Embora não estivesse presente em grande parcela dos dicionários de língua portuguesa, era marcante nos manuais de medicina e

se referia à faixa etária dos 12 aos 18 anos, no que concerne ao sexo feminino, e entre os 14 e 20 anos para o sexo masculino (DEL PRIORE, 2009).

Em uma breve perspectiva sócio-histórica, Ariès (2006) nos traz que por volta de 1890 se deu início o interesse pela adolescência, que *a posteriori* se destaca como uma fase própria, um fenômeno universal, com repercussões pessoais e sociais significativas. É notória a referência a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista, gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e pela extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico e de justificar o distanciamento do trabalho de um determinado grupo social. Logo, é criada historicamente pelo homem, enquanto representação e enquanto fato social e psicológico.

Não há nada de patológico; não há nada de natural. A adolescência é social e histórica. Pode existir hoje e não existir mais amanhã, em uma nova formação social; pode existir aqui e não existir ali; pode existir mais evidenciada em um determinado grupo social, em uma mesma sociedade (aquele grupo que fica mais afastado do trabalho), e não tão clara em outros grupos (os que se engajam no trabalho desde cedo e adquirem autonomia financeira mais cedo). Não há uma adolescência como possibilidade de ser; há uma adolescência como significado social, mas suas possibilidades de expressão são muitas. (BOCK, 2008, p. 42).

O universo adolescente hoje, no Brasil e no mundo, transcende o cronológico, porquanto suas linguagens e comportamentos são espelhamentos dos grupos com os quais se identificam e dialogam, ou seja, sinalizam elementos simbólicos e comportamentais nas relações com outros grupos com os quais se relacionam, influenciando e sendo influenciados permanentemente (COELHO; SILVA, 2019).

4.4 ADOLESCÊNCIAS: COSTURANDO OS CONCEITOS DA OMS, CF/88 E DO ECA

A OMS percebe a adolescência entre 10 a 19 anos de idade e considera que a juventude se estende dos 15 aos 24 anos. Assim, a organização mencionada atribui limites cronológicos à adolescência. Como podemos verificar no relatório dos Debates Técnicos sobre a Saúde dos Jovens, da Assembleia Mundial de Saúde (1989), a OMS assinala a adolescência enquanto período de transição, uma encruzilhada na vida que segue a trilha saudável para o momento adulto. Saudável desde que alcance as necessidades de desenvolvimento e segurança. Hamburg e Hamburg (1976) já haviam sinalizado que a adolescência é a instância onde se formam hábitos de conduta e comportamentos sociais. Tais hábitos, inclusive, vão ser chaves na vida futura. Digo chaves no sentido de sua importância.

A concepção de adolescência mergulhada no paradigma biomédico é de nos fazer afogar. Mas, é necessário seu estudo para que a história do conceito de adolescente se torne mais escurecida (melhor compreendida). Vamos juntos no pensamento. Primeiro, o fenômeno adolescência é colocado enquanto fenômeno de universalidade, isto é, todos passam por esse momento correspondente a transição da infância para a fase adulta. De tal forma, podemos encarar esse fenômeno como universal (no sentido de natural), linear (como se não houvesse diversidade e heterogeneidade dentro desse próprio conceito), e, também, como se não interferisse questões do seu meio, sejam materiais ou simbólicas. Assim, se encaramos a adolescência como fenômeno universal (comum), o que acontece? Vamos enxergá-la como tendo antolhos⁴. Só vendo pela dimensão biológica, nutrindo apenas o sentido filogenético, das idades cronológicas, identitárias e demarcadoras do tempo do calendário.

Assim, onde estariam as outras dimensões? Psicológica, social, cultural? Bem como as outras visões. Vejamos: a antropologia traz a perspectiva da inexistência da adolescência como fase de transição de conflitos no percurso entre infância e mundo adulto. Não podemos entender a adolescência só pela saúde. A pedagogia, a educação, a psicologia, a antropologia, a sociologia etc. O próprio adolescente, de sua época própria e condições singulares, também tem o que nos ensinar sobre esse conceito. O desenvolvimento humano é como uma constelação e abraça várias estrelas, são elas: biológica, psicológica, sociocultural.

Outra visão que pode reduzir o conceito de adolescência ou até mesmo limitá-lo é o que dicotomiza corpo e mente, razão da afetividade, ou seja, a dissecação de nosso corpo de inúmeras formas para que se privilegie a visão médica. E viva o ser não humano, só biológico. Despertemos, o ser humano só existe no social. Nasce e desenvolve nas relações sociais. Mas, opa! Não estamos querendo dizer e nem que você, caro leitor e estudioso do tema⁵, a estrela do biológico não está sendo excluída da constelação que aqui representa a adolescência. Só queremos dizer: há outras estrelas e nenhuma delas, sozinha, tem um brilho único de entender a adolescência sem precisar do brilho uma das outras. Em síntese, o critério biológico não basta. É preciso que as determinações biológicas alcancem um sentido social, sem, com isso, perder sua significação biológica, afinal, considerar o brilho de outras estrelas não vai apagar o da estrela que metaforicamente representa a dimensão biológica.

Outro ponto a refletir é: há sociedades que muitos não conseguem nem sequer nascer vivos. Ou, não ultrapassam geralmente os cinquenta anos⁶. Como fazer o recorte cronológico

⁴ Acessório que se coloca na cabeça de animal de montaria ou carga para limitar sua visão e forçá-lo a olhar apenas para a frente, e não para os lados, evitando que se distraiam ou se espantem e saiam do rumo.

⁵ Todos os presentes na leitura apenas por curiosidade também são muito bem vindos(as)!

⁶ Neste caso, um sujeito com 50 anos já é velho, pois estaria no fim da vida.

infância – fase adulta. Não podemos desconsiderar que o tempo vital real tem relação com o contexto socio histórico. A saúde pública, quando valoriza o enraizamento no paradigma biomédico, dociliza os corpos para uma ordem natural-social instituída. Com os avanços das políticas públicas, o ECA traz um olhar humanizador para os(as) adolescentes. Quem milita, sofre com a mudança na maioridade penal e com as inúmeras violências voltadas à adolescência, erguem a bandeira do ECA (ANDRADE; MACHADO, 2017).

Considerar o adolescente como sujeito de direitos é perceber os vínculos, mesmo muitas vezes precários, que se tecem junto à escola, à família, à saúde, à moradia, às oportunidades de empregos, entre outros. O ECA atende a diversidade e atende inclusive os adolescentes protagonistas de atos infracionais como sujeitos a quem também cabe a proteção integral e a condição de pessoas em momento específico de desenvolvimento. Não há dúvidas de que o ECA é um grande marco, porém, a condição do adolescente fragilizado socialmente é costurada paradoxalmente. Juridicamente ele é considerado como sujeito de direito, mas no horizonte social ele se sente desvalorizado. Como, por exemplo, os estigmas que se traduzem em dificuldade no pertencimento social, discriminação, bullying, e outras violências. Robert Castel (1995), sociólogo francês, lança a hipótese de dois caminhos contemporâneos de indivíduos:

- 1) “Por falta”: contam com mínimos apoios econômicos, institucionais e tem reduzidas chances de desenvolverem estratégias individuais, que lhes possibilitem não estarem como dependentes, para conduzirem suas vidas. Estão, assim, dependentes de pessoas, grupos, programas de auxílio social. São sujeitos assujeitados, diria.
- 2) “Por excesso”: geralmente têm seu pertencimento institucional engolido por pontos negativos. Assim, integram uma teia de pertencimento social positivo, que possibilita ter suficientes meios na educação, saúde, família, cultura, entre outras. Garantir-lhes a não dependência, favorecendo ser protagonista da sua história.

Antes de definir adolescência, em respeito aos tantos adolescentes mortos, em especial negros(as), repensemos se se trata de um conceito meramente biológico, que nada sofre com o social. Leiamos com o coração⁷ esses dados:

Os homicídios são hoje a principal causa de morte de jovens de 15 a 29 anos no Brasil e atingem especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. As estatísticas mostram que mais da metade dos 65.602 mortos por homicídios, em 2017, no Brasil, eram jovens (27.471, equivalente a 52,63%), dos quais 77% negros (pretos e pardos) e 91,8% do sexo masculino (XII Anuário de Segurança Pública, 2018).

⁷ Ler com o coração talvez signifique ler com respeito.

A prisão dos jovens representa mais de 50% da população carcerária brasileira. O conceito de adolescência não é único e, por vezes, é ferido em violação de direitos. Compreender o desenvolvimento humano como o que abraça o biológico, psicológico, jurídico, social é sair da zona de conforto da resposta única da universalidade e pisar num chão mais árido, o terreno com alguns buracos, em outros instantes até mesmo infértil: o adolescente é quem é dependendo também de sua condição cultural e social. Em suma, a adolescência é um período fundamental do desenvolvimento humano e deve ser considerado a partir dos aspectos biológico e psicológico (OMS), jurídico e social (Constituição Federal de 1988 e ECA).

4.5 OS ATENDENTES-DOCENTES: QUEM EXERCE A ESCUTA

São os(as) professores(as) que atendem no Pode Falar. Dizia Zambrano (2007) que um professor é aquele diante de quem é possível fazer perguntas. Conforme Arendt (1996), há uma pergunta que diz respeito se o educar não teria a ver com uma certa forma de amar o mundo o suficiente para não deixar que se acabe e abrir, assim, lugar ao novo como nascimento. Se o educar não teria a ver com uma certa forma de amar aos demais o suficiente para não abandonar à sua própria sorte, ao seu próprio destino em aparência inabalável e imutável. Acolhemos versos de Bráulio Bessa, em *A Força do Professor*, para expandir poeticamente a compreensão de quem seriam os atendentes-docentes, são eles:



*Um guerreiro sem espada
sem faca, foice ou facão
armado só de amor
segurando um giz na mão
o livro é seu escudo
que lhe protege de tudo
que possa lhe causar dor
por isso eu tenho dito
Tenho fé e acredito
na força do professor.*

*Ah... se um dia governantes
prestassem mais atenção
nos verdadeiros heróis
que constroem a nação
ah... se fizessem justiça
sem corpo mole ou preguiça
lhe dando o real valor
eu daria um grande grito
Tenho fé e acredito
na força do professor.*

Porém não sinta vergonha

*não se sinta derrotado
se o nosso país vai mal
você não é o culpado
Nas potências mundiais
são sempre heróis nacionais
e por aqui sem valor
mesmo triste e muito aflito
Tenho fé e acredito
na força do professor.*

*Um arquiteto de sonhos
Engenheiro do futuro
Um motorista da vida
dirigindo no escuro
Um plantador de esperança
plantando em cada criança
um adulto sonhador
e esse cordel foi escrito
por que ainda acredito
na força do professor.*

Fonte: desenho feito pelo autor e nomeado Cirandeiros, para comparar amorosamente o movimento da ciranda com o fluir da pesquisa, 2023.

Para Maturana (2009), o amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. O amor é a emoção que funda o social. Só são sociais as relações que se fundam na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, e que tal aceitação é o que constitui uma conduta de respeito. Para o autor, o amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto.

Para Maturana (2009), nós seres humanos nos originamos no amor e somos dependentes dele. Na vida humana, a maior parte do sofrimento vem da negação do amor: nós, seres humanos, somos filhos do amor. Com base na compreensão das condições que tornam possível uma história de interações recorrentes e suficientemente íntimas, para que possa dar-se a recursividade nas coordenações consensuais de conduta que constituem a linguagem. Assim, a emoção que funda o social, como a emoção que constitui o domínio de ações nas quais o outro é aceito, como um legítimo outro, na convivência, no amor. Relações humanas que não estão fundadas no amor não são relações sociais. Portanto, nem todas as relações humanas são sociais,

tampouco o são todas as comunidades humanas, porque nem todas se fundam na operacionalidade da aceitação mútua.

Educar, para Maturana (2009) se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente, mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. A educação, como sistema de formação da criança e do adulto, tem efeitos de longa duração que não mudam facilmente. Como vivermos é como educaremos, e conservaremos no viver o mundo que vivermos como educandos; educaremos outros com nosso viver com eles, o mundo que vivermos no conviver.

4.6 PODE FALAR: UM ESPAÇO DE ESCUTA ÀS ADOLESCÊNCIAS

O Pode Falar surge como um espaço de escuta em que adolescentes e jovens entre (13 a 24 anos) podem informar suas demandas, de forma anônima, ao passarem por uma triagem automatizada e tendo uma resposta imediata.

Figura 3 – Página inicial do site.

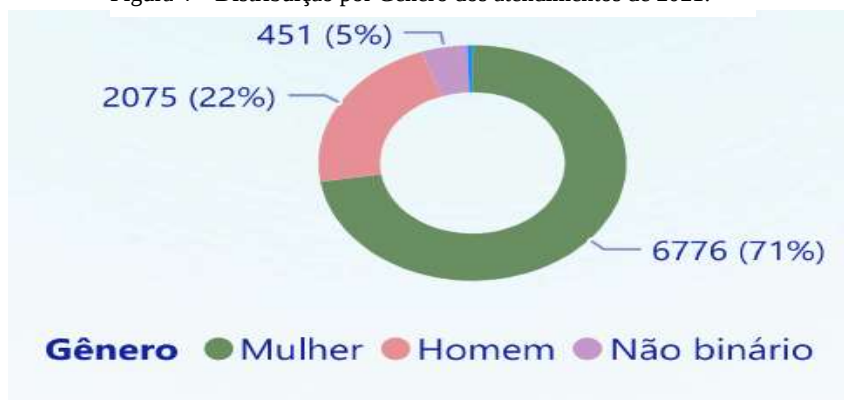


Fonte: Pode Falar (2022)

O site, além de oferecer o serviço de escuta, traz também indicações de materiais de apoio, informações e serviços. A iniciativa está dividida em três pilares principais. O primeiro pilar, “Quero me cuidar”, os usuários que acessam o canal podem receber vídeos, guias e

manuals com orientação para o autocuidado. Os materiais disponíveis trazem dicas sobre como se conhecer, se cuidar e cuidar das pessoas importantes para aqueles e aquelas adolescentes e jovens. O segundo, “Quero me inspirar”, traz depoimentos de quem já passou pelo programa e superou uma situação difícil, possuindo a opção escrever meu depoimento. No terceiro pilar, “Quero falar”, adolescentes podem receber atendimento humano de escuta qualificada, oferecido por organizações parceiras. No que tange a distribuição por gênero, tem-se:

Figura 4 – Distribuição por Gênero dos atendimentos de 2021.



Fonte: Pode Falar (2021)

O atendimento de escuta individual funciona em regime de plantão, em um processo simplificado de encaminhamento, conectado com as plataformas da instituição parceira, responsável pelo atendimento. O Pode Falar foi idealizado pelo UNICEF e implementado em parceria com a Associação pela Saúde Emocional das Crianças (ASEC), o Instituto Vita Alere, Instituto Syntese, Núcleo do Cuidado Humano da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Centro de Valorização da Vida (CVV), Programa Vidas Preservadas, Ministério Público do Estado do Ceará, Associação para o Desenvolvimento dos Municípios do Estado do Ceará (APDMCE), além de contar com o apoio do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) e da SaferNet. E agora, o programa já conta com outras parcerias das novas instituições de ensino superior, somando 27 instituições no total. O sistema foi desenvolvido pela Ilhasoft e a identidade visual é da Agência Nativa.

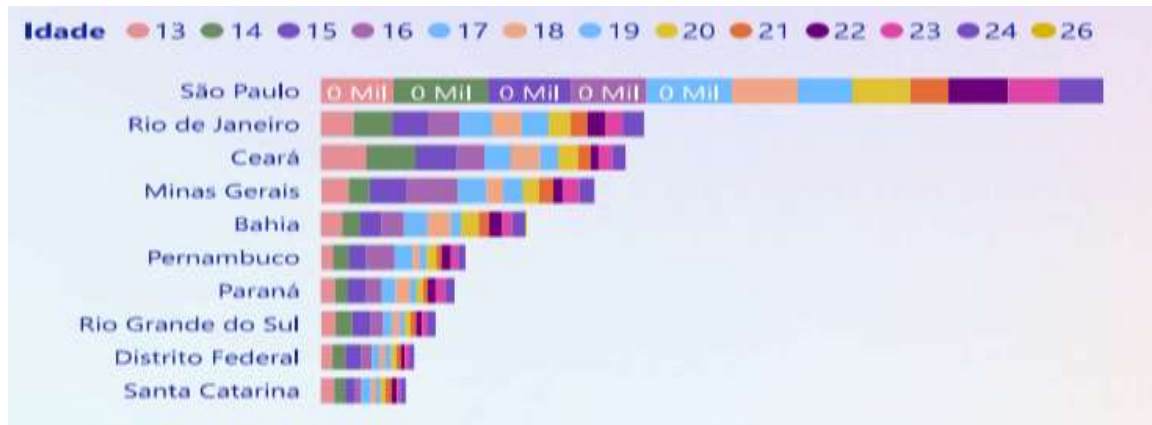
Figura 5 – Total de atendimentos finalizados por mês em 2021.



Fonte: Pode Falar (2021).

Assim, com a chegada da pandemia da COVID 19, chega, conjuntamente, uma quebra na rotina dos nossos adolescentes, trazendo, consequentemente, para a maioria deles, vários medos: de adoecer e morrer; perder as pessoas que amam, os meios de subsistência ou não poder trabalhar durante o isolamento e ser demitido; ser excluído socialmente por estar associado à doença; ser separado de entes queridos e cuidadores devido ao regime de quarentena; não receber um suporte financeiro; transmitir o vírus a outras pessoas etc.

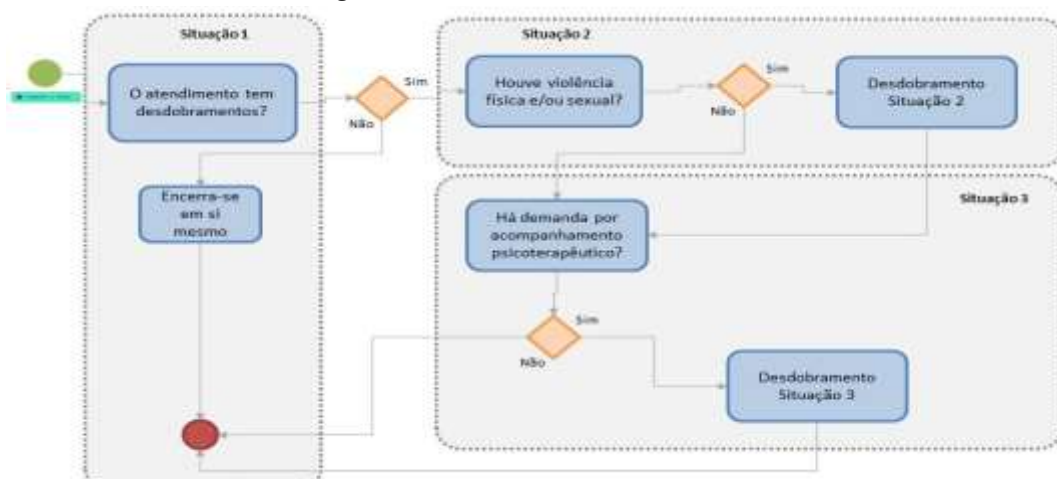
Figura 6 – Quantidade de usuários por estado e idade em 2021.



Fonte Pode Falar (2021).

É esperado também a sensação recorrente de impotência perante os acontecimentos, irritabilidade, angústia e tristeza. Assim sendo, o programa em apreciação surge como uma alternativa para os primeiros cuidados em saúde mental e bem-estar desses adolescentes, trazendo a necessidade da criação e ampliação de redes de apoio, como o Pode Falar. O programa possui um grupo de atendentes qualificados distribuídos em todo o Brasil. Todos os/as atendentes passam por uma formação inicial e continuada durante todo o ano como uma forma de melhorar seus atendimentos. A linha de atendimento do Programa do Pode Falar segue um modelo de fluxo.

Figura 7 – Fluxo de atendimento Pode Falar.



Fonte: Pode Falar (2021).

O fluxo de atendimento está dividido em três situações: 1) Durante o acolhimento o atendente deverá estar atento para os seguintes casos. Houve ou não desdobramentos. Se não houve desdobramento, o atendimento encerra-se nele mesmo. Neste caso, o atendimento segue o fluxo comum da escuta acolhedora. Começa nele e nele encerra-se. Após todo esse procedimento o atendente realiza as recomendações para a finalização e palavras a serem ditas ou registro após o atendimento. Ocorrendo desdobramento, ou seja, durante o atendimento o(a) adolescente ou o(a) jovem relata que foi vítima de violência física e/ou sexual. Aqui a situação já muda: o atendimento não se encerra nele mesmo e a pessoa atendida informa que é vítima de violência física e/ou sexual. Neste caso, é fundamental que o atendimento siga o seguinte fluxo com a opção mais viável para aquele caso

1. A pessoa é informada de que deve fazer uma denúncia para a ouvidoria do CNMP, ligando para o número X.
2. A pessoa é informada de que deve fazer uma denúncia para o conselho tutelar mais próximo (é importante, nesse caso, pedir informações sobre a localidade da pessoa, para que possa repassar para ela o telefone, o endereço do conselho tutelar mais próximo).
3. A pessoa deve ser orientada a pedir ajuda a alguém que seja de sua confiança e que possa ajudá-la no processo de denúncia. Nestes casos, podem ser sugeridas a escola na qual a pessoa estuda (um(a) professor(a) de confiança; uma coordenadora pedagógica; um(a) psicólogo(a)).
4. É importante informar a pessoa que, caso ela deseje, é possível que o Pode Falar informe para a ouvidoria do CNMP a situação dela.
5. É importante informar o Disque 100 e o Disque 180 para que a pessoa tenha possibilidade também de ligar.
6. É fundamental que o(a) atendente tenha em mãos número telefônico de instituições que compõem a rede de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes (essa informação variará de lugar para lugar).

O fluxo também traz a terceira situação: há demanda por acompanhamento psicoterapêutico? Se não houve esta demanda, o atendimento encerra-se nele mesmo, o atendente realiza as recomendações para a finalização e palavras a serem ditas ou registro pós atendimento. Ocorrendo a demanda por acompanhamento psicoterapêutico, o atendimento não se encerra nele mesmo, pois a pessoa atendida precisa de ser encaminhada para serviço psicoterapêutico. Importante que essa informação seja repassada, caso haja solicitação por parte da pessoa atendida. O atendimento então deve encaminhar da seguinte maneira:

1. Saber se a pessoa já tem acompanhamento psicoterapêutico, caso tenha, orientar para que a pessoa procure o/a psicoterapeuta que a acompanha.
2. Caso a pessoa já tenha psicoterapeuta, porém não deseja continuar com ele/ela, orientar para que a pessoa procure outro/a psicoterapeuta.
3. Procurar saber se a pessoa tem assistência médica privada e caso tenha, sugerir que seja procurado um/a psicoterapeuta e marcada uma consulta o quanto antes;
4. Caso a pessoa não tenha assistência médica privada, sugerir que a pessoa procure a rede de assistência psicossocial do seu estado, da sua cidade (neste caso, a depende da região, do estado e da cidade, devemos ter em mão uma lista desse serviço e saber como ele pode ser acessado, dizendo dias e horários, se possível também número telefônico, e-mail, endereço de site).

5 ANÁLISE EM MOVIMENTO

Aos que não desistem do amor, da luta, da labuta! Aos que não desistem da ternura e daquela solidariedade incessante e itinerante! Aos que não verdade; Na unidade; Na liberdade! Aos que não desistem da construção dessa Nação; No pampa; Nas florestas; No sertão! Aos que não desistem; Da noite; Da madrugada; De um amanhecer. Aquele novo dia; Para retomar direitos, afetos; E a sonhada democracia! Antes que tarde! Pois soa o alarde; E o toque de avançar! Aos que não desistem; De lutar, Unir, resistir, Libertar! No andar certo: Nenhum passo atrás, Nenhuma estagnação, Um só coração! Organizar, Unir, Ampliar, Resistir, Avançar! Reencantar! Esperançar! Revolucionar! (Jussara Cony).



Fonte: desenho feito pelo autor e nomeado de Arthur na árvore lendo um livro, para ressaltar que o processo de escrever é encontrar lugares, dentro de si e até mesmo próximos da natureza, 2023.

Vez por outra o professor Hugo chamava por Arthur. E lá estava ele: pendurado nos galhos mais altos da árvore do seu quintal. Lá era o lugar preferido que Arthur lia as entrevistas. Assim vejo um Arthur, hoje sou outro: de ouvidos mais atentos e coração mais ‘acolhe-dor’.⁸ As análises a seguir fluem como um “diálogo-mar”, ora vem, ora vai; o leitor(a) é convidado(a) a sentir o balançar: é análise em movimento. É preciso mesmo fazer as páginas dançarem no compasso das ondas do mar. Há momentos que as falas convidam ao início, lá onde mora a introdução, todavia há instantes de mar bravio que chamamos Barbier, Freire e Rogers para

⁸ Acontecimento potente da vivência do mestrado: quando se vê já não é mais o mesmo.

dialogar com as entrevistas também. Uma ressalva é que os nomes reais, por questões éticas e de sigilo, foram substituídos por nomes de outras pessoas importantes para mim que justifico também a seguir. Assim, em ‘infinitas possibilidades’, item seguinte, analisaremos (ou melhor, vamos dialogar com) as entrevistas, nessa sequência:

1. Noêmia (minha mãe, mulher de força e coragem, guerreira representando uma atendente-docente).
2. Antônio Clementina (minha segunda mãe, a quem devo tudo mesmo não estando mais entre nós, foi uma mulher guerreira, representando uma atendente docente).
3. Karinne (minha irmã, mulher determinada, representando uma atendente-docente).
4. Iris (minha prima, minha irmã. Mulher de força, louca, mas que sempre lembrarei de você. Alegria de toda a minha infância. Sinto até hoje sua falta. Representando uma professora).
5. Josefa (minha avó paterna, apesar da distância física, sempre admirei sua força e determinação, representando uma professora).
6. Maria (uma das melhores professoras que tive na educação básica. Ela sim foi luz, me ajudou a sonhar e ver a doçura da vida, representando uma professora).
7. Clesia (minha amiga de toda hora, como sua amizade foi importante durante aqueles momentos conturbados durante o período escolar, representando uma professora).

5.1 INFINITAS POSSIBILIDADES

O movimento inicial traz o vento promissores das análises das atendentes do Pode Falar. Entre os dias 16/02/2023 e 28/02/2023, foi disponibilizado o texto e a imagem⁹ de pedido de participação na pesquisa nos grupos¹⁰ do WhatsApp. Assim, foram inscritos sete atendentes-docentes que atuam como voluntários no Pode Falar. Além de atendendo do programa, atuam na educação básica de ensino e superior; nos outros grupos de docentes da educação básica e superior foram inscritos dez, sendo nove da educação básica e apenas uma do ensino superior.

Sobre os atendentes-docentes, apenas três foram selecionados: baseado nos perfis dos inscritos que mais se aproximasse do perfil desejado e exporto nos grupos para pesquisa “que fosse docente e voluntário no Pode Falar”. E, no grupo dos docentes, dos dez inscritos foram selecionadas quatro: escolhemos um dos anos finais do ensino fundamental, duas do médio e

⁹ Encontram-se no apêndice.

¹⁰ Um grupo formado pelos voluntários do Pode Falar e outros grupos de docentes da educação básica especificamente nas etapas (anos finais ensino fundamental, médio) e no ensino superior.

uma do superior, isso nos levaria a fazer uma reflexão de como a escuta está sendo feito entre os adolescentes em cada etapa e nível de ensino tanto na educação básica quanto superior.

As entrevistas ocorreram entre os dias 13/03/2023 a 20/03/2023, por meio do Google Meet e de acordo com a disponibilidade de cada inscrita. Cada imagem a seguir das abayomis¹¹ anuncia a chegada das considerações sobre a oralidade temática de cada uma das atendedoras-docentes.

“As principais queixas estão relacionadas com conflitos familiares.”

(Noêmia, atendente-docente do Pode Falar).



Fonte: desenho feito pelo autor e nomeado de atendedoras docentes, para imageticamente trazer de alguma forma a ilustração dessas participantes e agradecer, 2023.

Noêmia, atendente-docente do Pode Falar, há um ano, graduada em Psicologia, com mestrado e doutorado em Educação, atua na Educação Superior¹² e se encontra na área da educação há vinte anos. Danielle, todavia, escuta sem se cuidar: não realizando nenhum acompanhamento terapêutico. Pelo artigo 43 da LDB, a educação superior, onde Noêmia atua, tem por finalidade:

- I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II – formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;
- III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

¹¹ Encontro precioso em yourubá. Representam mulheres negras e a maioria das atendedoras docentes.

¹² A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), marco de um processo amplo de reestruturação da educação superior no Brasil. Nesse contexto, a análise da educação superior no viés legal constitui um debate voltado para eficácia das diretrizes.

IV – promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V – suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII – promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição¹³.

Noêmia indica que a maior parte dos adolescentes que buscam ajuda é de 13 a 24 anos, com as seguintes especificidades:

Olha no que eu pude perceber é de 13 anos, mas a gente já pegou gente com 24 né? teve até uma pessoa que ultrapassou, mas a gente entendia que estava dentro da margem da discussão. Então, a gente também atendeu, mas é isso. De 13 a 24. Eu vejo mais gente normalmente assim do que tem aparecido dos relatos ali perto dos 18 e 17 anos né? Assim acho que 16 a 17 é onde a gente encontra mais pessoas, mas também temos muitos universitários e jovens né de 17 a 22 anos é muito variado. (Entrevista com Danielle).

Sobre as principais queixas que os(as) adolescentes alegam durante os atendimentos, tem-se como marco principal os conflitos familiares, mas não para por aí. Vejamos:

A gente tem visto discutido muito sobre a questão de relações familiares. As principais queixas estão relacionadas com conflitos familiares. Problemas com o pai, mãe. A não aceitação de determinadas coisas. É o que a gente tem visto mais, é tal provável que passamos a estudar mais sobre isso. Relações familiares, gênero. Tem muita gente também tem muitas questões relacionadas a gênero. O que a gente acha engraçado a diferença das queixas dos meninos e das meninas assim a gente percebe que as meninas assim quando eu falo de gênero no sentido do relacionamento entendeu? Então as meninas têm muito a questão de relacionamentos abusivos ela se queixa muito de relacionamentos abusivos, de situações aí eu acho que eu tô com o namorado mas eu não sei se a minha relação é bacana e tal e os meninos ele se queixam muito de não ter namorada né ele não ter alguém e tal. A gente tem que perceber isso pelo menos nos atendimentos, a gente percebe essa diferença as meninas reclamando muito das questões de relacionamento e os meninos querendo se relacionar mas não consegue, não conseguem se comunicar bem com os namoradas ou namorados. (Entrevista com Noêmia).

No caminho de compreender o que os (as) adolescentes esperam do atendimento, tem-se a resposta como elemento principal. Porém, o Pode Falar não realiza escuta psicoterapeuta, mas terapeuta e empírica, bem como não se cria vínculos e apresenta como princípio crucial a escuta sem julgamento.

Muitos vem querendo uma resposta né? Vem querendo o que é que eu faço, será que eu tô num relacionamento abusivo, será que eu devo acabar com meu namorado, então

¹³ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 20 mai. 2023.

alguns querem uma questão mais imediata de uma resposta mas como a gente nunca conduz dessa forma né ? **(Noêmia, explica que o programa só realizar a escuta)** Pela própria proposta do Pode falar ser de escuta a gente nunca se coloca nessa posição, a gente evita se colocar nessa posição de orientação, de nem de orientação, mas determinação do que a pessoa deve fazer ou não né? Então a gente tem trazido a escuta né? E aí no final ele sai aliviados orientados e aí dá certo. (Entrevista com Noêmia, grifos nossos).

Conforme Freire, “Não é difícil perceber como há umas tantas qualidades que a escuta legítima demanda do seu sujeito. Qualidades que vão sendo constituídas na prática democrática de escutar.” (1996, p.61). No que diz respeito de como se caracterizam os espaços de escuta que os(as) adolescentes têm acesso fora do Pode Falar, como em suas casas, escolas, universidade ou entre amigos. Noêmia introduz:

A impressão que passa é que não há escuta não né? Assim é tanto que eles procuram o Pode Falar por conta disso sim né? Os que a gente tem atendida porque não conseguem conversar com os pais ou tem medo de conversar não consegue conversar com os amigos; outros relatam assim eu tenho uma amiga que eu confio e o que eu digo né as coisas, mas a maioria não esses espaços parecem não existir tanto **em relação à família, escola e igreja** não. (Entrevista com Noêmia).

Na perspectiva de Noêmia, os adolescentes avaliam o Pode Falar positivamente, agradecendo o momento de escuta, pois “[...] relatem que nem em casa e na escola conseguem esse tipo de conversa” (Entrevista com Noêmia). A escola deveria ser um espaço de escuta, porém segundo esta, a “[...] escola é um lugar que eles vão mas eu não vi uma um comentário tão grande não sobre ela eu não vou saber responder essa não.” (Entrevista com Noêmia). Corroborando com o que foi dito por Danielle, a mesma pontua com ênfase que o professor não é visto como profissional da escuta: “Olha isso aí não há relato mesmo, não aparece, não aparece professor, professora. Parece amigo amigas não é que eu não sei nem dizer sessão da escola, mas o professor não tem aparecido não nos relatos dele” (Entrevista com Noêmia). Sobre políticas públicas ao adolescente, especialmente as que valorizem a escuta, Noêmia pontua a ausência.

O jovem pobre a gente tem muito pouco, a gente tem muitas políticas no sentido de controlar esse jovem né tipo pensando políticas medidas socioeducativas ou políticas que venham aprisionado né? Cuidados a gente tem pouco. Espaço da fala do jovem seja na saúde, seja na educação, seja na assistência social e, então, eu penso eu espero que a gente tenha mais possibilidades agora. E que esses jovens possam ser mais ouvido não só no sentido da educação né? Porque a política educacional já é em si, mas pensando essa escuta a gente precisa ainda avançar um pouquinho. (Entrevista com Noêmia).



“Os adolescentes trazem é que a escola não tem esse espaço de escuta.”

(Antônia Clementina, atendente-docente do Pode Falar).

Fonte: desenho feito pelo autor e nomeado de Antônia Clementina e seus alegre jardim, para lembrar da simplicidade e alegria dessa participante, 2023.

Antônia Clementina, atendente-docente do Pode Falar, pedagoga, mestranda em educação inclusiva e faz acompanhamento terapêutico, atou no Ensino Médio. A Lei n.º 13.415/2017¹⁴ alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio. A mudança tem como objetivos garantir a oferta de educação de qualidade a todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade.

Sara afirma que os(as) adolescentes que buscam ajuda apresentam entre 13 anos a 18 anos e que “[...] reclamam que não tem esses espaços ne em casa, nem na escola, é isso.” (Entrevista com Antônia Clementina). Aproximando-se do objetivo geral desta dissertação, notamos o quão é importante a escuta. “Eles esperam ser acolhidos. Eles precisam de alguém para validar o que eles estão sentindo, já que eles não têm esse acolhimento no ciclo onde eles vivem” (Entrevista com Antônia Clementina). Fora do Pode Falar não há outro espaço de escuta, são lugares hostis: família, casa, escola, vejamos:

São lugares que parecem ser bem hostis. A família nem parece no geral assim, por ser caracterizada muito hostil e de violência e de controle e não escola também. Não a vejo como acolhedoras, é o que eles trazem. Esses espaços deveriam ser falsa colhedores acabam que são espaços para ele e aí eles buscam pode falar. (Entrevista com Antônia Clementina).

“A escola é hostil, e isso acaba ficando difícil prestar atenção, estudar.” (Entrevista com Antônia Clementina).

A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das ideias. Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. Precisamente porque escuta, sua fala discordante, em sendo afirmativa, porque escuta, jamais é autoritária. (FREIRE, 1996, p. 61).

O(a) adolescente não relata ter um(a) professor(a) como alguém da sua confiança ou com uma sensibilidade para a escuta. “Não. Eles não têm. Não lembro de nenhum ter me falado,

¹⁴ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 20 maio 2023.

- ah eu tenho um professor como uma pessoa que me escuta. Eles sempre falam de um amigo, ou família. Eu até achava que o professor era essa pessoa, mas não...” (Entrevista com Antônia Clementina). Ferreira (2022) nos traz que se a criança e o adolescente não têm com quem falar sobre seus receios e sonhos dentro de casa, então, recorre provavelmente às redes sociais digitais, pois, com respostas rápidas, irão se comunicar com quem, apesar da distância física, se tornam próximas e presentes no cotidiano. As questões dos conflitos familiares trazidos por Noêmia aqui se costuram como as observações de Antônia Clementina:

Olha na grande maioria sim. Teve uma menina que falou que tinha muita dificuldade de confiar nas pessoas e que estava atrapalhando o relacionamento dela com o namorado dela, e ela sofreu abuso por alguém da família que era um membro muito importante que ela confiava muito, sofreu abuso por muito tempo e isso chegava a estragar outras questões, mas quando a gente começa a conversar aí eles trazem a família sempre. Os problemas que eles trazem sempre estão relacionados à família diretamente ou indiretamente. [...] A configuração da escola ainda é um modelo muito engessado, muito tradicional. Mesmo que tenha outras escolas com outros modelos bem progressistas né? Com outro modelo com outra dinâmica entre professor e aluno, mas no geral parece que a gente acha muito arraigado. E, tudo isso, ainda é muito forte. E por cima de muita formação continuada, eu acredito que ajudaria muito. Como professor, precisamos sair do centro e ouvir. (Entrevista com Antônia Clementina).

Quando o professor procura conhecer mais profundamente o pensamento de seu aluno vai construindo uma compreensão empática. É por essa percepção sensível que cresce a possibilidade de uma aprendizagem significativa. (ROGERS, 1975, p. 113-114).



“A queixa dos (as) adolescentes é de não se sentirem acolhidos no ambiente da escola.”

(Karinne, atendente-docente do Pode Falar).

Fonte: desenho feito pelo autor e nomeado de Karinne banhada de mar, para exaltar a infinita força dessa participante, 2023.

Karinne, atendente-docente do Pode Falar, formada em Psicologia, atua há mais de 24 anos na área de educação e faz acompanhamento terapêutico. Atendeu mais adolescentes dos 15 a 18 anos que se encaixavam inclusive de não se sentirem acolhidos na escola. Ou seja, não viam a escola como um espaço de escuta.

A queixa desses adolescentes e dessas adolescentes de jovens geralmente no sentido de não ter um canal de escuta e não se sentirem acolhidos no ambiente da escola e não terem confiança de abrir os seus problemas para o contexto familiar. Muitos relatam a questão de não ter amigos que não ter pessoas em quem confiar. Então fazem passa muito esse sentimento de eu sou só eu não sei a quem recorrer não sei quem vai me ouvir. Então é esse espaço desses grupos na maioria das vezes não são acolhedores e aí essa sensação de estar só com um problema com angústia com o sentimento que não sabe muitas vezes definir ele tem medo. (Entrevista com Karinne).

Karinne afirma haver uma postura de gratidão para quem é atendido no Pode Falar. “Avaliavam no final né como um momento de alívio da sua atenção do seu do seu sofrimento geralmente esse sentimento de gratidão era muito frequente se sentir acolhido e dizer que estava mais aliviado.” (Entrevista com Karinne). A escola é vista como local de não-escuta, porém sabemos que tanto há escolas como famílias que escutam, não podemos generalizar.

Eu lembro de duas situações específicas apenas em que no caso uma jovem de um jovem em que eles colocaram e destacaram na presença de um professor de uma professora que os escutavam. Mas nos demais sempre havia uma queixa de caracterizar o espaço escolar ou o espaço da própria faculdade como um espaço de sofrimento e hostil em que eles não se sentiam à vontade para demonstrar seus sentimentos ou buscar acolhimento. (Entrevista com Karinne).

O que reverbera em seus aspectos emocionais e ainda reflexos, inclusive, da Pandemia. Sabemos que o simples fato de já ouvir alguém já proporciona alívio. “Não me lembro de ter escutado nenhum relato positivo da escola.” (Entrevista com Karinne).

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação. (FREIRE, 1996, p. 61).

Na interpretação da tirinha do Quino, a seguir, destacamos as seguintes reflexões de Karinne sobre “o que fazemos do que escutamos?”

Figura 8 – Tirinha do Quino



Fonte: Kbook (2011)

Somos levados a refletir sobre toda escuta requer uma fala como resposta? Uma fala, no sentido de ordenar, faz isso, faça aquilo? A pessoa que está sendo escutada ela quer realmente ser escutada? Falar desse processo de escuta acolhedora, ele deve ser um falar que estimula a fala do outro. Ela deve abrir o canal e mostrar o outro que a gente estava exporto a ouvi-lo. Essa fala deve ser um incentivo para o outro se senta à vontade, acolhido, uma fala que tem empatia e sem julgamento. (Entrevista com Karinne).

Corroborando com a escuta do Pode Falar, que é uma escuta sem julgamento. É preciso acolher e ter compaixão pelos sentimentos. Da imagem acima (tirinha de Quino), referente às três mafaldas, temos sobre cada uma, na perspectiva da atendente-docente Karinne:

- A na mãozinha na boca quer dizer que: o que estou ouvindo aqui não vou sair falando para o mundo, o cuidado com o que se falar, e com o que escuto nos atendimentos, tem todo anonimato e sigilo.
- A segunda imagem da mãozinha no ouvido: representa uma escuta centrada, equilibrada ou seja, eu vou escutar o outro, eu não vou me escutar, meus julgamentos, meus valores, para ler, ouvir e julgar o outro. Eu encaro essa mãozinha no ouvindo como, eu não vou ouvir os preconceitos, as coisas que estão socialmente pré-estabelecidas, eu vou ouvir é esta pessoa. É uma escuta mais simbólica¹⁵, uma escuta com o coração. Não é a mera escuta da voz.
- E a imagem com os olhos fechados, representa que: o que estou ouvindo daquela pessoa, eu não estou ali para vigiar, pra ver, no sentindo de denúncia, mas estou ali para observar em outra perspectiva que não é a de julgar é não ouvir os preconceitos¹⁶.

Ou seja, três lições cruciais: 1) o sigilo da escuta; 2) vou escutar com o coração, sem pré-julgamentos; 3) escutar não como ferramenta de controle/poder, mas como potencial transforma-dor. Prosseguindo, sobre quais as principais dificuldades encontradas durante seus atendimentos ao realizar essa escuta por meio de uma plataforma digital, Karinne destaca a questão da conexão. Às vezes a própria conexão.

Quando eu ficava sem conexão, e eu acabava deixando a pessoa no vácuo né? É uma dificuldade real que a gente está sujeita, e uma outra dificuldade. é o fato de você não ouvir a pessoa ter uma voz é muito importante eu digitar às vezes não consegue expressar a sua forma mais plena o que ela está sentindo ou que ela tá querendo dizer até pela própria limitação do trato como escrita que muitos jovens. É uma dificuldade até de entender a forma que não estava se expressando escrito e você precisar pedir muito explique melhor isso fale mais sobre isso. O número de atendimentos que chegava também me trazer muita dificuldade. Tinha dia que chegava muitos de uma só vez e para você focar em um só caso era difícil para mim. (Entrevista com Karinne).

¹⁵ É necessário ter sensibilidade.

¹⁶ É perfil dos atendentes do Pode Falar: não julgar.

Quando questionada se há políticas públicas que priorizem a escuta, Karinne afirma ser nossa grande carência hoje.

As pessoas estão precisando de canais de escuta e não é visto iniciativa por parte de políticas públicas, mas da iniciativa de grupos específicos como nós temos aí, Pode Falar, CVV O Núcleo do Cuidado Humano, dentro da Universidade. Estamos carentes, enquanto sociedade, de políticas públicas DE ESCUTA DE ACOLHIMENTO E DE SAÚDE MENTAL, pra nossa população. (Entrevista com Karinne).

Rogers (1973), com o resgate do humano em sua cognição, psicomotricidade e afeto, refunda o olhar sobre a educação. A saber, para Rogers, é o humano que se deve escutar, é dele que devem partir as demais definições:

Foi ouvindo pessoas que aprendi tudo o que sei sobre pessoas, sobre a personalidade sobre as relações interpessoais. Ouvir verdadeiramente alguém resulta numa outra satisfação especial. É como ouvir a música das estrelas, pois por trás da mensagem imediata de uma pessoa qualquer que seja esta pessoa, há o universal (ROGERS, 1987, p. 5).

Iniciamos com a água que cura as emoções. Podemos alcançar a cachoeira dos indicadores do pré-escuta sensível:

Figura 9 – Cachoeira dos indicadores da pré-escuta sensível

diálogo reciprocidade ausência de julgamentos
sensibilidade empatia confiança



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Compreendemos a escuta sensível como o movimento do desaguar de uma cachoeira. Mergulhando em Rogers, se a escuta é própria da água, a empatia é o seu fluxo. Quem escuta sensivelmente sente e percebe o mergulho do outro, sem julgamentos. Vamos agora escutar as professoras?

*Foi nos bailes da vida ou num bar
Em troca de pão
Que **muita gente boa pôs o pé na profissão**
De tocar um instrumento e de cantar
Não importando se quem pagou quis ouvir
Foi assim*

*Cantar era buscar **o caminho**
Que vai dar no sol
Tenho comigo as lembranças do que eu era
Para cantar nada era longe tudo tão bom
Até a estrada de terra na boléia de caminhão
Era assim*

*Com a roupa encharcada e a alma
Repleta de chão
Todo artista tem de **ir aonde o povo está**
Se for assim, assim será
Cantando me disfarço e **não me canso**
de viver nem de cantar*

(Milton Nascimento, grifos nossos).

Foi entre os dias 16/02/2023 a 28/02/2023 que se disponibilizou nos grupos do WhatsApp formados por docentes da educação básica especificamente nas etapas (anos finais ensino fundamental, médio) e do ensino superior, o texto e a imagem trazia uma mensagem de pedido de participação na pesquisa, onde os mesmos se encontram no apêndice. As entrevistas ocorreram entres os dias 13/03/2023 a 20/03/2023, por meio do Google Meet e de acordo com a disponibilidade de cada inscrita. São as professoras: Iris, Josefa, Maria e Clesia. Sejam bem-vindas, professoras. Chamaremos uma a uma, respectivamente, também trazendo uma abayomi em sua chegada.

Fonte: desenho feito pelo autor e nomeado de Chegada da professora Íris, 2023.

Chamo Iris, nossa Professora Iris.

Licenciada em Química. Atua na educação há 6 anos, no ensino médio da rede pública.



[...] foi do **início da minha formação, minhas primeiras experiências** que foram com alunos do **EJA**. Então naquele momento, eu tive alguns alunos rebeldes com vários problemas em relação ao álcool e, como eu trabalhava no noturno era um público difícil de você lhe dar em todos os sentidos. Até para introduzir ciências era muito difícil. Então acabou você repensando, ficando um pouquinho desmotivada pensa em até desistir e aí quando na prática você repensando como introduzir sua prática. Eu acho que foi um caminho duplo. Por meio das minhas práticas eles começaram a ter uma vida mais próxima da ciência. E eu comecei a entender o que eu podia fazer para eles. Eu tenho certeza de que no decorrer das práticas e do ano letivo, dessas experiências eles começaram a olhar de outra forma..” (Professora Iris).

Nos anos 1990, Paulo Freire atualiza o debate sobre a educação de adultos conceituando-a em associação à Educação Popular. Diz Freire (1993):

O conceito de Educação de Adultos vai se movendo na direção de educação popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras. Uma destas exigências tem que ver com a compreensão crítica dos educadores do que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular. Não é possível a educadoras e educadores pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade. O que acontece, no meio popular, nas periferias das cidades, nos campos – trabalhadores urbanos e rurais reunindo-se para rezar ou para discutir seus direitos -, nada pode escapar à curiosidade arguta dos educadores envolvidos na prática da educação popular. A Educação de Adultos, virando Educação Popular, se tornou mais abrangente (FREIRE, 1993, p. 16).

Adotamos o pensamento de Paulo Freire para conceber a EJA como uma modalidade da Educação Popular cujo seu objetivo é ser “[...] facilitadora da compreensão científica que grupos e movimentos podem e devem ter acerca de suas experiências” (FREIRE, 2011, p. 23). Concebe-se, então, a partir do pensamento de Freire, que a EJA vai além de fornecer letramento linguístico-matemático, ou o ensino de quaisquer disciplinas. A EJA, em sua essência, deve fornecer ao educando a compreensão de sua posição no mundo, enquanto cidadão ativamente participativo na sociedade, essa participação dá-se a partir do exercício da ação-reflexão de homens e mulheres, mediados pelo planeta, com a intenção de modificá-lo. Vamos continuar o diálogo a partir de uma escuta da saúde mental: a professora Iris destaca a depressão e conflitos familiares, bem como ansiedade, como as principais emblemáticas apresentadas na sala de aula. Uma ressalva é a fragilidade da saúde mental de quem cuida, pois, ainda segundo Iris, quando questionada “por quais profissionais os(as) professores(as) são escutados? Responde:

Não são escutados né? Hoje a gente só tem os momentos de reunião planejamento, mas que não é o momento de escuta né? Não é aquela coisa horizontal né? Cada um dentro do seu. Vamos dizer assim, tem muitas dificuldades de relacionamento, porém

a escola é tranquila de você trabalhar. Então assim, não tem essa de pensado: vamos ver o que tá acontecendo com os professores.

A professora Iris afirma não ter estudado em sua trajetória formativa sobre o processo de escuta, não saber sobre Pedagogia da escuta, mas fica curiosa em saber do que se trata. Segundo Freire (2011, p. 133), “[...] o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história”. Mas, reconhece a importância da escuta: “[...] por que é só a partir da escuta né? que você consegue entender o outro ou fazer a relação acontecer. a escutar é o momento para entender elaborar o que você, e dentro da escola é importante, mesmo eu nunca ter parado para analisar a escuta nesse sentindo que estamos falando aqui. então a escuta precisa estar presente ao longo do processo formativo.



Convido agora a Professora de Língua Portuguesa, Josefa para entrar na roda.

Atua no EJA e Ensino Médio, já se encontra há 12 anos na área da educação e atua na rede pública de ensino.

“Os **adolescentes têm muitas crises existenciais** nesse período, mas eu posso me lembrar por exemplo o ano passado quando a gente tava com problema com adolescente específico né? **Ele estava com algumas crises mesmo. Crises psicológicas.** Ele chegou a fazer alguns atos um pouco pesados indo para escola envolvendo **até sangue para chamar atenção** e eu tive uma conversa com ele assim no intervalo bem tranquila eu falei assim para ele: Você não precisa fazer isso você só precisa fazer aquilo que você acha que vai te trazer um futuro algo que lá na frente seja uma base para você hoje em dia e ele falou assim: ah professora você não tem medo de mim? Eu falei: **eu não tenho medo de você.** Porque o que você está fazendo aí não me traz medo. Desse dia em diante, eu pude ver assim, que ele era um aluno muito inteligente apesar de ter dificuldade de aprendizado e ele falava assim todos os dias. Ele me pediu um abraço né? falava assim: você não precisa me dar um abraço, aí ele falava assim - mas eu preciso dizer para a senhora que eu tô feliz eu falei assim só você estudar fazer atividade constrói aí a tua vida e você vai me mostrar que você tá feliz, você não precisa ter atos para me mostrar que você tá feliz de maneira violenta **de maneira ruim muito melosa.** Digamos assim. Esse foi um dos relatos né? A gente tem vários principalmente porque com advento das tecnologias né? Os recursos tecnológicos na vida das crianças a gente vê que mudou muito essa questão interativa e que os próprios alunos eles não sabem interagir e eles precisam de muito muita ajuda eles acabam tomando decisões que às vezes nem só aquilo que eles querem é só algo que vai chamar a atenção.” (Professora Josefa, grifos nossos).

Fonte: desenho feito pelo autor e nomeado de Josefa entrou na roda, 2023.

A professora Josefa também destaca o *bullying*:

Uma das questões que a gente tem mais contato, é o *bullying*. a questão do *bullying* é muito grande. Como eu trabalho com o ensino médio a gente esbarra numa realidade

social em que se acredita que o jovem não precisa mais desse acompanhamento né? E acaba com que muito se sentem pouco abandonados né? Pela família e gerenciar os sentimentos nesse momento da puberdade é bem complicado de você muito bem orientado né? Fora isso, falta de suporte público das outras instituições mais próximas.

Bem, temos um processo circular em que: comunicação não violenta através da escuta gera entendimento. Caso retiremos a escuta enquanto elemento mediador, o que acontece? A comunicação se torna violenta e prevalecente. Logo, é na escuta que reduzimos as inúmeras formas de violentar e maltratar. E, reafirma a importância da escuta: “acredito que a escuta seja algo fundamental sim. não somente no espaço escolar, mas também essas demandas da vida, o ser humano ele não aparenta ser um animal individual né?”. Considerando firme o nosso caminho que diz em Freire:

O processo de escuta é a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isso não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isso não seria escuta, mas autoanulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das ideias. Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. (FREIRE, 2011, p. 117).

Vale ressaltar que o termo *bullying* é de origem inglesa e significa aterrorizar, maltratar, intimidar. Compreendido como sendo toda forma de agressão física ou verbal, praticada de modo contínuo, sem motivo aparente, provocando sequelas que vão de caráter emocional até a aprendizagem. É um fenômeno que apresenta características próprias sendo definido por Chaves e Souza (2018, p. 1) como:

[...] fenômeno composto de violência física e psicológica realizadas intencionalmente contra um indivíduo específico considerado frágil e inferior pelo agressor. O bullying proporciona consequências negativas de curto e longo prazo a todos os envolvidos e apresenta-se potencialmente relacionado à negação e não aceitação do outro.

As pesquisas atuais que diz respeito ao bullying no âmbito escolar (AGUIAR; BARRERA, 2017; CANAVEZ, 2015; SOUZA; SILVA; FARO, 2015; FRANCISCO; COIMBRA, 2015; MATA DIZ; MARTINS, 2017), na sua maioria, o apresenta vinculado à compreensão conceitual e referem-se à prevenção, o combate e a erradicação do mesmo.

Maria, pedagoga, mestra em Filosofia e doutoranda em Educação, também aluna de Psicologia.



“Estou desde 1999 na educação. Estou com 24 ANOS risos...”

É com a gargalhada da Professora Maria que iniciamos esse diálogo para espantar o que nos horroriza:

- Temos um índice muito grande de alunos ansiosos e essa ansiedade...
- Alunos que se cortam bastantes. Alunos com depressão...

Fonte: desenho feito pelo autor e nomeado Maria e sua rosa, para ilustrar a participante Maria e o perfume de rosa que ela deixou neste trabalho, 2023.

Nas considerações de Paulo Freire:

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos . (1991, p. 126).

A violência não é uma, mas múltipla, pois trata-se de um processo social complexo e diverso. O impacto da mesma é tanto o de produzir a desigualdade como provocar uma dinâmica de enfrentamentos. Implica, com isso, a negação da diferença, da tolerância e das oportunidades. Como conseqüente, traduz-se em prejuízo, dano ou sofrimento e infringe o pacto social de convivência, de garantia de direitos e de modo civilizatório fundado nos direitos humanos. A violência pode ser gerada por muitos fatores e a cada novo estudo, novas possibilidades de geração da violência são apontadas.

O que especifica a violência é o desrespeito, a negação do outro, a violação dos direitos humanos. Compreende-se o *bullying* como uma subcategoria de um processo de violência maior. Cury (2002) reflete a respeito das práticas de violência que perpassam o ambiente escolar e evidencia o direito à educação compreendendo as dimensões de igualdade, qualidade, acesso e apreço à tolerância, pois, segundo ele, a escola não é por natureza, local de violência. A escola deve ser o lugar onde os conflitos se resolvem pela palavra (CURY, 2002, p. 23). A transparência e impessoalidade, autonomia e participação, liderança e trabalho coletivo, responsabilidade e competência, para o autor, são peças-chave para a efetivação da gestão democrática.

Apresentar um conceito de violência requer uma certa cautela, isso porque ela é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável. Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série

de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais. (ABRAMOVAY, 2005, p. 53).

E, apesar de valorizar a escuta como elemento de transformação do cenário aqui relatado, a professora Maria não a conhece: “Eu não conheço a pedagogia da escuta. Não tive tempo de procurar de ler, enfim. Não conheço nada ainda.”

É chegada a hora da Professora Clesia. Formada em Ciência Biológica.

Atua nas séries finais do ensino fundamental. E está na área da educação faz oito anos.



As temáticas que os adolescentes mais apresentam em sala de aula são: Ansiedade, depressão, não tem momentos de conversa com a família...

Se desejamos ser ouvidos, precisamos buscar ajuda fora da escola, terapia e psicólogo.

Na realidade, não temos ainda esses espaços de escuta nas escolas, e algo muito novo. (Professora Clesia).

Fonte: desenho feito pelo autor e nomeado de Clesia é guerreira, para representar todas as professoras militantes dos direitos humanos e da educação, 2023.

Bem, faz-se uma necessária compreensão de que a escola é

Lugar onde se faz amigos, [...]gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. [...] e a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão.[...] nada de ser como a o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. [...] numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz (FREIRE, 2011, p.61).

A educação permite que as pessoas possam ser reconhecidas como protagonistas na construção de uma sociedade democrática e menos violenta, assim como o reconhecimento do outro como sujeito de direitos fortalece os laços de solidariedade. Faz-se mister a abertura, a reciprocidade e o compromisso. A primeira permite a disponibilidade para compartilhar experiências, ideias. A reciprocidade é vista como interação na qual duas presenças se revelem mutuamente, aceitando-se e intercomunicando-se e ao mesmo tempo, mantendo sua originalidade e liberdade.

A escola tem, de acordo com Saviani (2008), a função de socializar os conhecimentos produzidos pelos homens. Inferindo, com isso, que a instituição de ensino é responsável pelo

processo de humanização dos indivíduos. Assim, a escola deve surgir como um espaço estratégico para o desdobramento de uma política voltada ao exercício da cidadania, do resgate e afirmação dos valores morais e éticos e, essencialmente, da prática da inclusão, o que engloba que os adolescentes são escutados pelos professores. É esta escola que quero contribuir na “(re)criação”!

Já podemos alcançar a ciranda de fogo ‘transform-a-dor’: com indicadores da pós escuta sensível:

Figura 10 – Indicadores da pós escuta sensível



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Não retornaremos às águas, vamos deixar incendiar. Ser, como diria Eduardo Galeano, fogueirinhas, que “[...] incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo.”

*“Transborda no meu coração só amor
Desde o momento que eu te vi, não pude acreditar
Mas se eu não conseguir, vem me amar
Várias queixas
Várias queixas de você
Por que fez isso comigo?
Estamos juntos e misturados...”*

(Afro Jhow, Germano Meneghel, Narcisinho).

Vamos agora dialogar com as professoras juntas e misturadas sobre como se dá a escuta na escola e compreendermos as queixas que podem ser desconstruídas para além desta dissertação. Assim, somando as vozes das professoras Iris, Josefa, Maria e Clesia, sobre escuta, temos as seguintes considerações: Iris destaca a ausência do profissional específico de escuta na escola. “O profissional específico para isso não. NÃO TEMOS. A gente tem os professores, alguns professores, a coordenação. A coordenação acaba se tornando essa ponta para muitos alunos. E isso, quando os alunos têm muita afinidade.”. Que há o estigma do professor de exatas optar pelo distanciamento do aluno, mas que não é seu caso e nem o caso de todos. Inclusive, com a disciplina projeto de vida no novo ensino médio, o professor tem a oportunidade de conhecer melhor a turma e, com isso, se aproximar do aluno.



Então aí, você vai pensar, conviver, ouvir, dialogar, trabalhar com esses alunos todo ano letivo, nessa disciplina específica nas outras é mais o pancadão um pouco mais difícil. Eu vejo que os professores das exatas, nem todo né? Acabam tendo uma resistência em relação a se aproximar do aluno. Isso também pode acontecer com os profissionais dos humanos. Lá na escola tem um professor, eu acho que ele é de geografia ele também tem uma resistência tem essa dificuldade de conhecer o aluno ele gosta de manter o aluno de uma certa distância. (Professora Iris).

Sobre se a Professora Iris se considera uma profissional que realiza a escuta ou que também é escutado (a)? Ela responde: “Como sempre não. Não temos esse espaço para sermos escutado. Agora, escutar é um pouco mais difícil. Mas eu busco né?”.

Quando questionada sobre como se caracterizam os espaços de escuta que os(as) alunos(as) têm dentro da escola que atua, a mesma nos surpreende com a negativa:

No estado (escolas do estado) **não existe**. Quando pensam e querem, eles são escutados por alguns professores que tem essa característica, aliás esse perfil, ou a coordenação também. Agora eu lembrei - que existia um projeto específico lá da prefeitura porque infelizmente **tivemos um aluno a dois anos cometeu suicídio do primeiro ano. Ele era muito, muito querido da nossa escola que sofria depressão**. E aí a gente conseguiu um projeto municipal ter um psicólogo disponível na escola uma vez por semana, **só que acabou que esse projeto não se deu durante um ano**. eles estavam precisando ter esse contato direto com esse profissional.” (Professora Iris).

Assim, a ausência de projetos como o mencionado por Iris e outros que poderiam ser ampliados pelas políticas públicas com atenção à escuta dos(as) adolescentes seguem sendo ‘urgenciados’ na comunidade escolar, o que só destaca a importância do Pode Falar. A professora Josefa pode acrescentar sobre quem escuta o aluno(a):

O profissional que escuta o aluno é o próprio professor né? No passado a gente tinha um profissional que estava disponível para os alunos para os que possuíam um laudo com alguma deficiência necessidade especial. Mas hoje em dia, a gente não tem e esse profissional, ou seja, único profissional que faz escuta na escola seria a gente mesmo e a gente encaminha para os profissionais mais adequados ou talvez o conselho tutelar ministério público e depois disso né? Eles dão sempre um parecer para a gente, mas nada permanente nada que vai fazer muita diferença né? (Professora Josefa).

A Professora Josefa valoriza, inclusive, as novas mudanças ocorridas do novo Ensino Médio. “Nesse novo ambiente do ensino médio, tivemos bastantes formações. Por conta do ministério da educação, da secretaria de educação estadual. Eles focaram muito nessa formação da escuta.” (Professora Josefa). Ainda na voz, a professora:



Dentro dessa nova forma do ensino médio das disciplinas afins que nós temos aí projeto de vida projetos integrados de ensino a gente trabalha assim essa escuta do aluno né? Apesar de que institucionalizou minimamente praticamente nada na escola falta de tempo profissional né mas dia a dia a gente trabalhou o diagnóstico da escuta do aluno para dar início né? Ela exige essa demanda essa carga mais pessoal. (Professora Josefa).

Já a professora Maria traz a problemática da medicalização na educação. É necessário refletir que a Pedagogia da Escuta reduz a possibilidade da medicalização. Não estou, com isso, desmerecendo o potencial biomédico, mas compreendo que talvez seja cabível tentar escutar, conhecer, saber sobre o sintoma, antes de silenciá-lo com medicamentos. Contraditoriamente na fala da professora Maria:

Eu acredito que 80% dos estudantes são ansiosos, e tem algo muito relacionado à família a questão social mesmo. E eu defendo muito se alguém tiver uma necessidade inicialmente ser medicado eu acredito que precisa sim, porque tem situações que só terapia não resolve né, então a medicação pode entrar aí inicialmente para ajudar esse

*Olha eu
de novo*



jovem ou adolescente né, nessa sua vida na sua queixa o processo de terapia porque o índice maior é esse desejo nas escolas. Hoje a indisciplina muitas vezes ela está relacionada a isso né. (Professora Maria).

A professora Clesia, por sua vez, acrescenta que “[...] os professores em geral, de hoje em dia não tem sentimentos, cheios de compromissos, acabam não realizando isso em suas práticas ou sala de aula.”. Retorno nessa análise em movimento, com a imagem da cachoeira e do fogo, no sentido de que a sensibilidade é algo necessário para haver o processo de escuta e que este último beneficia a comunidade escolar como um todo. Vamos chegando próximos da conclusão com essa mensagem: **professores(as), não vamos perder a nossa sensibilidade!**

CONSIDERAÇÕES INFINDAS¹⁷

A barba de Paulo Freire transformava-se em raízes profundas e ainda era possível avistar uma ramagem bem verde: a escrevivência das considerações finais não foi possível, mas sim das considerações infindas, aquelas que se iniciam com ousadia, porém não alcançamos o seu fim.



*[...] Amanhã, está toda
esperança,
Por menor que pareça, que
existe é pra vicejar,
Amanhã, apesar de hoje,
Será a estrada que surge, pra
se trilhar,
Amanhã, mesmo que uns não
queiram,
Será de outros que esperam,
ver o dia raiar,
Amanhã, ódios aplacados,
temores abrandados,
Será pleno, será pleno[...]
(Caetano Veloso).*

Como diria Drummond, “[...], ainda é cedo, amor; Mal começaste a conhecer a vida; Já anuncias a hora de partida; Sem saber mesmo o rumo que irás tomar...” Ainda é cedo, mas já podemos falar de alguns frutos. Desejo ser livro, artigo, capítulo de livro, multiplicar. Mas, por

¹⁷ No dicionário, “sem fim”.

hora, ficamos felizes (a quem ler explico a existência aqui do singular e ora plural, porque me sinto tão perto do orientador professor Hugo que aqui pluralizo, sinto que somos eu e ele nessa construção). E sim, fico feliz e ficamos felizes no tocar os objetivos primeiros desta dissertação. A sensação é de compromisso cumprido, missão alcançada, ainda que paradoxalmente é como voltar ao início: tudo volta ao começo, para começar diferente. Pintei um pássaro em seu ninho para se reunir ao diálogo:

“Um passarinho pediu a meu irmão para ser sua árvore.

Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.

No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola.

No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo mais do que os padres lhes ensinavam no internato.

Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.

Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul.

E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida no tronco das árvores só serve pra poesia.

No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores são vaidosas.

Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se transformara, envaidecia-se quando era nomeada para o entardecer dos pássaros

E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos brejos.

Meu irmão agradecia a Deus aquela permanência em árvore porque fez amizade com muitas borboletas.”

(Manoel de Barros, grifo nosso).



O objetivo geral foi alcançado à medida que se torna urgente a importância do Pode Falar devido à necessidade dos(as) adolescentes serem escutados e de esse proceder fazer a diferença na vida dos(as) mesmos(as). Ainda sobre os objetivos, mas se referindo aos específicos, conseguimos (não consegui sozinho) descobrir as queixas advindas de adolescentes atendidos no e pelo Programa Pode Falar, são elas: ansiedade, depressão, falta de alguém que os escute na escola e na família, problemas em relacionamentos amorosos, são as principais queixas. Podemos analisar como os(as) atendentes do Programa Pode Falar atuam no atendimento de adolescentes que procuram ajuda: tendo sensibilidade; não julgando; atendendo de forma empírica, acolhendo e tendo compaixão pelos sentimentos. E, ao estabelecer uma

relação entre o atendimento no Pode Falar e a escuta sensível de professores e professoras de adolescentes, tivemos uma grande surpresa: a escola não vem se apresentando como lugar de escuta. É uma ‘não-escola’, um ‘não-lugar’.

Os indicadores da pré escuta sensível, ou seja, elementos cruciais para conseguir ouvir sensivelmente representam os achados: empatia, reciprocidade, sensibilidade, confiança, diálogo e ausência de julgamento. Sendo representados pelas águas (cachoeira). Os indicadores da pós escuta sensível sendo: intuição, transformação, encorajamento, sensibilidade e aprendizado. Sendo representados pelo elemento fogo (ciranda de fogo). Como descoberta, percebeu-se que a categoria sensibilidade é comum tanto na pré como na pós escuta sensível. Vamos, então, exercitar a sensibilidade.¹⁸

A sensibilidade é uma prontidão de vida, que é um exercício da intuição e do pensamento. Está relacionado com emoção, sentimento e sensação. Primeiro a sensação, sente a emoção de dentro para fora, num estado de prontidão, compreende o espaço interno, como uma alquimia, que preenche o microcosmo, que provoca sentimento, como uma elaboração, que decanta (CRUZ, 2005, p. 90, grifos nossos).

Eu, o Arthur de hoje, defino a escuta como um processo que ocupa um *entre* que antecede o escutar e o que foi ressignificado pela escutatória. Nesse espaço transitório há no mínimo dois seres que são transformados. Bem, as considerações infundas é nosso descanso mais inquieto. Nela repousam as últimas palavras desta dissertação, mas o incômodo para muitas outras serem debatidas.

Concluimos, então, que nem a escola e nem a família são culpadas. Na realidade, este trabalho não tem o teor de encontrar algum vilão, mas sim alcançar os objetivos acima estudados, compreendendo o que acontece para haver uma escuta reprimida. Dessa forma, percebemos a carência de um espaço que abrace essa possibilidade, não enquanto não-lugar da família ou não lugar da escola, mas um entre-lugar. Um lugar que costure a família e a escola numa proposta dialógica: o Pode Falar é uma possibilidade que, sim, beneficia a comunidade pesquisada.

¹⁸ Algo ainda revolucionário no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M; RUA, M. G. **Violências nas Escolas**: versão resumida. Brasília: UNESCO, 2003.
- AMATUZZI, M. M. Que é ouvir. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 86-97, 1990.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BARBIER, R. **Escuta sensível na formação de profissionais de saúde**. In: CONFERÊNCIA NA ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FEPECS-SES-GDF, Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.saude.df.gov.br/FEPECS>. Acesso em: 12 dez. 2021.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- BENETTI, S. P. *et al.* Adolescência e saúde mental: revisão de artigos brasileiros publicados em períodos nacionais. **Revisão Review Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, 2007.
- BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten? **Developmental Review**, v. 27, p. 90-126, 2007.
- BOCK, A. M. B. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. A Miséria do Mundo. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007 pp. 693-713.
- BRASIL (2020a). **Boletim Epidemiológico nº 7**. Publicado em 06 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/Abril/06/2020-04-06>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- BRASIL. (2020b). Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico nº 8**. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/Abril/09/be-covid-08-final-2.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2021.
- BRAYNER, F. **Educação e Republicanismo**: experimentos arendtianos para uma educação melhor. Brasília: Liber Editora, 2008.
- BULLOCK, J. **Bullying entre crianças**. Educação Infantil, v. 78, n. 3, 130-133, 2002.
- COELHO, W.; SILVA, C. Sociabilidade e Discriminação entre grupos de adolescentes-juvenis no Ensino Médio. **Educação Unissinos**, v. 23, n. 2, 2019.
- CRUZ, M. C. M. T. **Para uma educação da sensibilidade: a experiência da Casa Redonda Centro de Estudos**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CRUZ, N. M. L. V. *et al.* Apoio psicossocial em tempos de COVID-19: experiências de novas estratégias de gestão e ajuda mútua no sul da Bahia, Brasil. **APS em Saúde**, v. 2, n. 2, p. 97-105, 2020.

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

FERREIRA, H. M. **A geração do quarto**: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

FILHO, E. S. S.; CORREIA, L. C. S.; LIMA, P. R.; GOMES, H.; JESUS, A. G. O suicídio no Estado do Tocantins. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 12, p. 712, 2019.

GOLBERSTEIN, E. *et al.* Coronavirus disease 2019 (COVID-19) and mental health for children and adolescents. **JAMA pediatrics**, 2020.

GOODSON, Ivor F. **Dar voz ao professor**: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. IN.: NÓVOA, Antônio. (Org). Vidas de professores. Porto, Portugal: Porto Editora, 2007. p. 63 – 78.

GRAMINHA, S. S. V.; MARTINS, M. A. O. Procura de atendimento psicológico para crianças: características da problemática relatada pelos pais. **Psico**, v. 25, n. 2, p. 53-79, 1994.

KIRÁLY, O. *et al.* Preventing problematic internet use during the COVID-19 pandemic: Consensus guidance. **Comprehensive Psychiatry**, 100, p. 152180, 2020/07/01/ 2020.

LATGÉ, P. K.; ARAUJO, D. N.; JUNIOR, A. G. D. S. Comunicação, educação e vigilância popular em saúde em tempos de COVID-19 - a experiência das comunidades de Niterói, RJ. **APS em Saúde**, v. 2, n. 2, p. 122-127, 2020.

LOPES, A. A. N. Programa de reducción del comportamiento agresivo entre estudiantes. Em C. B. Silva & C. M. Lisboa (Eds.), **Violencia escolar**. Santiago de Chile: Universitaria, p. 297-335, 2005.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte, Humanitas, 2009.

MARTURANO, E. M.; TOLLER, G. P.; ELIAS, L. C. DOS S.. **Gênero, adversidade e problemas socioemocionais associados à queixa escolar**. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 22, n. 4, p. 371–380, out. 2005.

Nota Técnica Covid-19 nº 048/2020. GOVERNO DO ESTADO DE ESPÍRITO SANTO. SESA/SSAS/GROSS/NEAE - Recomendações à Rede de Atenção Psicossocial sobre estratégias de organização no contexto da infecção da Covid-19 causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV2), orientando que os pontos de Atenção da RAPS, gestores e profissionais adotem procedimentos quanto ao funcionamento. Vitória, 2020.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. E.; KESSLER, F. H. P. “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 42, n. 3, p. 232-235. Doi: <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>. Acesso em: 12 dez. 2021.

OSÓRIO, L. C. **Família Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PRIME, H.; BROWNE, D. T.; WADE, M. Risk and Resilience in Family Well-Being During the Covid-19 Pandemic. **American Psychologist**, v. 75, n. 5, p. 631-643, 2020.

RODRIGUES, D. N.; MONTEIRO, M. D. S. Saúde Mental de Crianças e Adolescentes. **Revista Extensão**, v. 5, n. 1, 2021.

ROSSI, L. M. *et al.* Crise e Saúde Mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 3, 2019.

SALES, J. R. Estudo sobre a clientela da área de saúde mental em Varginha. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 9, n. 1, p. 22-26, 1989.

SANTOS, H. M. R. D. Os desafios de educar através da Zoom em contexto de pandemia: investigando as experiências e perspectivas dos docentes portugueses. **Práxis Educativa**, v. 15, n. e2015805, p. 1-17, 2020.

SKLIAR, C. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2019.

SOUZA, R. M. **O discurso do protagonismo juvenil**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SOUZA, K.; UNHA, M. X. C. Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. **Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 3, n. 3, p. 204-217, 2019.

VALLE, I. R.. **A reprodução de Bourdieu e Passeron muda a visão do mundo educacional**. *Educação e Pesquisa*, v. 48, p. e244296, 2022.

ZANDIFAR, A.; BADFRAM, R. Iranian mental health during the COVID-19 epidemic. **Asian Journal of Psychiatry**, n 51, p. 101990. Disponível em: <https://covid-19.CONACYT.MX/JSPUI/BITSTREAM/1000/1090/1/105411.PDF>. Acesso em: 26 nov. 2021.

ZHANG, J.; WU, W.; ZHAO, X.; ZHANG, W. Recommended psychological crisis intervention response to the 2019 novel coronavirus pneumonia outbreak in China: a model of West China Hospital. **Precision Clinical Medicine**, v. 3, n. 1, p. 3-8. Doi: **Erro! A referência de hiperlink não é válida..** Acesso em: 24 set. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION *et al.* **Saúde Mental**: nova concepção, nova esperança, World Health Report, 2001.

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista Semiestruturada para os (as) atendentes¹⁹

Agradecemos o aceite para responder a presente entrevista que tem por objetivos identificar as principais queixas advindas de adolescentes atendidos no e pelo Programa Pode Falar; analisar como os (as) atendentes do Programa Pode falar atuam no atendimento de adolescentes que procuram ajuda. Explicitando que não se trata de caráter fiscalizatório, ao contrário, de busca de conhecimento através da prática dos atendentes. Os blocos foram construídos sendo nutridos pelas palavras chaves desta dissertação, são elas: Adolescentes, Docentes, Escuta Sensível e Pode Falar. Que constam dos termos sublinhados em cada título dos blocos.

Bloco 1. Identificação dos atendentes-docentes

Nome:

Sexo:

Estado:

Qual a sua primeira ou principal formação em licenciatura?

Atua na rede: pública () privada ()

Desempenha a atividade de docência na educação: () Básica () superior

Se for na educação básica. Em que etapa você desempenha a função?

() Ensino Fundamental

() Ensino Médio

A quanto tempo atua na área da educação?

A quanto tempo participar como voluntário (a) no Pode Falar?

Bloco 2. Perfil dos (as) adolescentes atendidos

1) Qual a faixa etária dos (as) adolescentes que buscam ajuda durante seus atendimentos?

2) Qual (is) a (s) principal (is) demandas e/ou queixas que os (as) adolescentes alegam durante os atendimentos?

3) O que os (as) adolescentes esperam do atendimento?

4) Como se caracterizam os espaços de escuta que os (as) adolescentes têm acesso fora do Pode Falar, como em suas casas, universidade ou entre amigos?

5) Como os (as) adolescentes avaliam o Pode Falar na sua perspectiva?

¹⁹ Link do referido formulário: <https://forms.gle/5rHy8SLdLMJv6Ai6>. Criado em: 15 jan. 2023 e esteve disponível para inscrição entre 16 fev. 2023 a 28 fev. 2023.

Bloco 3. O ser atendente-docente

- 1) Como os (as) adolescentes atendidos se sociabilizam no ambiente escolar ao seu ver? Eles conseguem ter a escola também como um espaço de escuta?
- 2) Os (as) adolescentes atendidos se encontram no ano correspondente e esperado pela sua faixa etária?
- 3) Você tem conhecimento de como se caracteriza o desempenho escolar e assiduidade dos (as) adolescentes atendidos?
- 4) Os (as) adolescentes atendidos expressam se sentirem incluídos em sua sala de aula?
- 5) Durante os atendimentos o (a) adolescente relata ter o professor (a) com alguém da sua confiança ou com uma sensibilidade para a escuta?

Bloco 4. Escuta Sensível

- 1) O (a) adolescente atendido consegue verbalizar pelo menos um familiar que o (a) escuta?
- 2) Com qual (is) familiares o (a) adolescente atendido reside?
- 3) A demanda/ queixa que o adolescente atendido traz se remete direta ou indiretamente a alguma problemática familiar?
- 4) O (a) adolescente atendido relata caso de depressão ou comorbidades semelhantes na família?
- 5) A família do (a) adolescente atendido tem conhecimento que o (a) adolescente recebe assistência do Pode Falar?

Bloco 5. Os (as) atendentes do Pode Falar na prática escutatória

- 1) Você realiza algum acompanhamento terapêutico?
- 2) Observe a tirinha do Quino a seguir e aponte suas reflexões sobre “o que fazemos do que escutamos?”



- 3) Escute a canção A Banda, de Chico Buarque de Holanda, com atenção ao trecho “*Para ver, ouvir e dar passagem.*” Qual a relação (caso houver) entre os termos ver, ouvir e dar passagem?

Tocado pela canção e a posteriori pela reflexão que a movimentação, pense se para o (a) professor (a) que está ali todos os dias presencialmente em sala de aula, a prática da escuta se torna algo mais “fácil”? E, **diante disso, qual (is) as principais dificuldades encontradas durante seus atendimentos ao realizar essa escuta por meio de uma plataforma digital?**

4) Você considera que há políticas públicas que priorizem a escuta? Se sim, quais e como se configuram?

5) Para o professor(a) que está ali todos os dias presencialmente em sala de aula, a prática da escuta se torna algo mais “fácil”?

APÊNDICE B

Roteiro de Entrevista Semiestruturada para os(as) professores(as)

Chamo-me José Arthur da Silva Santos, mestrando no Curso de pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) em associação com a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

Sou atendente do Programa Pode Falar e estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada: A ESCUTA SENSÍVEL DE ADOLESCENTES NO PROGRAMA PODE FALAR ATRAVESSADA PELA **PERSPECTIVA DOCENTE**, sob a orientação do Prof. Dr. Hugo Monteiro Ferreira, que tem como objetivo geral:

Compreender a importância da escuta sensível no Programa Pode Falar, a partir da perspectiva de atendentes-docentes.

Sendo assim, conto com a sua colaboração para participar de uma entrevista sendo a mesma de fundamental importância para o desenvolvimento e construção da pesquisa.

Para participar da entrevista, é necessário preencher o pequeno formulário em que o link se encontra abaixo. Onde dependendo da sua disponibilidade e de alguns pré-requisito você será convidado(a) a participar da entrevista para conclusão da entrevista.

Pré-requisito:

- Ser docente e atuar na educação básica, especificamente nas series finais do ensino fundamental, ensino médio ou ensino superior

Agradecemos o aceite para responder a presente entrevista que tem por objetivo estabelecer uma relação entre o atendimento no Pode Falar e a escuta sensível de professores e professoras de adolescentes. Os blocos foram construídos sendo nutridos pelas palavras chaves desta dissertação, são elas: Adolescentes, Docentes, Escuta Sensível e Pode Falar. Que constam dos termos sublinhados em cada título dos blocos.

Bloco 1. Identificação dos professores (as)

Nome:

Sexo:

Estado:

Qual a sua primeira ou principal formação?

Atua na rede: pública () privada ()

Desempenha a atividade de docência na educação: () Básica () superior

Se for na educação básica. Em que etapa você desempenha a função?

() Ensino Fundamental

() Ensino Médio

A quanto tempo atua na área da educação?

Bloco 2. Os (as) adolescentes tem voz

1) Inspirados pela frase de Van Gogh “*Se escutar uma voz dentro de você dizendo 'Você não é um pintor', então pinte sem parar, de todos os modos possíveis, e aquela voz será silenciada.*”

Relate alguma vez que inspirou um (a) adolescente a continuar estudando e silenciar a voz de que não era capaz ou uma circunstância semelhante?

2) Os (as) adolescentes são contemplados por algum profissional específico da escuta na escola, como o psicólogo? Se sim, há diálogo entre psicólogo e docente a respeito, na medida do possível a ser dito, de como ajudá-lo?

3) Os (as) adolescentes afirmam se sentirem a vontade e acolhidos no espaço escolar diante da necessidade de serem escutados? A quem eles procuram nesses momentos?

4) Quais as temáticas que os (as) adolescentes mais apresentam em sala de aula?

5) Faz alguma relação entre a disciplina ensinada e a dinamicidade em o (a) aluno (a) se sentir mais a vontade para falar? Ou tal premissa é revelada como preconceituosa e tanto nas ciências exatas quanto em professores das ciências humanas, a escuta é fundamental?

Bloco 3. Os (as) Docentes tem voz

1) Já vivenciou algum processo formativo onde se era trabalhado a escuta?

2) Em seu planejamento didático de aulas consegue perceber se ele acolhe em alguma dimensão o processo de escuta?

3) Por quais profissionais os (as) professores são escutados? Percebe se há uma horizontalização no processo escutatório na relação profissional da escola. Assim: adolescentes também escutam professores? Ou os mesmos permitem ser ouvidos apenas por outros profissionais da gestão?

4) Na sua trajetória formativa (graduação inicial e afins) o que já estudou sobre o processo de escuta?

5) A escuta é vista por você como algo fundamental no espaço escolar? Por quê?

Bloco 4. A Escuta Sensível: acreditar na Pedagogia da Escuta

- 1) O que já ouviu falar sobre a Pedagogia da Escuta?
- 2) Um ensino democrático, construtivo, ético e contextualizado é fundado na autonomia da escuta, numa educação que valoriza o outro, na compreensão que este outro é um ser que constrói, desconstrói e reconstrói. **Você acredita que esse processo da autonomia da escuta ocorre na coletividade (no encontro) ou de forma individualizada (unilateral)? Explique.**
- 3) Sobre os dizeres de Paulo Freire sobre o processo de escuta: “[...] a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isso não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isso não seria escuta, mas autoanulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das ideias. Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura.” (FREIRE, 2011, p.117). **Você acredita que o (a) professor (a) que escuta é capaz de transformar o meio em que está inserido (a).**
- 4) Escutar a si mesmo é mais do que um componente no processo de formação do professor. Nóvoa (1995) discorre sobre a pertinência da indissociabilidade entre vida-formação-profissão docente. Nossas trajetórias profissionais dizem muito do que somos enquanto pessoas: quais palavras utilizamos, em quais ideologias acreditamos (e propagamos), de que lugar nós somos...ou seja, nos denunciam, desnudam, em um processo fluido, contínuo, dinâmico do que somos e não somos. Compreende-se, então, o que Nóvoa diz tão enfaticamente: “*O professor é a pessoa, e uma parte importante da pessoa é o professor.*” (Nóvoa, 1995, p.9). Você enquanto professor (a) se escuta?
- 5) Para Goodson (2007, p. 69), “*o ingrediente principal que vem faltando é a voz do professor. [...].* Necessita-se agora de escutar acima de tudo a pessoa a quem se destina o ‘desenvolvimento’.” Como aspectos que se entrelaçam na dinamicidade de uma bricolagem pedagógica, por seres individuais e coletivos ao mesmo tempo, a escuta sensível e a validação do Ser Professor são premissas fundamentais para uma formação coerente, criativa, competente e com possibilidades de esperanças num mundo cada vez melhor. Por fim, “*ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas*”. (FREIRE, 2011, p.75). **Você se considera um profissional que realiza a escuta ou que também é escutado (a)?**

Bloco 5. Pode falar professor (a)

- 1) Você considera que há políticas públicas que priorizem a escuta? Se sim, quais e como se configuram?
- 2) Para o professor(a) que está ali todos os dias presencialmente em sala de aula, a prática da escuta se torna algo mais “fácil”?
- 3) Como se caracterizam os espaços de escuta que os (as) alunos (as) têm dentro da escola que atua?
- 4) Os (as) alunos (as) expressam se sentirem incluídos em sua sala de aula?
- 5) Os (as) alunos (as) relatam ter o professor (a) como alguém da sua confiança ou com uma sensibilidade para a escuta?

APÊNDICE C

Texto e imagem usados no grupo do *WhatsApp* dos e das atendentes do Pode Falar, solicitação a colaboração na pesquisa.

Olá, queridEs!

Chamo-me José Arthur da Silva Santos, mestrando no Curso de pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) em associação com a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

Sou atendente do Programa Pode Falar e estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada: A ESCUTA SENSÍVEL DE ADOLESCENTES NO PROGRAMA PODE FALAR ATRAVESSADA PELA PERSPECTIVA DOCENTE, sob a orientação do Prof. Dr. Hugo Monteiro Ferreira, que tem como **Objetivo geral:**

Compreender a importância da escuta sensível no Programa Pode Falar, a partir da perspectiva de atendentes-docentes.

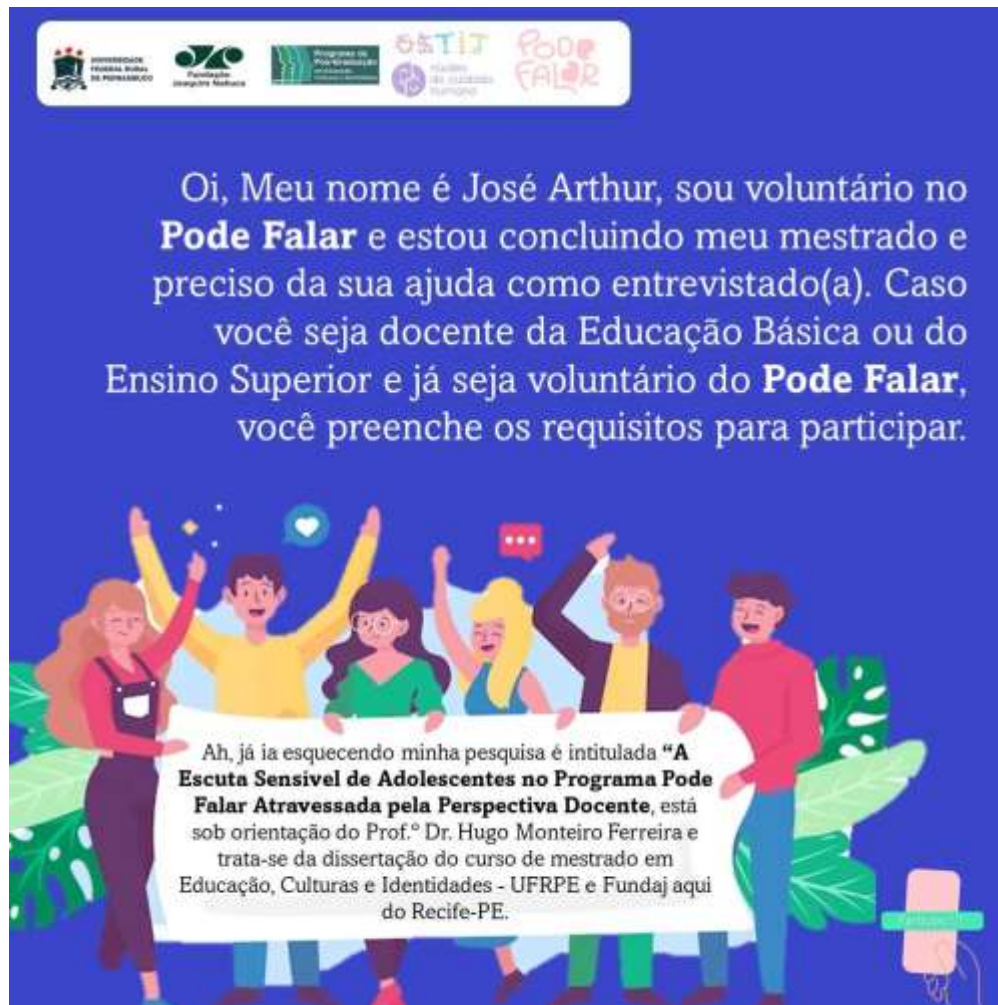
Sendo assim, conto com a sua colaboração para participar de uma entrevista sendo a mesma de fundamental importância para o desenvolvimento e construção da pesquisa.

Para participar da entrevista, é necessário preencher o pequeno formulário em que o link se encontra abaixo. Onde dependendo da sua disponibilidade e de alguns pré-requisito você será convidado(a) a participar da entrevista para conclusão da entrevista.

Pré-requisito:

Ser docente e atendente do Canal Pode Falar/ UNICEF

(Obs.: Docente que atua na educação básica, especificamente nas series finais do ensino fundamental, ensino médio ou ensino superior).









Oi, Meu nome é José Arthur, sou voluntário no **Pode Falar** e estou concluindo meu mestrado e preciso da sua ajuda como entrevistado(a). Caso você seja docente da Educação Básica ou do Ensino Superior e já seja voluntário do **Pode Falar**, você preenche os requisitos para participar.

Ah, já ia esquecendo minha pesquisa é intitulada "**A Escuta Sensível de Adolescentes no Programa Pode Falar Atravessada pela Perspectiva Docente**", está sob orientação do Prof.º Dr. Hugo Monteiro Ferreira e trata-se da dissertação do curso de mestrado em Educação, Culturas e Identidades - UFRPE e Fundaj aqui do Recife-PE.

APÊNDICE D

Formulário de manifestação de interesse de entrevistado/informante. (Formulário usado para os e as atendentes-docentes)

Você gostaria de participar da minha pesquisa?

Oi, tudo bom? Meu nome é José Arthur, estou concluindo o Curso de Mestrado em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI) pela UFRPE e Fundação Joaquim Nabuco, aqui em Recife-PE. Minha pesquisa é essa aqui: “A ESCUTA SENSÍVEL DE ADOLESCENTES NO PROGRAMA PODE FALAR ATRAVESSADA PELA PERSPECTIVA DOCENTE”.

Gostou do tema? Você pode me ajudar se dispondo a ser entrevistado, na data e horário mais conveniente para você.

Veja só, para ser entrevistado é preciso que você seja:

- ◆ **Ser docente e atendente do Pode Falar.**

(Obs.: Docente que atua na educação básica, especificamente nas séries finais do ensino fundamental, ensino médio ou no ensino superior)

Esta pesquisa tem como objetivo: **“Compreender a importância da escuta sensível no Programa Pode Falar, a partir da perspectiva de atendentes-docentes”**

IDENTIFICAÇÃO E CONTATOS DO VOLUNTÁRIO

1 Nome completo

2. Sexo/Gênero *

Mulher Cis Mulher

Trans Homem

Cis Homem

Trans Travesti

Não-Binário

Não quero informar

Outro:

3. E-mail *

4. Whatsapp *

5. Há quanto tempo você está como atendente do Pode Falar? *

Menos de 1 ano

Mais de 1 e menos de 2 anos Mais de 2 anos

DISPONIBILIDADE DE DIAS E HORÁRIOS

6. Qual a sua disponibilidade para agendarmos a entrevista?

Você diz sua * disponibilidade padrão e eu vou combinar e confirmar com você a data específica e o horário.

Segunda-feira, pela manhã

Segunda-feira, a noite

Terça-feira, pela manhã

Quinta-feira, pela manhã

Sábado, pela manhã

Sábado, a tarde

APÊNDICE E

Texto e imagem usados no grupo do *WhatsApp* dos e das docentes, solicitação a colaboração na pesquisa.

Olá, queridEs!

Chamo-me José Arthur da Silva Santos, mestrando no Curso de pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) em associação com a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

Sou atendente do Programa Pode Falar e estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada: A ESCUTA SENSÍVEL DE ADOLESCENTES NO PROGRAMA PODE FALAR ATRAVESSADA PELA PERSPECTIVA DOCENTE, sob a orientação do Prof. Dr. Hugo Monteiro Ferreira, que tem como objetivo geral:

Compreender a importância da escuta sensível no Programa Pode Falar, a partir da perspectiva de atendentes-docentes.

Sendo assim, conto com a sua colaboração para participar de uma entrevista sendo a mesma de fundamental importância para o desenvolvimento e construção da pesquisa.

Para participar da entrevista, é necessário preencher o pequeno formulário em que o link se encontra abaixo. Onde dependendo da sua disponibilidade e de alguns pré-requisito você será convidado(a) a participar da entrevista para conclusão da entrevista.

Pré-requisito:

- Ser docente e atuar na educação básica, especificamente nas series finais do ensino fundamental, ensino médio ou ensino superior

Figura 10 – Ilustração no viés de solicitar colaboração docente à pesquisa.



Oi, Meu nome é José Arthur, sou voluntário no **PODE FALAR** e estou concluindo meu mestrado e preciso da sua ajuda como entrevistado(a). Caso você seja docente da Educação Básica ou do Ensino Superior, você preenche os requisitos para participar.



APÊNDICE F

Formulário de manifestação de interesse de entrevistado/informante.

(Formulário usado para os e as docentes)

Você gostaria de participar da minha pesquisa?

Formulário de manifestação de interesse de entrevistado/informante

Oi, tudo bom? Meu nome é José Arthur, estou concluindo o curso de mestrado em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI) pela UFRPE e Fundação Joaquim Nabuco, aqui em Recife-PE. Minha pesquisa é essa aqui: “A ESCUTA SENSÍVEL DE ADOLESCENTES NO PROGRAMA PODE FALAR ATRAVESSADA PELA PERSPECTIVA DOCENTE”.

Gostou do tema? Você pode me ajudar se dispondo a ser entrevistado, na data e horário mais conveniente para você.

Veja só, para ser entrevistado é preciso que você seja:

Ser docente que atua na educação básica, especificamente nas series finais do ensino fundamental ou no ensino superior.

Esta pesquisa tem como objetivo: “Compreender a importância da escuta sensível no Programa Pode Falar, a partir da perspectiva de atendentes-docentes”.

IDENTIFICAÇÃO

1 Nome completo

3. E-mail *

4. Whatsapp *

2. Sexo/Gênero *

Mulher Cis

Homem Cis

Homem Trans

Travesti

Não-Binário

Não quero informar

Outro:

Está atuando na:

Educação Básica

Educação Superior

Desempenha a função na rede:

Pública

Privada

5. Há quanto tempo você está atuando na educação

Você leciona no:

Anos finais do ensino fundamental

Ensino médio

Ensino superior

DISPONIBILIDADE DE DIAS E HORÁRIOS

6. Qual a sua disponibilidade para agendarmos a entrevista?

Você diz sua * disponibilidade padrão e eu vou combinar e confirmar com você a data específica e o horário.

Segunda-feira, pela manhã

Segunda-feira, à noite

Terça-feira, pela manhã

Quinta-feira, pela manhã

Sábado, pela manhã

Sábado, a tarde

Obrigado pela a sua participação. Em breve entraremos em contato com você.

APÊNDICE G

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você não precisa me explicar porque, e não haverá nenhum tipo de punição por isso. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

Este TCLE se refere ao projeto de pesquisa “A ESCUTA SENSÍVEL DE ADOLESCENTES NO PROGRAMA PODE FALAR ATRAVESSADA PELA PERSPECTIVA DOCENTE”, cujo objetivo é “COMPREENDER A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA SENSÍVEL NO PROGRAMA PODE FALAR, A PARTIR DA PERSPECTIVA DE ATENDENTES-DOCENTES”. Para ter uma cópia deste TCLE você deverá imprimi-lo, ou deverá gerar uma cópia em PDF para guardá-lo em seu computador. Você também poderá solicitar ao pesquisador do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma entrevista online, constituído por “20” perguntas. Estima-se que você precisará de aproximadamente “50 minutos”. A precisão de suas respostas é determinante para a qualidade da pesquisa.

A entrevista será realizada no __/__/2023. Você não será remunerado, visto que sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntária.

O pesquisador garante e se comprometer com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

É garantido a você o direito a ressarcimento em caso de despesas comprovadamente relacionadas à sua participação no estudo, bem como, ao direito a indenização em caso de danos nos termos da lei.

Para contatar o pesquisador da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail, ligar ou enviar mensagem pelo *WhatsApp* para eles a qualquer momento:

- **E-mail:** arthrur.ufal1@gmail.com
- **WhatsApp:** (81) 99271-1198

APÊNDICE H**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO**

Eu, _____, portador da cédula de identidade nº _____, concordo em participar, na qualidade de sujeito da pesquisa. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa, o que terei que fazer, inclusive sobre os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação, e que esta decisão não me trará nenhum tipo de penalidade ou interrupção de meu tratamento.

Fui informado também que devo imprimir ou gerar um PDF do TCLE para ter a minha cópia do TCLE e que posso solicitar uma versão dele via e-mail para os pesquisadores.

() ACEITO PARTICIPAR

() NÃO ACEITO PARTICIPAR

Recife, _____ de _____ 2023

Assinatura do entrevistado: _____